



Mulher Migrante:

AGENTE DE
RESISTÊNCIA E
TRANSFORMAÇÃO

CENTRO SCALABRINIANO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS

Mulher Migrante:

AGENTE DE
RESISTÊNCIA E
TRANSFORMAÇÃO



Brasília, 2014

CSEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios

SRTVN Edifício Brasília Rádio Center

Conj. P – Quadra 702 – Sobrelojas 01/02

CEP: 70719-900 – Brasília/DF – Brasil

Telefone: (55) (61) 3327-0669

Email: csem@csem.org.br

Site: www.csem.org.br

Projeto gráfico e diagramação:

Alan de Carvalho

Elaboração: Equipe de Pesquisa do CSEM

Dra. Delia Dutra

Ms. Roberto Marinucci

Ms. Terezinha Santin

Tuíla Botega (mestranda)

Revisão do texto:

Tuíla Botega

Mulher Migrante: Agente de resistência e transformação / Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. – Brasília: Csem, 2014.

112 p. (Série Caminhos - 5)

ISBN: 978-85-87823-23-6

1. Migrações Internacionais; 2. Dimensão religiosa; 3. Mulheres migrantes.

CDD: 304.8



LISTA DE QUADROS E FIGURAS

FIGURA 1	Localização geográfica dos fluxos migratórios da pesquisa	12
QUADRO 1	Paraguaios no Brasil: ocupação, idade e escolaridade.....	32
QUADRO 2	Paraguaios no Brasil: Gostaria de mudar de emprego? Por quê?	35
QUADRO 3	Paraguaios no Brasil: O que você diria a quem quer deixar sua terra hoje e migrar?	39
QUADRO 4	Brasileiras nos Estados Unidos: ocupação, idade e escolaridade.....	47
QUADRO 5	Brasileiras nos Estados Unidos: Você pretende voltar a morar no seu país?	53
QUADRO 6	Haitianas na República Dominicana: ocupação, idade e escolaridade.....	57
QUADRO 7	Colombianas no Equador: ocupação, idade e escolaridade	66
QUADRO 8	Colombianas no Equador: frequência envio dinheiro família país de origem.	68
QUADRO 9	Colombiana no Equador: o que fez para superar dificuldades de acesso à documentação?.....	72
QUADRO 10	Filipinas na Itália: ocupação, idade e escolaridade	77
QUADRO 11	Nicaraguenses na Costa Rica: ocupação, idade e escolaridade.....	86
QUADRO 12	Nicaraguenses na Costa Rica: horas trabalhadas por dia, e dias trabalhados na semana.....	89
QUADRO 13	Nicaraguenses na Costa Rica: o que você diria a quem quer deixar sua terra hoje e migrar?	93



LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Total de migrantes: distribuição por país de origem e destino.....	23
GRÁFICO 2	Total de migrantes: distribuição por idade	23
GRÁFICO 3	Total de migrantes: Afiliação religiosa.....	25
GRÁFICO 4	Paraguaias no Brasil: distribuição por idade	29
GRÁFICO 5	Paraguaias no Brasil: Com quem mora atualmente?	30
GRÁFICO 6	Paraguaias no Brasil: O salário é suficiente para se sustentar?	34
GRÁFICO 7	Paraguaias no Brasil: Costuma enviar dinheiro para familiares no seu país de origem? Com que frequência?	34
GRÁFICO 8	Paraguaias no Brasil: dificuldades com moradia	37
GRÁFICO 9	Paraguaias no Brasil: dificuldades com documentação	38
GRÁFICO 10	Paraguaias no Brasil: motivos para retornar.....	40
GRÁFICO 11	Brasileiras nos Estados Unidos: relação idade vs. tempo morando no país	43
GRÁFICO 12	Brasileiras no Estados Unidos: escolaridade.....	44
GRÁFICO 13	Brasileiras nos Estados Unidos: dificuldades para reunião familiar.....	46
GRÁFICO 14	Brasileiras nos Estados Unidos: Costuma enviar dinheiro para familiares no seu país de origem? Com que frequência? .	49
GRÁFICO 15	Haitianas na República Dominicana: idade e anos de residência.....	55
GRÁFICO 16	Colombianas no Equador: escolaridade	61

GRÁFICO 17	Colombianas no Equador: relação idade vs. tempo morando no país	62
GRÁFICO 18	Colombianas no Equador: Com quem mora atualmente?....	63
GRÁFICO 19	Colombianas nos Equador: dificuldades para reunião familiar	64
GRÁFICO 20	Colombianas nos Equador: Você é a única provedora de renda da sua família no país de imigração?	68
GRÁFICO 21	Colombianas nos Equador: gostaria de mudar de emprego? Por quê?.....	69
GRÁFICO 22	Colombianas nos Equador: dificuldades com documentação?	71
GRÁFICO 23	Colombianas nos Equador: motivações para não retornar....	73
GRÁFICO 24	Filipinas na Itália: o que precisaria para trazer família para morar junto?	76
GRÁFICO 25	Nicaraguenses na Costa Rica: relação idade vs. tempo morando no país.....	83
GRÁFICO 26	Nicaraguenses na Costa Rica: escolaridade.....	83
GRÁFICO 27	Nicaraguenses na Costa Rica: dificuldades para reunião familiar.	84
GRÁFICO 28	Nicaraguenses na Costa Rica: Costuma enviar dinheiro para familiares no seu país de origem?	88
GRÁFICO 29	Nicaraguenses na Costa Rica: se sente discriminada no trabalho?	91
GRÁFICO 30	Nicaraguenses na Costa Rica: motivos para adiar a decisão de retorno ao país de origem.	94



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
INTRODUÇÃO	10
1. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS:	
A PROBLEMÁTICA DAS MULHERES MIGRANTES	14
<i>Delia Dutra / Tuíla Botega</i>	
2. METODOLOGIA DE TRABALHO E ANÁLISE DE DADOS.....	21
<i>Delia Dutra / Tuíla Botega</i>	
3. A DIMENSÃO RELIGIOSA.....	25
<i>Roberto Marinucci</i>	
4. PARAGUAIAS NO BRASIL.....	28
<i>Delia Dutra</i>	
4.1 Paraguias no Brasil: <i>a família</i>	30
4.2 Paraguias no Brasil: <i>o trabalho</i>	32
4.3 Paraguias no Brasil: <i>acesso a serviços</i>	36
4.4 Paraguias no Brasil: <i>políticas migratórias</i>	38
4.5 Paraguias no Brasil: <i>reflexões de migrantes</i>	39
5. BRASILEIRAS NOS ESTADOS UNIDOS	41
<i>Delia Dutra</i>	
5.1 Brasileiras nos Estados Unidos: <i>a família</i>	44
5.2 Brasileiras nos Estados Unidos: <i>o trabalho</i>	47
5.3 Brasileiras nos Estados Unidos: <i>acesso a serviços</i>	51
5.4 Brasileiras nos Estados Unidos: <i>políticas migratórias</i>	51
5.5 Brasileiras nos Estados Unidos: <i>reflexões de migrantes</i>	52
6. HAITIANAS NA REPÚBLICA DOMINICANA	54
<i>Delia Dutra</i>	
6.1 Haitianas na República Dominicana: <i>a família</i>	56
6.2 Haitianas na República Dominicana: <i>o trabalho</i>	57

6.3 Haitianas na República Dominicana: <i>acesso a serviços</i>	59
6.4 Haitianas na República Dominicana: <i>políticas migratórias</i>	59
7. COLOMBIANAS NO EQUADOR	60
<i>Delia Dutra</i>	
7.1 Colombianas no Equador: <i>a família</i>	62
7.2 Colombianas no Equador: <i>o trabalho</i>	65
7.3 Colombianas no Equador: <i>acesso a serviços</i>	70
7.4 Colombianas no Equador: <i>políticas migratórias</i>	71
7.5 Colombianas no Equador: <i>reflexões de migrantes</i>	72
8. FILIPINAS NA ITÁLIA.....	75
<i>Delia Dutra</i>	
8.1 Filipinas na Itália: <i>a família</i>	76
8.2 Filipinas na Itália: <i>o trabalho</i>	77
8.3 Filipinas na Itália: <i>acesso a serviços</i>	80
8.4 Filipinas na Itália: <i>políticas migratórias</i>	80
8.5 Filipinas na Itália: <i>reflexões de migrantes</i>	81
9. NICARAGUENSES NA COSTA RICA.....	82
<i>Delia Dutra</i>	
9.1 Nicaraguenses na Costa Rica: <i>a família</i>	84
9.2 Nicaraguenses na Costa Rica: <i>o trabalho</i>	85
9.3 Nicaraguenses na Costa Rica: <i>acesso a</i> <i>serviços e políticas migratórias</i>	92
9.4 Nicaraguenses na Costa Rica: <i>reflexões de migrantes</i>	92
10. CONCLUSÕES	95
<i>Delia Dutra</i>	
REFERÊNCIAS	98
ANEXO I	
Questionário	102
ANEXO II	
Relatório Pesquisa de Campo em São Paulo: <i>Ir. Terezinha Santin e Tuíla Botega</i>	106
ANEXO III	
Relatórios Pesquisa de Campo no Equador	110



APRESENTAÇÃO

"MULHER MIGRANTE: *Agente de resistência e transformação*" - com este título apresentamos a que se constitui a primeira pesquisa que o CSEM - Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios consagra de forma exclusiva à problemática das mulheres em diáspora.

Em 2009, o CSEM iniciou uma reflexão com o objetivo de qualificar seu trabalho no tocante à pesquisa. Realizaram-se várias reuniões com um grupo chamado *equipe interdisciplinar*, as quais colaboraram para o debate e reflexão referente às linhas e/ou abordagens de pesquisa do centro. A inquietação com a problemática das mulheres migrantes por parte da equipe CSEM e compartilhada com membros da equipe interdisciplinar ajudou-nos a avançar no processo e na tomada de decisão em relação às linhas de pesquisa que julgamos mais condizentes com os princípios do nosso Centro de Estudos.

Revisitando as pesquisas realizadas pela Equipe CSEM nos últimos 06 anos, destacamos as seguintes: "*Mudanças no percurso migratório de migrantes urbanos*" – ano 2007/2008; "*Protagonismo de migrantes brasileiros no exterior na promoção de direitos humanos: Elementos para um perfil do Associativismo brasileiro no exterior*" – ano 2007/2008; "*Obstáculos para a livre circulação de trabalhadores no Mercosul, Bolívia e Chile*" – ano 2010, as quais nos ajudaram a constituir um significativo banco de dados.

Isso nos levou a perceber que a questão religiosa perpassou, na sua transversalidade e/ou como categoria específica, todos os estudos. Entendemos que este é um foco que tem a ver diretamente com os objetivos do Centro e que nos caracteriza. Em outras palavras, *migração e religião*, ou as questões religiosas no processo migratório, são um elemento presente no âmbito de pesquisa e produção de textos do CSEM.

Já a linha de pesquisa sobre *Migrações e Direitos Humanos* é uma abertura do CSEM para temas gerais de migrações internacionais, eixo que se coloca como transversal em todas as pesquisas, e eventuais parcerias com a academia e com órgãos governamentais, a fim de atender a demandas específicas. Em



suma, as pesquisas e produtos já realizados neste âmbito são projetos específicos marcadamente oriundos de parcerias institucionais.

Dito isso, após vários encontros de reflexão e estudos, destacamos pelo menos duas linhas de pesquisa que assumimos como prioritárias para os próximos anos: "*Religião e migração*" - linha de pesquisa já consolidada, conforme apresentamos anteriormente; e a recém criada, "*Mulher migrante*", inaugurada pela presente publicação.

Essa nova linha de pesquisa se justifica, primeiramente, porque o CSEM tem sua missão voltada inteiramente para a migração; em segundo lugar, pelo fato de pertencer a um instituto religioso de ordem feminina, ou seja, porque a missão das missionárias Scalabrinianas se direciona aos migrantes em situação de vulnerabilidade, entre eles, as mulheres. Por fim, porque a feminização das migrações no mundo vem tomando proporções maiores e, assim sendo, cada vez mais evidenciada nos fluxos migratórios nacionais e transnacionais, revelando uma complexidade própria. Desta maneira reafirmamos as razões pelas quais escolhemos esta linha de pesquisa, que é integrante da identidade do CSEM e, concomitantemente, da Instituição MSCS da qual o CSEM é filiado.

Agradecemos sinceramente a todas as pessoas que nos ajudaram a pensar e chegar a esta decisão, de modo particular Ana Maria Nogales Vasconcelos, Tania Mara Campos, Pedro Russi, Yara Faria e Delia Dutra, nossa pesquisadora e colaboradora principal deste projeto. Agradecemos profusamente às Irmãs missionárias Scalabrinianas na pessoa de: Marizete Skiavon, Janete Ferreira, Elisete Signor, Melanie Illana, Josie Desamours, bem como à colaboradora Tuíla Botega, que dedicaram tempo e energias para trabalhar na aplicação dos questionários e envio dos mesmos à sede do CSEM, Brasília/DF.

Não podemos deixar de expressar nosso reconhecimento à Equipe Ampliada do CSEM que, em reunião trienal de trabalhos, acolheu a proposta, incentivou a realização deste projeto e dedicou tempo para a realização do trabalho de campo. A todos os nossos sinceros agradecimentos.

Com a mesma intensidade agradecemos ao Governo Geral MSCS que aprovou esta iniciativa, tanto na questão de trabalho quanto da liberação de recursos necessários para que este projeto pudesse ser concretizado.

Ir. Terezinha Santin, Diretora do CSEM
Brasília, outubro de 2012



INTRODUÇÃO

Delia Dutra / Ir. Terezinha Santin / Tuíla Botega

NO CONTEXTO das pesquisas sobre migrações internacionais, as análises feitas desde uma perspectiva de gênero – em particular aquelas focadas nas mulheres migrantes – vêm ganhando sistematicamente um maior espaço no debate acadêmico e político. A intensificação da participação das mulheres como primeiras protagonistas dos fluxos migratórios internacionais é algo que chama a atenção quantitativamente, mas, por outro lado, é expressiva a contribuição que traz a análise qualitativa dessa modalidade de migração, uma vez que sugerem implicações sociais das mais diversificadas, devido à centralidade histórica que a figura da mulher detém no núcleo familiar e comunitário.

É neste contexto que apresentamos a pesquisa *"Mulher migrante: agente de resistência e transformação"*, a qual tem por objetivo identificar as dificuldades enfrentadas por mulheres migrantes ao se estabelecerem em outros países. Além disso, busca-se compreender as estratégias por elas desenvolvidas para a superação das diversas situações de dificuldade que encontram na vivência em outro país, o que chamamos de *resistência*. Sabe-se que tais dificuldades vão se transformando durante o processo, por essa razão, buscamos orientar nossa reflexão de forma contextualizada às condições do país de origem e destino.

Durante o processo migratório as mulheres produzem outras formas de vida, onde também está presente a cultura e valores de origem, porém, estes são ressignificados com base nas novas experiências, no novo contexto social e cultural em que se encontram. Significa dizer que, ao estarem longe dos seus afetos, suas histórias, elas conseguem refletir e enxergar suas vidas de uma forma diferente – e por isso as ressignificam – reconhecendo outras fases de si próprias que só no âmbito do processo de migração elas conseguem descobrir. Nessas novas e outras formas de viver e de 'ler' o mundo, as mulheres migrantes desenvolvem estratégias de sobrevivência, de resistência, por isso partimos do entendimento das *mulheres migrantes* como *agentes de transformação*.

A pesquisa torna-se relevante, pois pretende iniciar um debate que contribua com a formulação de políticas públicas orientadas para a proteção das mulheres migrantes e suas famílias, assim como fornecer subsídios aos organis-



mos dedicados ao enfrentamento à violência contra as mulheres e ao tráfico de pessoas (cf. CSEM, 2012a: 4).

No intuito de esclarecermos o espírito com que nasce essa pesquisa, torna-se relevante salientar que algumas questões iniciais foram formuladas previamente ao levantamento de dados: *Como as mulheres migrantes constroem suas resistências nessa transitoriedade? Como incorporam valores e se rearticulam? Como são as relações de mútua ajuda e proteção? Quais são as práticas de resistências e defesa que adquirem? E como essas práticas e valores são incorporados no conjunto da família e comunidade?* (cf. CSEM, 2012a: 3-4).

Com isso não se buscou engessar a pesquisa para dar unicamente respostas a tais questionamentos, mas cabe agora tirar dos bastidores a intenção que deu sustento a um estudo que vai além deste primeiro relatório. De fato, algumas dessas perguntas não foram incluídas nessa primeira instância de pesquisa, já que consideramos ser fundamental realizar primeiro um levantamento das dificuldades que as mulheres migrantes enfrentam no momento em que se estabelecem e na vivência cotidiana no país de destino. Por esse motivo, a análise está focada na situação delas, suas dificuldades e experiências durante a migração.

Foram construídas categoriais principais de análise, as quais envolvem as dimensões: *afetiva*, no âmbito das relações familiares; *profissional*, analisando a situação e atuação das mulheres migrantes no mercado de trabalho; *social*, na qual está incluída o acesso a serviços públicos, a situação de moradia, a garantia de direitos e também o acesso à documentação regular para a migração; a dimensão *religiosa*, no que se refere ao âmbito pessoal e íntimo da mulher migrante.

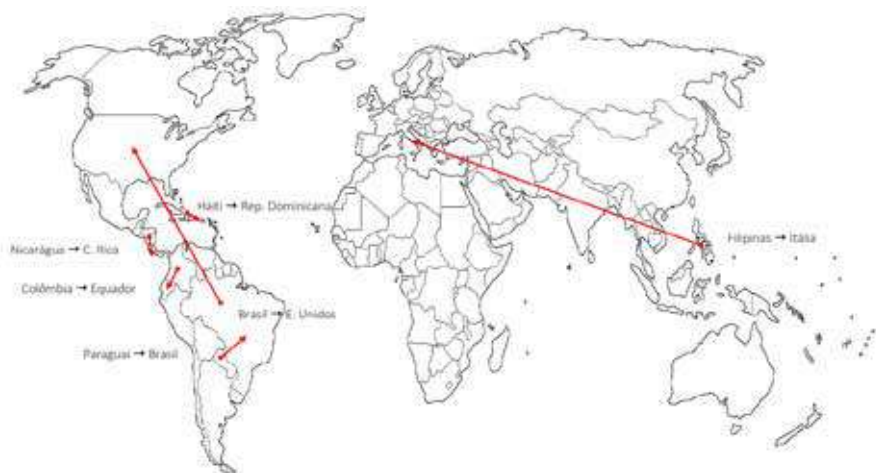
Além dessas, é possível destacar a relevância de três fatores que perpassam o universo da pesquisa: o primeiro se enquadra na dimensão da *mobilidade social*, na qual a migração consiste em uma estratégia para se alcançar melhores condições de vida, seja no âmbito individual ou familiar. O segundo consiste na influência das *redes sociais*, tanto para a formação de fluxos migratórios quanto para sua manutenção, através do suporte e auxílio de parentes, amigos ou familiares, tanto para a adaptação da mulher migrante, quanto para sua inserção no mercado de trabalho. Por fim, mas sem esgotar as possibilidades de análise, aparece o *retorno*, uma vez que este componente acompanha as migrantes por toda sua jornada migratória, ainda que nem sempre venham a concretizá-lo.



Dito isso, apresentamos na primeira parte uma introdução à problemática das mulheres no contexto das teorias das migrações internacionais a fim de contextualizar nosso objeto de estudo. A metodologia de trabalho aparece no segundo capítulo, pois entendemos que a descrição dos procedimentos e etapas da pesquisa são fundamentais para compreender os dados que serão expostos a partir da terceira seção, onde consta uma análise dos dados consolidados sobre a dimensão religiosa na vida das mulheres migrantes. Em seguida, iniciamos a análise por grupos de migrantes (mesmo país de origem) num determinado país de destino no que refere às dimensões: afetiva, profissional e social da vida em migração. Dessa forma, os dados são apresentados na seguinte ordem: mulheres paraguaias no Brasil, brasileiras nos Estados Unidos, haitianas na República Dominicana, colombianas no Equador, filipinas na Itália e nicaraguenses na Costa Rica.

Os países e fluxos destacados nesta pesquisa estão ilustrados na Figura 1 e foram selecionados por existir neles um trabalho pastoral da Congregação das Irmãs Scalabrinianas junto aos migrantes e pelo interesse específico de cada uma dessas comunidades em participar e contribuir com a pesquisa, sendo estes os critérios de participação¹.

Figura 1 - Localização geográfica dos fluxos migratórios da pesquisa



Fonte: <http://www.zonu.com/fullsize/2009-11-05-10854/Mapa-Mudo-Politico-del-Mundo.html>, adaptação nossa para a pesquisa.

1 O detalhamento da metodologia consta no capítulo 2 do presente relatório.

Entendemos o presente documento como a pedra sobre a qual iremos construindo todo um debate e reflexão sobre as mulheres migrantes que se estabelecem em alguns dos países em que a congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas está presente.

A partir dos dados apresentados é possível perceber as nuances e complexidades que marcam as vivências e as experiências de migração das mulheres, sendo este o nosso ponto de partida para o debate, reflexão e contribuição para os estudos migratórios. Neste sentido, mais do que apresentar uma descrição e análise dos dados da pesquisa, pretende-se com este relatório apontar as lacunas e aspectos que precisam ser aprofundados em estudos futuros sobre as mulheres no contexto das migrações internacionais.





MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: A PROBLEMÁTICA DAS MULHERES MIGRANTES

Delia Dutra / Tuíla Botega

NO CONTEXTO da migração internacional, as questões de gênero atravessam as trajetórias dos migrantes marcando não somente a inserção de homens e mulheres no mercado de trabalho, mas também as vivências e experiências no processo migratório. Isso revela a importância dessa perspectiva no estudo contemporâneo sobre a mobilidade humana.

Para compreender esta temática específica, faz-se necessário revisitar as teorias de migração internacional, uma vez que trazem elementos que também nos ajudam a entender os dados que serão apresentados no presente relatório. Entretanto, é importante perceber que nenhuma das teorias é capaz de explicar isoladamente as motivações, os contextos sócio-econômicos e as formas de inserção no país de destino dos migrantes, em geral, e das mulheres, em específico. Isso porque a migração é demasiada diversa e complexa para ser explicada por uma única teoria (ARANGO, 2000: 33).

Dito isso, é no contexto da economia neoclássica que surgem as primeiras teorias sobre as migrações, baseadas nos princípios da escolha racional, maximização da utilidade e dos rendimentos esperados, mobilidade de fatores de produção e diferenças salariais (MASSEY, 1999; ARANGO, 2000).

Nesta perspectiva, está presente a tese de que se tornar um migrante consiste em uma série de decisões individuais tomadas por agentes racionais que visam alcançar condições sociais e econômicas melhores do que as já estabelecidas. Neste caso a tomada de decisão implica um cálculo de custo-benefício, haja vista que se analisam normalmente as características e as potencialidades da região de possível destino, principalmente no que se refere às possibilidades de emprego e níveis salariais. Portanto, a decisão de migrar acontece a partir da percepção de que os custos migratórios serão superados pelos benefícios (BOTEGA, 2011). Em suma, a teoria neoclássica afirma que a migração é o resultado de decisões individuais tomadas por atores racionais que buscam melhorar o seu bem estar, onde os salários compensariam os custos do deslocamento (ARANGO, 2000).

A teoria da Nova Economia da Migração é uma variante aprimorada da teoria neoclássica (ARANGO, 2000: 38), uma vez que mantém o foco analítico



na escolha racional. O diferencial consiste na unidade de análise a ser considerada: a família (ao invés do migrante individual). Desta forma, a migração seria uma estratégia coletiva para obter o máximo possível de ganhos (BOTEGA, 2013).

O aumento da complexidade do sistema internacional, haja visto o contexto de globalização e de maiores facilidades de transporte e dos meios de comunicação, diminui a eficácia da teoria da escolha racional, apontado suas limitações. Em primeiro lugar, consta o aspecto determinista na interpretação de que os fluxos migratórios seriam produzidos apenas por disparidades econômicas de salários, nesse sentido, somente considera a migração por motivo de trabalho. Em segundo lugar, a teoria se mostra insuficiente para explicar o porquê de países com perfis semelhantes possuírem diferentes níveis de migração, entendendo tanto os migrantes como o contexto socioeconômico dos países de forma homogênea. Por fim, a explicação neoclássica desconsidera aspectos políticos na compreensão da tomada de decisão (ARANGO, *apud* BOTEGA, 2013: 7).

Outra explicação para os movimentos migratórios contemporâneos é a *Teoria do Mercado de Trabalho Segmentado* de Michel Piore (1979). Desde essa perspectiva, a migração internacional obedeceria a uma demanda permanente de mão de obra a qual produz uma segmentação no mercado de trabalho: o primário, referindo-se aos serviços de alta qualificação, e o secundário, abrangendo as ocupações com baixa qualificação. Neste sentido, o mercado primário seria caracterizado por: estabilidade das condições de emprego; bons salários; perspectivas de carreira e promoção interna e proteção social garantida. Por oposição, o mercado secundário seria composto por: empregos de baixa qualificação; baixos salários; escassas oportunidades de promoção; insegurança laboral; e, frequentemente, ausência de assistência social.

O simples fato de haver um tipo de atividade com base em um mercado de trabalho caracterizado pela alta rotatividade e de caráter volátil, afasta os cidadãos nacionais e atrai os imigrantes, nesse ponto reside a necessidade acerca da mão de obra imigrante. Segundo esta teoria, isso se percebe principalmente com aqueles que emanam de países mais pobres, haja vista as expectativas de obtenção de melhores condições de vida que o deslocamento para um país mais desenvolvido economicamente representa, sendo válido ressaltar, também, que a maioria desses imigrantes não possuem domínio da língua estrangeira, o que dificulta o acesso a outros tipos de emprego (BOTEGA, 2011: 20).

A atração da população migrante não ocorre, no entanto, apenas no mercado secundário de trabalho. Os migrantes atraídos pelo mercado primário apresentam como principais características a entrada através de canais legais; o



acesso ao emprego por qualidades individuais; condições de mobilidade idênticas à dos nativos; e uma função de "reforço" da força de trabalho nacional. Em contrapartida, o acesso ao mercado secundário apresenta como principais atributos o de ser temporário ou indocumentado; um recrutamento baseado nas origens étnicas e não em qualificações individuais; ocupação de tarefas pontuais, sem perspectivas de mobilidade; e uma função disciplinadora da força de trabalho local (BOTEGA, 2011: 20).

Este enfoque sobre a existência de setores com características diferenciadas no mercado de trabalho também nos ajudará a compreender a inserção laboral dos migrantes em geral, e das mulheres migrantes especificamente, conforme será elucidado com os casos das migrantes em apreço neste trabalho.

Já a *Teoria do Sistema Mundial* afirma que a migração internacional se baseia nos desequilíbrios produzidos pela inserção do sistema capitalista nos países menos desenvolvidos (MASSEY, 1999). Ao seguir a tradição histórico-estrutural, afirma que a migração é um produto da dominação exercida pelos países do centro sobre as zonas periféricas (ARANGO, 2000: 40).

A teoria das *Redes Sociais* atribui o fenômeno migratório à formação de redes, as quais vinculam os migrantes com parentes, amigos ou compatriotas que permanecem no país de origem (ARANGO, *apud* BOTEGA, 2013). As redes possibilitam a criação e o acesso ao capital social dos membros que as compõem, tais como: a transmissão de informações sobre mercado de trabalho, ajuda econômica, concedem um suporte psicológico, etc. Nesse sentido agem de forma a facilitar a migração, reduzindo custos e incertezas (BOTEGA, 2013).

Neste contexto teórico-analítico, toma-se como relevante os laços sociais e seus conteúdos e como estes integram o processo de migração. Assim, a migração é pensada como estrutura comunitária que translada, uma vez que as unidades efetivas da migração são os conjuntos de pessoas ligadas por laços de amizade, parentesco e experiência de trabalho, que incorporaram o país de destino nas alternativas de mobilidade por eles consideradas (ASSIS; SASAKI, 2000).

Neste sentido, devido o capital social acumulado, a rede permite aos possíveis migrantes do país de origem manter contato com parentes, amigos e conterrâneos, além de obter informações e oportunidades de emprego, hospedagem e assistência financeira no país de destino. Segundo as autoras Assis e Siqueira (2009), no caso de migrações de longa distância, quanto mais estabelecidas são as redes, maiores as chances que o migrante tem de ser bem sucedido na adaptação no lugar de destino, e isto ocorre devido o capital social acumulado.



Enfim, a migração internacional depende do perfil das conexões/laços da rede social da qual toma parte o ator. Depende também da posição estrutural que os fluxos "relacionais" conferem a ele nessa rede social, isto é, a rede social da qual o ator participa deve comportar vínculos que o inscrevam na rede migratória internacional para a consecução do migrar (ASSIS; SIQUEIRA, 2009; SOARES, 2003). Em suma, o ambiente social tem um papel efetivo no caso da migração internacional, porque esta só ocorre de fato se a rede social a que pertence determinado ator propicia o conjunto de laços/conexões que permita levá-la a efeito.

Por fim, a *Teoria Transnacional* busca compreender os intensos laços sociais e econômicos existentes entre os países de origem e de destino dos migrantes. Dede essa perspectiva, as atividades transnacionais acontecem mediante contatos sociais regulares, duradouros e intensos através das fronteiras nacionais (PORTES *apud* CASSARINO, 2013: 33).

Esta corrente teórica afirma que as concepções binárias (baseadas na dicotomia entre origem e destino) não dão conta de capturar toda a complexidade da migração internacional contemporânea, tendo em vista que os imigrantes desenvolvem redes, atividades, estilos de vida e ideologias que englobam tanto a sociedade de origem quanto a de destino, o que requer novas conceitualizações para dar conta da diversidade de perfis gerados (CAVALCANTI; PARELLA, 2013: 10).

Existem diversos fatores que intervêm na perpetuação dos fluxos migratórios transnacionais e, dentre eles, alguns poderiam ilustrar nosso objeto de estudo. Por exemplo: a expansão da rede de contatos das migrantes, a necessidade de aumentar e diversificar a renda da família, uma *cultura de migração*:

quanto mais habitual se torna a migração numa determinada comunidade [de origem e de destino], mais mudam os valores e as percepções culturais, de tal maneira que aumenta a probabilidade de futuras migrações (SÁNCHEZ *apud* DUTRA, 2013: 100).

Podem-se acrescentar outros fatores como sendo também decisivos e notadamente femininos, no sentido que são mais característicos das mulheres do que dos homens migrantes – se bem que esses possam também sofrê-los. Tal o caso de: a pobreza e a falta de oportunidades, a violência e opressão dentro do próprio núcleo familiar e comunitário de origem, assim como a vontade de se emancipar e realizar sonhos. Esses fazem com que mulheres de todas as partes



do mundo decidam migrar, deixar seus países, suas famílias e vínculos afetivos para descobrir e participar de novas formas de vida que lhes permitam abrir outras portas, tanto para elas quanto para suas famílias.

Esse fenômeno da migração feminina foi cobrando cada vez mais notoriedade ao ponto que, correntemente, se fale em “(...) ‘feminização das migrações’ para designar, de forma genérica, as mudanças que, nas últimas décadas, envolveram as mulheres no contexto migratório” (MARINUCCI, 2007: 1).

As migrantes desenham novas rotas de vida buscando dar respostas às necessidades do dia-a-dia. Necessidades que dizem respeito não só à escassez material que impede uma alimentação saudável e vestimenta e moradia digna, mas também à falta de acesso à educação formal para os filhos e para elas próprias, falta de acesso ao mercado de trabalho formal, ou inclusive o informal, e falta de acesso aos serviços públicos, tais como saúde e transporte.

Todos esses elementos, entendemos, incentivam nelas uma maior introspecção resultando, às vezes, numa vivência da religiosidade diferente àquela vivida antes da migração. Além do mais, esses fatores condicionam a qualidade de vida dessas mulheres e suas famílias limitando seriamente qualquer chance de mobilidade social e reproduzindo modelos de vida em sociedades altamente estratificadas.

O desemprego ou as condições muito precárias de trabalho em que muitas delas se encontram trazem implicações para o núcleo familiar, gerando mudanças na estrutura social com enormes repercussões na comunidade local de origem e de destino. Tais situações se manifestam em fenômenos como o da mobilidade indesejada da mulher, afetando a estrutura familiar de matriz patriarcal² (DUTRA, 2013: 106).

La separación de las familias, la responsabilidad económica de la mujer migrante respecto a su familia en el país de origen y la delegación del cuidado de los hijos, ha generado un nuevo tipo de hogar familiar de carácter transnacional. Esta familia sigue cohesionada alrededor de los acuerdos establecidos por sus miembros, pero ahora funciona sin que la madre esté

2 A lógica patriarcal que perpassa a instituição “família”, assim como outros âmbitos da sociedade, é a manifestação e institucionalização do domínio masculino sobre as mulheres e crianças (Lerner *apud* Fontela, 2007). Fontenla (2007) define o patriarcado como “sistema de relações sociais sexopolíticas baseadas em diferentes instituições públicas e privadas e na solidariedade interclasses e intragênero instaurada pelos homens, que enquanto grupo social e em forma individual e coletiva oprimem às mulheres também em forma individual e coletiva, e se apropriam de sua força produtiva e reprodutiva, de seus corpos e seus produtos, seja com meios pacíficos ou por meio da violência (p.258). Tradução nossa do original em espanhol (cf. DUTRA, 2013: 107).



presente en la cotidianidad de la crianza de sus hijos (CASTELLANOS *apud* MARINUCCI, 2007: 9).

Hirata e Kergoat (*apud* DUTRA, 2013) apontam também para o trauma que sofrem os filhos dessas migrantes quando são deixados no país de origem por longos períodos. Contudo, por outro lado, podemos sustentar que essa identidade de mulher migrante-mãe que deixa seus filhos se alimenta desse sentimento de estar agindo pelo "bem deles", pelo futuro, buscando abrir-lhes as portas que nunca foram abertas para elas.

Neste sentido, Kitahara (*apud* DUTRA, 2013), ao pesquisar a migração Brasil-Japão, faz referência a que as mulheres migrantes que são mães, normalmente, superam os problemas pensando "no bem do filho", ou seja, com a identidade de papel de mãe.

Entretanto, alguns especialistas falam de um custo emocional maior da mulher-mãe migrante do que do homem migrante, devido ao papel histórico de serem elas as responsáveis do cuidado da família (DÍAZ *apud* DUTRA, 2013). De acordo com a psicóloga Joselín Barja da organização *Sin Fronteras*, o homem migrante sente saudades da sua família, mas se sente satisfeito por cumprir seu papel de fornecer o sustento material (quando de fato o faz, ou dá conta de fazê-lo), enquanto a mulher sente muito mais a separação e a culpa do abandono da família (*Ibidem*).

Resulta evidente, portanto, que a necessidade de dar sustento à família é uma forte motivação para a migração, em geral, e para a migração feminina, em particular. As mulheres migrantes são os principais agentes ativos no envio de remessas aos seus países de origem, acompanhando a crescente tendência de aumento do número das famílias monoparentais e do que se denomina de feminização da pobreza (DUTRA, 2013: 82-83).

Segundo dados da ONU, 70% dos pobres de todo o mundo são mulheres que, por sua vez, têm despontado nos cenários da migração interna (nacional) e externa (internacional) como sujeitos autônomos, em busca de melhores condições de vida para si e para seus filhos (LISBOA, 2007: 807).

O relatório da OIT e do PNUD, "*Trabajo y familia...*"³, informa que na América Latina e no Caribe, atualmente, há mais de 100 milhões de mulheres

3 "*Trabajo y Familia: Hacia nuevas formas de conciliación con corresponsabilidad social*", OIT e PNUD, disponível em: http://www.oei.es/pdf2/trabajo_familia_nuevas_formas_consiliacion.pdf, Acesso em: março, 2010.



ativas no mercado de trabalho, sendo que um terço dos lares depende unicamente da renda de uma mulher que sustenta sozinha toda a família (família monoparental). Algumas dessas mulheres deixam tudo para viver outra vida durante alguns anos, em outro país ou região, outra cultura, que lhes permita o envio de dinheiro para suas famílias.

Isso porque, de acordo com DUTRA (2013: 28), a divisão internacional e sexual do trabalho⁴ lhes oferece uma "saída" - ou encruzilhada - a uma situação de exclusão social nas suas comunidades de origem. Contudo, não podemos desconhecer a situação de precarização das condições de trabalho em que elas se encontram também nos países de destino, pela falta de políticas migratórias e trabalhistas adequadas capazes de garantir condições mínimas dignas para a mulher pobre trabalhadora migrante internacional (*ibidem*).

Essa e outras problemáticas aparecem direta ou indiretamente nos resultados encontrados pela presente pesquisa e que serão trabalhadas nos próximos tópicos, logo após a descrição metodológica, que se apresenta na próxima seção.

4 A divisão sexual do trabalho é um fenômeno que pode ser observado de forma muito clara na alta concentração das mulheres nas tarefas consideradas de reprodução no âmbito doméstico e em determinados postos de trabalho. Trata-se de um conceito que faz referência a formas de inserção diferenciada de homens e mulheres na divisão do trabalho existente, tanto nos espaços de reprodução quanto nos de produção social (Ginés *apud* DUTRA, 2013: 211).





METODOLOGIA DE TRABALHO E ANÁLISE DE DADOS

Delia Dutra / Tuíla Botega

MUITAS MULHERES ao redor do mundo acabam decidindo migrar como alternativa para escapar de situações de pobreza e exclusão do mercado de trabalho; entretanto, nem todas aquelas que enfrentam dificuldades desse tipo tomam a decisão de migrar. É justamente nesse ponto que encontramos o desafio e a relevância de realizar pesquisas sobre migração internacional feminina tendo como base de análise as perspectivas das próprias migrantes⁵ envolvidas nesses processos (DUTRA, 2013: 29).

Neste sentido, quando definimos como objeto de estudo alguns grupos de mulheres migrantes internacionais significa que desde o início assumimos um recorte por gênero. Adotar uma perspectiva de gênero na análise de migrações supõe compreender,

(...) por um lado, a significação da construção social da feminilidade, da masculinidade e a desigualdade que se produzem entre os sexos e, por outro, o papel que jogam tais construções na decisão das mulheres de migrar assim como o status que a sociedade de acolhida lhes outorga (ROCA I GIRONA, *apud* DUTRA, 2013: 122).

Para conhecer a interpretação que as migrantes fazem sobre as dificuldades durante a experiência de migração e sobre como essas vão se transformando, construímos um questionário⁶ levando em conta as dimensões de *mobilidade social* e de *redes sociais*, anteriormente mencionadas. Isso porque, a migração se constitui num meio para mudar as condições de vida (mobilidade social) tanto das próprias migrantes como de suas famílias; e, nesse processo de mudança, é preciso levar em conta o quanto as redes sociais afetam a formação e a perpetuação dos fluxos migratórios.

⁵ Thomas e Znaniecki, já um século atrás, chamaram a atenção para a necessidade de ser considerada a interpretação que os próprios atores sociais envolvidos na situação fazem dela. Ou seja, entre os fatores objetivos e as atividades dos indivíduos, temos a interpretação deles sobre a situação (DUTRA, 2013: 24-25).

⁶ Conferir em Anexo I o modelo do questionário.



Nesse sentido, o questionário aborda diversos elementos da vida das migrantes com base nos seguintes eixos:

- **família** : qual o contexto familiar passado e presente, as dificuldades pelas quais passam para poder migrar e as estratégias que levam adiante para buscar alternativas à situação adversa em que se encontram.

- **trabalho**: situação em que se encontram, ocupação atual e passada, condições de salário e horas trabalhadas, fornecedoras financeiras (ou não) do núcleo familiar, envio de dinheiro ao país de origem, experiência de discriminação, desejos de mudança de emprego e ações tomadas para mudar a situação presente.

- **acesso a serviços**: situação de moradia, atendimento em serviços de saúde e estratégias de resistência perante as adversidades.

- **políticas migratórias**: quais os entraves pelos quais passam as migrantes e suas famílias para obter a documentação e assim regularizar suas situações no país de destino.

- **religião**: vivência da religião no presente avaliando as transformações que possam ter ocorrido durante o processo migratório, tanto no sentido de participação na comunidade, quanto ao que se refere à experiência de fé.

- **retorno**: enquanto possibilidade, uma vez que a dimensão de voltar à terra natal está presente de forma permanente na vida das migrantes, ainda que nem sempre venham a concretizá-lo.

O questionário foi aplicado a mulheres paraguaias no Brasil, brasileiras nos Estados Unidos, haitianas na República Dominicana, colombianas no Equador, filipinas na Itália e nicaraguenses na Costa Rica. Trata-se tanto de mulheres adultas migrantes que estão ativas no mercado de trabalho (seja formal ou informal) ou também de migrantes adultas desempregadas que estejam na procura de um emprego.

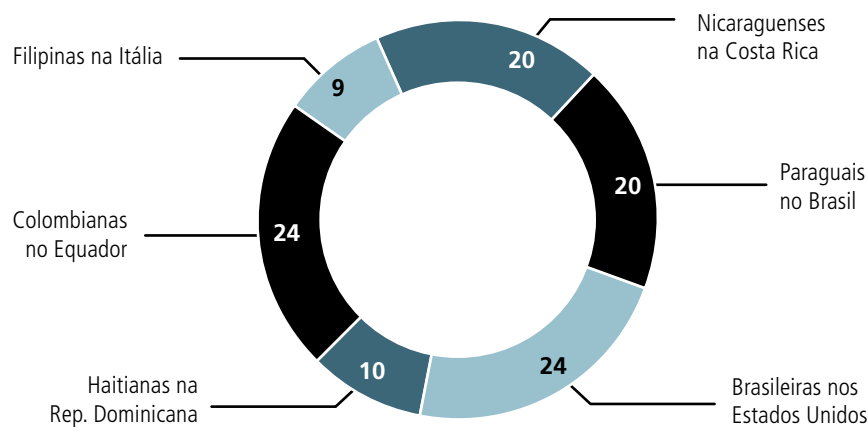
As migrantes foram ouvidas por integrantes da comunidade Scalabriniana que atuam nesses países, buscando com isso aproveitar não só a *acessibilidade* para conhecer as interpretações que essas mulheres fazem da sua situação, como também o vínculo de *confiança* que já existe pelo trabalho pastoral que vem sendo feito. Portanto, a quantidade de questionários aplicados a migrantes em cada país varia em função desses dois critérios: acessibilidade e vínculo de confiança existente.

No total foram ouvidas 107 migrantes distribuídas da seguinte forma: 20 paraguaias no Brasil, 24 brasileiras nos Estados Unidos, 10 haitianas na



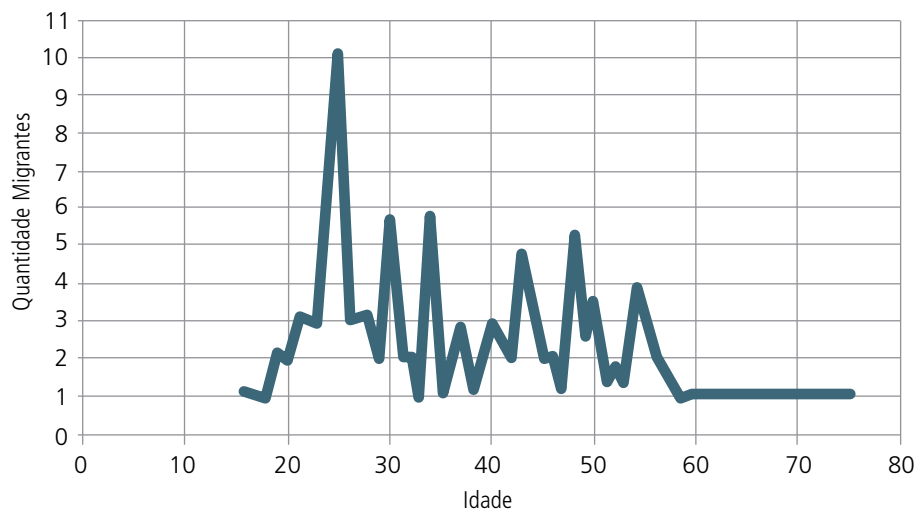
República Dominicana, 24 colombianas no Equador, 9 filipinas na Itália e 20 nicaraguenses na Costa Rica.

Gráfico 1 – Total de migrantes: distribuição por país de origem e destino



O gráfico 2 mostra a distribuição por idade do total do universo pesquisado e, nele, pode-se observar uma alta concentração de mulheres migrantes jovens dentre 20 e 30 anos (43 migrantes), sendo que entre 31 e 40 anos são 21 e 12 migrantes no intervalo de 51 a 60 anos.

Gráfico 2 – Total de migrantes: distribuição por idade



Aquelas com mais de 60 anos, que ao total são apenas seis migrantes, estão todas trabalhando e declararam ter empregos de: cozinheira, costureira, faxineira, babá e uma que é proprietária de uma creche. Dessas, quatro declararam serem as únicas provedoras de renda do núcleo familiar.

Os países onde as migrantes estão residindo foram selecionados por existir neles um trabalho pastoral da congregação junto aos migrantes e pelo interesse específico de cada uma dessas comunidades em participar e contribuir com a pesquisa. Nesse sentido, o critério da escolha se justifica pela simples razão que as irmãs estabelecem seu trabalho pastoral justamente em contextos com problemáticas migratórias muito presentes e complexas.

Fazer esse levantamento tendo como instrumento o questionário nos permitiu sistematizar toda a informação seja por país/região ou por categoria analítica. Com isso podemos tanto contribuir com o trabalho em cada local em que se desenvolve o a missão junto aos migrantes, quanto contribuir com a produção de conhecimento científico sobre a problemática das migrações femininas internacionais.

A análise é feita tanto desde uma abordagem quantitativa como também qualitativa dos dados, buscando com isso complementar e trabalhar desde uma perspectiva compreensiva do fenômeno. Além disso, utilizamos também dados e informações presentes nos relatórios de pesquisa de campo – vide Anexo II e III – os quais foram elaborados e a nós fornecidos pelas pesquisadoras que aplicaram os questionários em algumas das cidades pesquisadas⁷ (São Paulo e Equador). Este instrumento é importante, pois trazem elementos observados pelas pesquisadoras e que não estão explícitos nas respostas das mulheres pesquisadas, mas que são fundamentais para contextualizar e melhor compreender os tipos de respostas por elas concedidas.

No próximo item analisa-se a dimensão religiosa de forma consolidada, sendo que nos itens subsequentes – a partir do ponto quatro – a análise é realizada por país de origem e destino das migrantes. Nessa instância, busca-se em primeiro lugar caracterizar brevemente o contexto migratório do país de origem e de acolhida para de imediato proceder à análise.

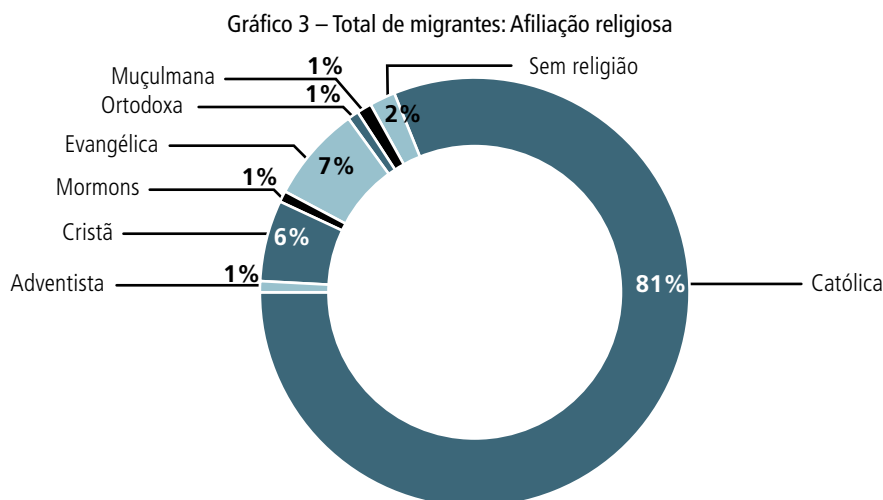
7 Nem todas as Irmãs que aplicaram os questionários tiveram disponibilidade em nos enviar um relato sobre a pesquisa de campo. Por essa razão, o complemento de informação propiciado pelos relatórios só serão utilizados na análise dos fluxos a que dizem respeito, a saber : paraguaios no Brasil e colombianas no Equador.



3. A DIMENSÃO RELIGIOSA

Roberto Marinucci

NO QUE DIZ respeito à filiação religiosa, a grande maioria das entrevistadas (94%) afirma aderir a alguma igreja/religião. O catolicismo é a denominação de 76% das migrantes, enquanto 15% declaram ser afiliadas a igrejas evangélicas ou cristãs. Seis pessoas afirmam não aderir a nenhuma religião. O resultado pode ser explicado pelo fato de que as migrantes são oriundas de países onde a maioria da população possui uma cosmovisão religiosa de matriz cristã.



Mas o que acontece com a religiosidade dessas pessoas após a migração? O deslocamento geográfico fortalece, dificulta ou não interfere na fé e na prática religiosa?

Entre as que responderam a esta pergunta, 22% afirmaram ter mudado de afiliação após a migração, uma porcentagem bastante significativa, principalmente levando em conta que muitas dessas pessoas residem no estrangeiro a menos de 4 anos. Fatores culturais, relacionais e práticos podem incidir nesse trânsito religioso (MARINUCCI, 2012).



No que diz respeito à prática religiosa, 3 entre 4 migrantes afirmaram participar das atividades das próprias igrejas/religiões. O número é bastante elevado, sendo 17% aquelas que não participam e 8% que participam apenas ocasionalmente.

Apesar disso, muitas migrantes fizeram questão de destacar as dificuldades da prática religiosa em terra estrangeira. Em primeiro lugar ressalta-se a questão cultural: "*é difícil porque não tem missa em espanhol*" ou "*vou quando a missa é em espanhol*". Há um *gap* cultural que, por vezes, dificulta a prática cultural. Outro fator é de tipo "relacional": a necessidade de integração levou uma pessoa a não frequentar a celebração dominical em português ("*porque escolhi não me misturar com brasileiros para praticar melhor o inglês*"); já outra migrante sustenta que continua tendo fé, mas "*sozinha, não quero ir na igreja, então não vou*". Neste caso, a não participação está relacionada com a ausência de uma comunidade enquanto espaço de relacionamentos interpessoais primários. No entanto, o principal fator que dificulta a prática religiosa está relacionado com o trabalho e suas consequências. Várias migrantes sublinham a "*falta de tempo*", o "*cansaço do trabalho*" ou a distância do lugar de culto do lugar de residência, o que pode significar falta de tempo para chegar até o lugar de culto, mas também falta de dinheiro para pagar um transporte público.

Contudo, se, por vezes, a prática religiosa é dificultada por fatores culturais, relacionais ou práticos, a fé da maioria das migrantes continua extremamente firme. Entre as que responderam esta pergunta, 60% relataram que após a migração a fé aumentou, alegando diferentes razões: "*o sofrimento fez com que tivesse mais fé*" ou "*os desafios e dificuldade deste lugar fazem com que nos liguemos mais a Deus*". Em vários casos, a perda do contato direto com referenciais identitários e grupos sociais de apoio – como, por exemplo, os familiares – leva a migrante a recorrer a Deus ("*a fé é a mesma, mas quem sabe a necessidade de familiares faça com que você participe mais da comunidade Brasileira*"; "*como sou sozinha minha comunidade de fé (igreja) é minha família*"). Há também relatos de migrantes que relacionam o aumento da fé com a experiência de encontro com Deus ou dos efeitos concretos de sua ação na própria vida ("*sem a fé na providência eu não teria sido capaz de fazer nada, a providência me ajudou a encontrar uma mulher filipina uma peruana que me deram hospitalidade em sua casa, isto depois de ter sido assaltada*" ou "*não sabia o que fazer, me coloquei nas mãos de Deus e ele me ajuda muito*").

Por outro lado, para 10% a fé em Deus diminuiu, por questões ideológicas ("*os padres não me dão mais confiança pelos muitos escândalos que alguns criaram*")



ou “o que vejo daqui de alguns pastores me faz ficar longe deles (§ mais que Deus)”) ou experiências (“acredito que Deus não tem escutado minhas orações”); da mesma forma em que, por vezes, o ter alcançado algumas metas representa um sinal da presença efetiva de Deus, o fracasso de determinadas expectativas pode se tornar motivo de desconfiança em relação à proximidade divina.

Finalmente, para 30% a fé continua a mesma, embora sejam muitas as migrantes que sublinham as mudanças que ocorreram na própria relação com Deus em comparação com a terra de origem. Nestes casos, a questão não é tanto se a fé aumentou ou diminuiu, mas se a maneira de praticar a fé foi modificada pela emigração. Alguns exemplos: “sempre fui desde berço muito participativa na igreja, mas aqui os sentimentos, as motivações são outras” ou “aqui é outra forma de missa, gosto muito”.

Resumindo, a maioria das migrantes possui uma cosmovisão religiosa e afirma que a emigração contribuiu no fortalecimento da fé. Muitas delas, apesar de dificuldades práticas, culturais e relacionais, continuam participando ativamente de suas denominações religiosas.





PARAGUAIAS NO BRASIL⁸

Delia Dutra

OS PRIMEIROS fluxos significativos de emigração que começa a experimentar o Paraguai se iniciam após o fim da guerra da Tríplice Aliança (1870) e continuaram perpetuando-se sistematicamente até nossos dias, ou seja, durante os últimos 140 anos.

Estima-se que até 2010, 12% da população do país (777.000 paraguaios aproximadamente) havia emigrado e isso ocorre, pois,

La anarquía, la inestabilidad política, las guerras civiles y una larga dictadura fuertemente represiva, vigentes durante gran parte del siglo XX, se suman como decisivos factores expulsivos de población (...) la población emigrada mantiene una significativa situación de vulnerabilidad por las malas condiciones salariales y sociales de su inserción laboral y por la fuerte primacía de la condición de residencia irregular de la mayor parte de la misma (OIM, 2011: 6).

Os principais destinos são alguns países da região, tal o caso do Brasil e da Argentina, assim como os Estados Unidos e países da Europa. Mais especificamente, o Brasil fica em terceiro lugar como destino escolhido pelos emigrantes paraguaios, com menos de 10%, perdendo para Argentina (primeiro lugar com 69%) e a Espanha (segundo lugar com 23%)⁹.

Uma pesquisa recentemente publicada¹⁰ sustenta que 55% das pessoas que emigraram nos últimos 5 anos do Paraguai são mulheres jovens, e acrescenta:

8 Tomamos como fonte para a contextualização do Paraguai e do Brasil o documento da OIM intitulado "Perfil Migratorio de Paraguay 2011" e "Perfil Migratório do Brasil 2009". Disponível em: www.iom.int, Acesso em junho de 2012.

9 Disponível em: <http://www.csem.org.br/csem/noticias/1244-paraguay-el-55-de-las-personas-que-migraron-en-los-ultimos-5-anos-son-mujeres-jovenes>. Acesso: maio de 2013.

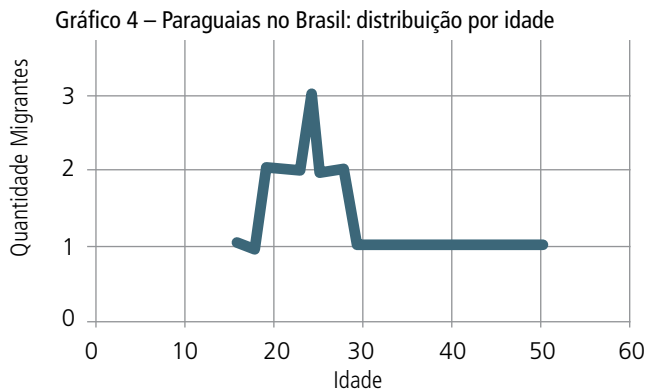
10 Da pesquisadora Claudina Zavattiero, intitulada "*En Paraguay se exporta carne, soja y jóvenes; peculiaridades de la migración internacional y tendencias recientes (2009-2011)*", Disponível em: <http://www.csem.org.br/csem/noticias/1244-paraguay-el-55-de-las-personas-que-migraron-en-los-ultimos-5-anos-son-mujeres-jovenes>. Acesso: maio de 2013.



la emigración paraguaya de los últimos cinco años está representada por una **mujer joven y proveniente del área rural**, hecho que puede generar un gran impacto en la organización de las familias, pues generalmente son ellas las que se encargan del cuidado de los integrantes del hogar, debido a las escasas políticas de protección social. Otro dato importante es que 134.000 hogares, el 8% del total de los 1.615.309 hogares paraguayos, tiene a alguien residiendo en el exterior, y dicha salida se produjo en los últimos cinco años. En estos últimos 5 años, 180.000 connacionales salieron del Paraguay, lo que representa casi el 3% de la población paraguaya al 2011. De estas, 180.000 personas, el **55% son mujeres menores de 25 años**. Un 62% son del área urbana y un 57% del área rural.¹¹ (Destaques nossos).

As migrantes contatadas para a realização do questionário, num total de 20 paraguaias, moram em São Paulo. No anexo II incluímos um completo relatório da pesquisa de campo desenvolvida pela Ir. Terezinha Santin e Tuíla Botega. Nele se detalha passo a passo os movimentos feitos junto às migrantes.

O gráfico 4 apresenta a distribuição por idade das migrantes. Pode-se observar que há uma maior concentração entre os 20 e 30 anos de idade.



No que diz respeito ao tempo que estão morando no Brasil, observamos uma forte presença de recém-chegadas – são 7 com menos de um ano, 3 entre um ano e dois, 4 entre dois anos e três, 4 entre quatro e cinco anos, uma com sete anos e outra com oito anos de residência no país.

11 *Ibidem*.

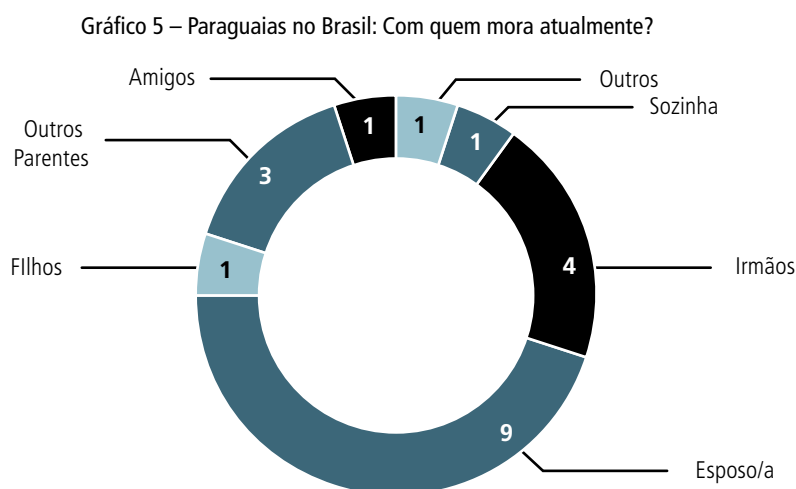


Ao questionar sobre o nível de escolarização responderam que: uma tinha completado curso superior, três declararam ter curso superior incompleto (sendo que uma delas está desempregada), cinco ter educação média completa, quatro educação média incompleta (também uma delas está desempregada), cinco ter ensino fundamental completo e só 2 com ensino fundamental incompleto. Para observar esses dados de forma gráfica, conferir no item 4.2 o quadro 1, onde se apresentam três variáveis: ocupação, idade e escolaridade.

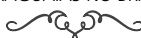
Tais dados permitem-nos reconsiderar o protótipo da mulher migrante pobre carente de qualquer tipo de educação formal. Pois, a pobreza, o desemprego, a condição de ser mulher e migrante nem sempre está atrelado à condição de ausência de escolarização.

4.1 Paraguias no Brasil: a família

Para analisar a categoria *família* as migrantes foram indagadas sobre com quem estão morando no presente, sobre com quem migraram e como está formada a família que ficou no país de origem.



Retomando o que mencionamos anteriormente sobre o lugar tradicionalmente atribuído à mulher, no que se refere ao cuidado para com os filhos, e, consequentemente, da justaposição da identidade mãe-migrante em muitas delas, ao observarmos o gráfico 5, salientamos o fato que só uma das 20 migrantes está



morando com filho no Brasil – trata-se de uma mulher de 50 anos de idade que tinha migrado com vários filhos, porém quase todos retornaram para o Paraguai e só um quis ficar junto com ela no Brasil.

No entanto, ao serem questionadas sobre como está formada a família que ficou no país de origem, cinco migrantes declararam ter deixado filhos, inclusive uma delas, com 30 anos de idade, declara ter deixado 5 filhos. As outras migrantes mencionam pais, irmãos, porém nenhuma menciona ter deixado marido. Observe-se também no gráfico 5 que nove delas moram no Brasil com seus esposos ou companheiros, todas com idades entre 19 e 29 anos.

Sobre a situação em que migraram – se estavam acompanhadas por familiares, amigos ou desacompanhadas – três migrantes declaram ter migrado sozinhas e só uma não conhecia ninguém no Brasil (nem sequer tinha parentes já estabelecidos). Outras três mencionaram ter migrado junto ao marido e as demais com outros integrantes da família.

Esse primeiro mapa da situação familiar nos permite avançar e indagar sobre quais seriam os desejos delas com relação a este aspecto e, para isso, perguntamos sobre quem elas gostariam de ter trazido no momento da saída do país, mas que não puderam fazê-lo.

Das 20 migrantes, 9 declaram que teriam, sim, gostado de trazer alguém da família (duas delas as filhas, outras pais e irmãos), porém 11 preferem mesmo migrar sozinhas, já que:

"tudo aqui é difícil, é só mesmo para trabalhar que eu vim" (de 23 anos)

"eu vim para tentar a vida" (24 anos)

"não porque vim para trabalhar" (26 anos)

"porque não estou estável" (30 anos)

"porque no Brasil o trabalho é muito duro" (24 anos)

"porque eles estão bem" (29 anos)

Das que manifestam o desejo de ter trazido integrantes de família, explicam que as principais dificuldades para fazê-lo se referem: à *moradia*, salientando a necessidade de mais espaço e melhores condições; ao *trabalho*, pela falta de estabilidade e garantias; à *documentação* e a falta de tempo para correr atrás de tudo o que é solicitado; e, finalmente, à necessidade de dispor de *dinheiro* para poder financiar tais deslocamentos.

Algumas migrantes parecem sentir que não haveria muitas alternativas para além de trabalhar duro para um dia juntar dinheiro e começar a planejar a vinda de algum familiar. Outras de fato declaram não ter chances, já que pra-



ticamente tudo o que conseguem como produto dos seus trabalhos no Brasil precisam enviar para sustentar a família no Paraguai.

4.2 Paraguias no Brasil: o trabalho

A totalidade das migrantes paraguias contatadas e estabelecidas em São Paulo está trabalhando. Para compreender como o processo migratório pode afetar o percurso ocupacional-profissional das migrantes, construímos o quadro 1 apresentando a ocupação presente e a que possuíam antes de migrar. Isso, relacionado com a idade e, notadamente, com a escolaridade, nos permite avançar na reflexão em vários sentidos.

Quadro 1 : Paraguias no Brasil: ocupação, idade e escolaridade¹²

OCUPAÇÃO			
Anterior	Atual	Idade	Escolaridade
Estudante	Confecção	23	fundamental incompleto
Estudante	Babá	16	fundamental incompleto
Vendedora	Vendedora	30	fundamental completo
Trabalho no campo	Vendedora	27	fundamental completo
Trabalhadora doméstica	Vendedora	25	fundamental completo
Trabalhadora doméstica	Confecção	23	fundamental completo
Gráfica	Comércio	26	fundamental completo
Estudante	Vendedora	18	médio incompleto
Confecção	Confecção	50	médio incompleto
Babá	Vendedora	28	médio incompleto
Estudante	Confecção	28	médio completo
Cuidava de idoso	Contabilidade	26	médio completo
Gabinete de Politico	Confecção	24	médio completo
Estudante	Comércio	19	médio completo
Dona de casa	Vendedora	24	médio completo
Estudante	Confecção	24	superior incompleto
Estudante	Confecção	25	superior incompleto
Estudante	Vendedora	29	superior completo

12 O mesmo quadro, contendo exatamente essa informação, é feito para todos os países pesquisados considerando a relevância da informação que apresenta para a compreensão do percurso migratório e suas implicações no que tange à **educação-idade-oportunidades de trabalho-condição de ser mulher migrante**.

Observemos que nenhuma delas está estudando em São Paulo. Há o caso de oito delas que, no Paraguai, eram estudantes, não trabalhavam, e dessas só uma completou os estudos superiores antes de migrar. As demais interromperam seus estudos, inclusive tendo baixos níveis de escolaridade. Significa dizer que, até o momento, a migração não tem sido uma via de acesso a oportunidades para essas mulheres se qualificarem e, conseqüentemente, terem a chance de melhorar não só no trabalho como também em outros âmbitos da vida pessoal.

Ao analisarmos as diversas ocupações, tanto antes da migração quanto depois, independentemente da faixa etária, podemos sustentar que existe uma identidade profissional feminina para todas as migrantes que participaram da pesquisa. Isto é, profissões culturalmente consideradas como tarefas 'típicas' atribuídas à mulher no contexto da divisão internacional e sexual do trabalho. Trata-se de tarefas que dizem respeito, por exemplo, a cuidar dos outros (babá, cuidado de idoso), tarefas associadas ao espaço "reprodutivo"¹³ (dona de casa, trabalhadora doméstica), e tarefas que, apesar de localizadas no que se considera espaço "produtivo", detêm um marca fortemente feminina (vendedora, confecção).

A dimensão econômico-financeira não dá conta, por si só, de explicar e permitir-nos compreender a complexidade do processo migratório, das vivências e implicações que esse fenômeno detém para a vida de um migrante. Contudo, é evidente que esta tem um peso muito grande na hora de tomar a decisão de migrar, de retornar ou não, de aceitar trabalhar em determinadas condições ou de se separar dos filhos.

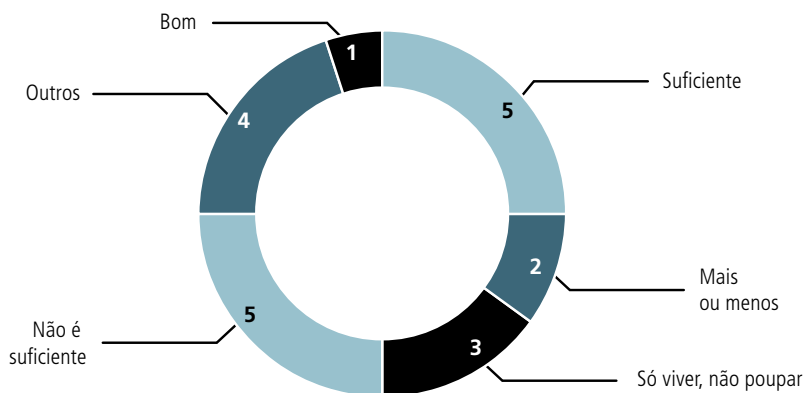
Foi nesse sentido que consideramos muito significativo indagar sobre as condições dos salários e dos dias e horas trabalhadas na semana, assim como saber se são elas as únicas fornecedoras/provedoras no núcleo familiar (tanto no Brasil – no caso de terem família no local, quanto no Paraguai) ou compartilham o sustento da família com mais alguém e se costumam enviar dinheiro para familiares no país de origem.

No gráfico 6 podemos analisar as respostas por elas dadas quando indagadas sobre se o salário é suficiente para se sustentar. Observe-se que essa questão foi formulada de forma aberta, portanto, as respostas foram agrupadas e sua denominação construída com base em palavras mencionadas pelas próprias migrantes.

13 Com o advento da Revolução Industrial o tempo começou a reorganizar-se em função da atividade econômica e, foi desde então, que emergiu com mais força a separação entre o que correntemente se considera "espaços reprodutivos", aqueles reservados às mulheres, e "espaços produtivos", os reservados aos homens (VAGHI apud DUTRA, 2013: 184).

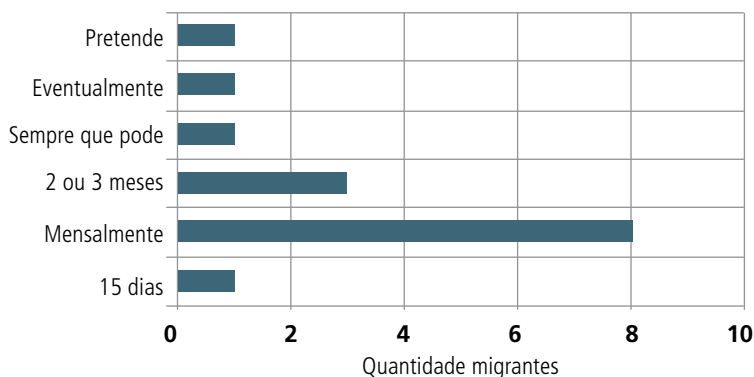


Gráfico 6 – Paraguias no Brasil: O salário é suficiente para se sustentar?



No que refere aos dias na semana trabalhados, mais da metade declara trabalhar seis dias na semana, duas trabalham os sete dias da semana e quatro trabalham cinco dias na semana. Apesar de elas estarem empregadas, as possibilidades de se sustentar no Brasil e ainda enviar dinheiro aos seus familiares no Paraguai, por momentos, se vê comprometida: *"Enviava a cada dois meses, mas, agora não envio mais, não estou conseguindo, meu salário é pouco"* (migrante de 50 anos, com filhos no Paraguai e no Brasil).

Gráfico 7 – Paraguias no Brasil: Costuma enviar dinheiro para familiares no seu país de origem? Com que frequência?



Para podermos compreender como as migrantes se sentem no contexto do trabalho, indagamos se elas sofrem discriminação e se têm o desejo de mudar de emprego. Interessa-nos avançar na compreensão sobre como elas vivem o fato



de serem mulheres e migrantes trabalhadoras em um país onde, por exemplo, é preciso falar outra língua e, portanto, já de início, há uma forte marca nas diversas instâncias de interação: a dificuldade de mudar de língua¹⁴ ou, ao menos, o sotaque do hispano-falante.

Do grupo das vinte migrantes paraguaias, seis admitiram sentir-se discriminadas e declararam:

"bastante, porque o brasileiro não acha bom e não gosta quando falamos em nossa língua" (18 anos).

"sim, por ser estrangeira, pela língua, por não ter documentos, porque falo de política e porque no Paraguai tem corrupção, pirataria e drogas" (24 anos).

"sim, por ser estrangeira" (28 anos).

"sim, porque não entendo muito bem a língua" (28 anos).

Doze migrantes do grupo declararam não se sentirem discriminadas, no entanto, algumas delas salientam isso como algo excepcional: *"sempre teve muita sorte, nunca fui magoada"*, *"o patrão trata mal às vezes"*, *"só atendo pessoas que são boas e o meu chefe é brasileiro"*, *"tratam bem, meu patrão é brasileiro"*. Outras, que também não se sentem discriminadas, destacam o fato de trabalhar para estrangeiros: *"tranquila, graças a Deus, os coreanos me respeitam"*, *"trabalho com chineses, eles são bem educados"*, *"meu patrão é chinês e me respeita"*.

Quando questionadas sobre o desejo de mudar de emprego, a metade delas declara não querer e as outras dizem que sim, gostariam. O quadro 2, mostra os motivos que as migrantes dão para isso.

Quadro 2 – Paraguaias no Brasil: Gostaria de mudar de emprego? Por quê?

SIM - Motivos:	NÃO - Motivos:
Baixo salário	Já acostumei
Sofre exploração	Estou gostando
Não tem carteira assinada	Tratam bem
Condições ruins de trabalho	Tenho benefícios
Quer trabalhar por conta própria	Não quer arriscar
	Foi difícil arrumar esse

14 A problemática da adaptação com a *língua* novamente é mencionada quando indagamos sobre as dificuldades na hora de procurar emprego, assim como também a falta de experiência.

Pode-se destacar, entre os motivos que dão as que, *sim*, desejam mudar de emprego, a vontade de trabalhar por conta própria, mesmo sendo só uma delas que o menciona. Isso porque, apesar das dificuldades pelas quais as migrantes passam e a precariedade dos salários, tem alguém que sonha com um dia chegar a ser empreendedora e, portanto, parece estar disposta a superar as dificuldades e se arriscar.

Já as que *não* desejam mudar de emprego parecem estar conformadas e não querer se arriscar, porque já se acostumaram, são bem tratadas, etc., sentimentos muito presentes não só nas migrantes como na classe trabalhadora em geral que vive em contextos de instabilidade política e falta de emprego – lembrando que elas provêm de um país, o Paraguai, atualmente muito afetado na sua economia e que acaba de passar por uma crise política de notoriedade pública internacional¹⁵. Apesar disso, uma das migrantes declarou estar considerando a possibilidade de retornar ao seu país devido a não estar satisfeita com sua situação de emprego.

4.3 Paraguaia no Brasil: acesso a serviços

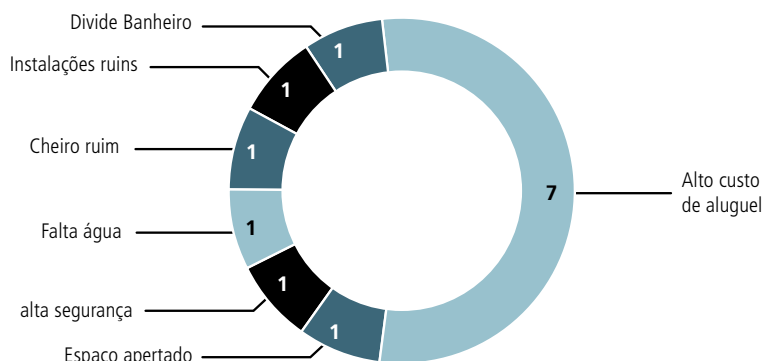
Ao definirmos o *acesso a serviços* como categoria de análise, buscamos indagar sobre a situação de moradia, atendimento em serviços de saúde e estratégias de resistência perante as adversidades.

Seis, das 20 migrantes paraguaia, responderam *não* ter dificuldades com a moradia, sendo que uma delas explica isso pelo fato de morar no local de trabalho. As outras, sim, encontram muitas dificuldades, as quais foram sintetizadas no gráfico 8.

15 Cf. “El declive de la economía paraguaya, uno de los retos del presidente Franco” Disponível em: <http://www.finanzas.com/noticias/economia/20120623/declive-economia-paraguaya-retos-1428679.html>, Acesso em, setembro 2012. “Hacia dónde va la economía paraguaya?”, Disponível em: <http://america.infobae.com/notas/53237-Hacia-dnde-va-la-economia-paraguaya>, Acesso em: setembro, 2012.



Gráfico 8 – Paraguiaios no Brasil: dificuldades com moradia



O alto custo da moradia (aluguel) desponta como a maior dificuldade; além do mais, isso é apontado como um impedimento para poder poupar dinheiro. Existem situações muito diversas pelas quais passam essas migrantes: algumas manifestam não ter problema com moradia, porém, outras se encontram em situações, poder-se-ia dizer, limites. Vejamos o depoimento feito por uma migrante de 28 anos: *“O espaço é muito apertado (...) o aluguel é caro, o governo deveria ajudar. Moramos quatro famílias (...)”*.

O que consideram que poderia ajudá-las a melhorar a situação de moradia?, foi a pergunta feita àquelas que manifestaram sofrer dificuldades. Somente quatro responderam e uma delas manifestou não saber onde buscar ajuda. Podemos observar nisso uma marca de forte isolamento na vida dessa migrante, assim como naquelas que não souberam responder, pois não consegue mencionar um elemento ou uma instituição onde ela considere possível solicitar ajuda. Até podemos inferir certa resignação perante todas as dificuldades que passa.

Em caso de ficarem doentes, só a metade declara que recorre aos serviços de um hospital e que, em geral, são bem atendidas, apesar de que possa haver demora no atendimento. Já a outra metade nunca foi a um hospital. Algumas explicam que ainda não precisaram desse serviço e outras que preferem comprar remédio e se cuidar em casa. Apenas uma migrante reclamou da dificuldade em se comunicar por conta da língua, tanto no hospital, quanto na hora de comprar remédios, pois *“têm outros nomes”*.

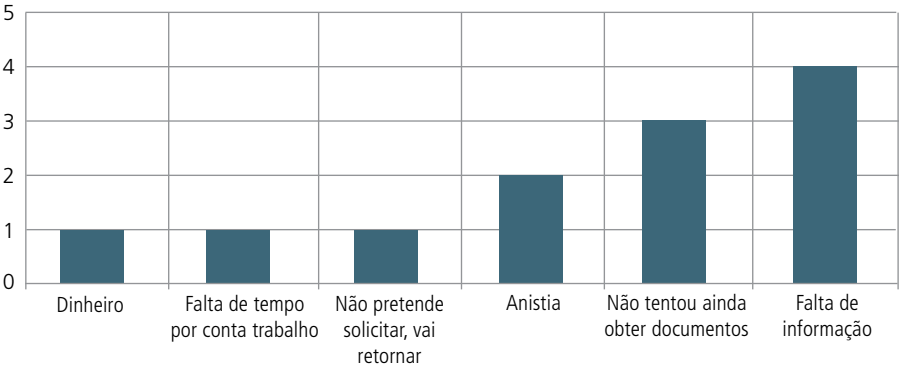


4.4 Paraguias no Brasil: políticas migratórias

Buscamos indagar sobre quais as dificuldades que experimentam as paraguias ao tentar regularizar a documentação para morar no Brasil, salientando que têm o direito atualmente a fazê-lo, pois, o Paraguai integra o Mercosul. Apesar disso, do total de 20 migrantes, são 15 em situação irregular de documentação e só 5 com documentos de residência no Brasil.

As dificuldades com que as migrantes se deparam para solicitar a documentação são expostas no gráfico 9 e referem-se à falta de dinheiro, de tempo e de informação. Três delas declaram ainda não ter tentado e uma diz que não o fará, já que o marido tentou e não lhe foi outorgada a documentação. Duas migrantes aderiram à anistia¹⁶ e assim obtiveram a residência – lembrando aqui que no ano 2009, o governo brasileiro realizou uma Anistia para os estrangeiros em situação irregular¹⁷.

Gráfico 9 – Paraguias no Brasil: dificuldades com documentação



Uma das migrantes diz que não pretende solicitar a documentação, pois *"aqui é tranquilo morar como paraguaia"*, resposta que podemos relacioná-la à falta de informação, já que pode estar desconhecendo que os benefícios de

16 A Regularização que permite ao estrangeiro em situação de clandestinidade ou em indocumentados requerer residência provisória com isenção das penalidades decorrentes de sua situação de estada irregular no País. No Brasil, a partir da Lei 6815/80, já se efetivaram regularizações de estrangeiros em quatro oportunidades - em 1981, em 1988, em 1998 e em 2009 (MILESI e ANDRADE apud DUTRA, 2013).

17 De acordo com MILESI e ANDRADE (apud DUTRA, 2013) foram anistiados 4135 paraguias num total de 45000.

possuir documentos vão além da existência ou não do risco de ser deportada. No Brasil, ela poderia ter acesso à carteira assinada, por exemplo, tal como menciona outra migrante.

A falta de informação e o fato de se sentirem sozinhas para fazer o processo é algo recorrente nas respostas: *"fui até a Polícia Federal, mas não compreendi o que preciso"* – expressa uma migrante de 27 anos que declarou ter curso superior incompleto; *"acho que não sei como fazer"* – declara outra, de 26 anos, com ensino fundamental completo.

Algumas buscam alternativas, tal o caso da migrante que diz estar em processo de obter a documentação e que *"tem um paraguaio que ajuda com isso"*, ou daquela que por falta de dinheiro precisou usar o pouco que tinha poupado para enviar para o Paraguai.

3.5 Paraguias no Brasil: reflexões de migrantes

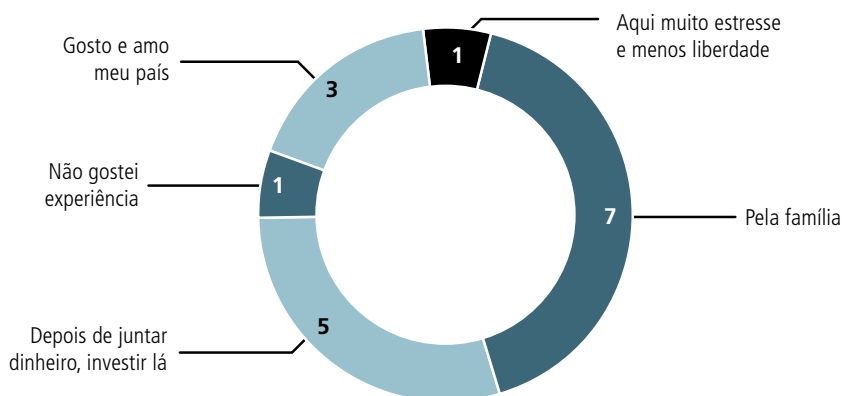
Para encerrar o diálogo com as migrantes foram levantadas duas questões visando animá-las a refletir e expressar sobre suas impressões dessa experiência de migrante no Brasil. O quadro 3 apresenta as respostas à primeira pergunta:

Quadro 3 – Paraguias no Brasil: O que você diria a quem quer deixar sua terra hoje e migrar?

NÃO VENHA:	
Experiência muito difícil	4
Precisa ser forte, muita saudade	1
Não quero que passem por isso	1
Vir se estiver na miséria, se tiver emprego não vir	3
Só o trabalho é bom aqui, o resto melhor o Paraguai	1
Só para visitar é lindo, para viver é difícil	1
Não recomenda: comida cara e problemas moradia	1
Difícil arrumar emprego	2
Se tiver alguém aqui sim, senão é difícil	1
Total	15
SIM VENHA:	
Sim, ajudaria a quem quisesse vir	3
Sim, aqui tem trabalho	2
Total	5

Das vinte migrantes, a quase totalidade (17) respondeu que pretende retornar para o Paraguai – segundo a questão levantada. O gráfico 10 apresenta os motivos por elas mencionados. Observamos que o item família desponta como o principal motivo de retorno, assim como a necessidade de juntar dinheiro como causa muito importante para ter migrado.

Gráfico 10 – Paraguias no Brasil: motivos para retornar



Migrar para trabalhar e enviar dinheiro se torna cada vez mais uma ação feminina e não exclusiva aos homens migrantes como se costumava pensar, isso devido às chances que as mulheres têm de se empregar em tarefas consideradas mais adequadas para elas (trabalho doméstico, serviço de cuidados, confecção, vendas, etc.).

Contudo, houve o caso de duas migrantes que não pretendem retornar e uma que ainda não sabe. Os motivos que dão são a falta de oportunidades no país de origem e a dificuldade de ter que *"começar tudo de novo e acho que não consigo"* – isso apesar de tratar-se de uma migrante de só 24 anos, e porque *"no Paraguai quase não tem nada, não tem como trabalhar"* (26 anos).





BRASILEIRAS NOS ESTADOS UNIDOS¹⁸

O BRASIL caracterizou-se, desde o início da colonização, por ser um país de imigração. Foi a partir da década de 1980 que "(...) surge o fenômeno da emigração, que vai ampliando sua importância com o passar do tempo até gerar expressivo contingente de brasileiros vivendo no exterior" (OIM, 2009: 11).

Estima-se que quatro milhões de brasileiros estão residindo fora do país¹⁹, o que representa quase 2% da população. Os principais destinos são: os Estados Unidos, o Japão e o Paraguai.

a região de origem destes emigrantes foram no início do processo, predominantemente, os estados da Região Sudeste onde há especial concentração de colônias dos primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil e em estados onde a presença de estrangeiros, principalmente **americanos**, foi marcante. Em passado recente, estados de outras regiões, como Nordeste e Sudeste, são incorporados a este grupo (OIM, 2009: 11, grifos nossos)

De acordo com a OIM, os Estados Unidos é o país que acolhe o maior número de migrantes internacionais do mundo – sejam migrantes em situação regular ou irregular²⁰ de documentação – conformando 12,5% da população do país com residência legal (isso representa mais de 37 milhões de pessoas).

Do total da população nascida fora do país, 53% são latino-americanos. Entre os anos 1990 e 2005, a população de brasileiros residentes nos Estados Unidos quase triplicou, contudo, nos últimos anos, tem se registrado diminuições²¹. Dados do censo do país registraram, em 2010, um total de 339,6 mil

18 Tomamos como fonte para a contextualização desses dois países o documento da OIM intitulado "Perfil Migratório do Brasil 2009", Disponível em: www.iom.int, Acesso em junho de 2012 assim como a informação publicada sobre a situação migratória dos Estados Unidos e que pode ser consultada em <http://www.iom.int/jahia/Jahia/united-states-of-america>, Acesso em junho de 2012.

19 Cf. http://www.justica.sp.gov.br/novo_site/Noticia.asp?Noticia=4937, Acesso em: fevereiro de 2012.

20 De acordo com Chacón (2012) se estima hoje que uns 11 milhões de migrantes em situação irregular de documentação estão residindo de modo permanente nos Estados Unidos.

21 Disponível em: <http://www.agora.uol.com.br/mundo/ult10109u1073255.shtml>, Acesso em junho de 2012.



brasileiros residentes no país²². De acordo com um analista do *Migration Policy Institute*²³, os motivos para a queda do fluxo imigratório de brasileiros nesse país são o enfraquecimento da economia americana (inicia-se a recessão em dezembro de 2007) e o PIB brasileiro que ganha fôlego a partir de 2004.

Somado a isso, os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 é significativo e desencadeia ações que afetam diretamente a população migrante no que se refere ao direcionamento, ao volume e à intensidade dos fluxos. Podendo ser considerado um marco de mudança definitiva no histórico das migrações para os Estados Unidos, uma vez que é a partir deste momento que a questão da migração passa a ser tratada como uma ameaça à segurança interna no país. Várias medidas foram tomadas pelas autoridades americanas, inclusive em parceria com o governo do México, o que aumentou as dificuldades e os riscos para aceder aos Estados Unidos via este país (FERNANDES; KNUP, 2012).

Levando em conta que, até o momento, o Brasil detém como principal destino de emigração os Estados Unidos, resulta significativo apontar que, na América Latina, esse país é considerado o segundo maior receptor de remessas, ficando atrás somente do México, país cujo principal destino de emigrantes também é os Estados Unidos.

Los trabajadores inmigrantes enviaron más dinero a sus familias en los países en vías de desarrollo el año pasado que en 2010, y se espera que sus remesas aumenten incluso más este año, pese a la incertidumbre económica en todo el mundo. **Estados Unidos es la mayor fuente de remesas del mundo**, enviadas en su mayoría por los millones de latinoamericanos que trabajan en el país (CSEM, 2012b).

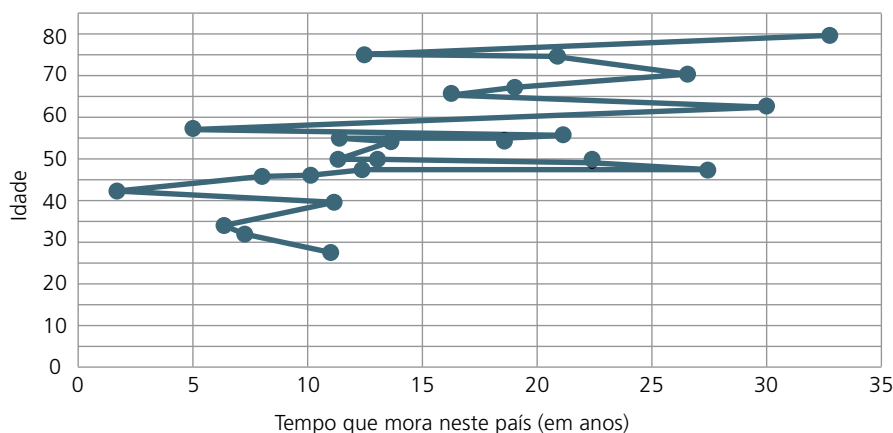
Foram 24 as migrantes brasileiras residentes nos Estados Unidos que contribuíram com essa pesquisa. Dezesesseis delas estão morando na cidade de Boston (Massachusetts), seis na cidade de Chicago (Illinois), uma em Berwyn (Illinois) e uma em Melrose (Ohio). O gráfico 11 nos permite refletir sobre a relação entre a variável idade das migrantes (entre 27 e 79 anos) e o tempo de moradia nos Estados Unidos (de 2 a 32 anos).

22 *Ibidem*

23 *Ibidem*.



Gráfico 11 – Brasileiras nos Estados Unidos: relação idade vs. tempo morando no país

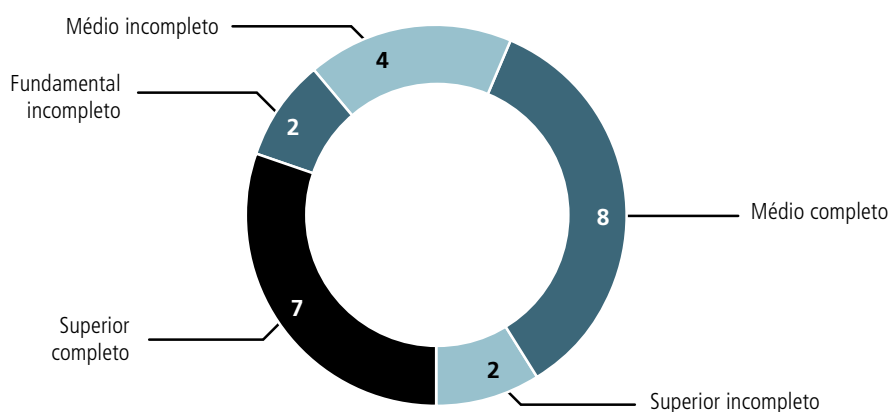


Podemos sugerir uma relação diretamente proporcional, na maior parte dos casos, entre idade e tempo morando no país. Quanto maior a idade da migrante, geralmente, maior será o tempo em que está fora do seu país. Significa dizer que a decisão de migrar é tomada, geralmente, até por volta dos 40 anos. Evidentemente, há casos particulares em que essa tendência não se cumpre, como acontece nesse grupo com a migrante de 58 anos que está há 5 anos morando nos Estados Unidos, ou a de 75 anos que está há 13 anos morando no país. De fato, sempre haverá particularidades, na análise das migrações, que fogem às tendências, daí o nosso interesse em dialogar com um número limitado de migrantes (de 10 a 20 por país aproximadamente) para, dessa forma, podermos ouvir também àquelas que não seguem as principais tendências, pois, justamente nisso pode ser que se encontrem pistas interessantes que tornem mais rica a reflexão e compreensão desse fenômeno.

No que refere à escolaridade desse grupo de brasileiras nos Estados Unidos, observamos um nível de qualificação mais alto se comparadas a grupos de outros países aqui analisados. Seis delas possuem graduação concluída e duas a graduação incompleta, vejamos o seguinte gráfico:



Gráfico 12 – Brasileiras no Estados Unidos: escolaridade



De acordo com a pesquisadora Shannon O'Neil, do *Council on Foreign Relations* "Os brasileiros que vieram aos EUA têm alta escolaridade quando comparados aos que vêm de outros lugares da América Latina. E essas são as pessoas que, no Brasil, agora têm mais oportunidades"²⁴; esse e outros motivos²⁵ explicam a tendência acima mencionada da recente diminuição da população de brasileiros residentes nos Estados Unidos. Em diálogo com isso, observamos que no grupo de migrantes por nós estudado, com exceção de uma delas, todas estão trabalhando.

5.1 Brasileiras nos Estados Unidos: a família

Ter a chance de morar com a família, assim como com amigos, nem sempre acontece com todas as migrantes. Há casos de migrantes que moram sozinhas,

24 Disponível em: <http://www.agora.uol.com.br/mundo/ult10109u1073255.shtml>, Acesso em junho de 2012.

25 A alta escolarização de parte da população migrante brasileira nos Estados Unidos somado ao crescimento da economia do Brasil dos últimos anos explica, mesmo que seja de forma parcial, a diminuição da população de brasileiros residentes nos Estados Unidos. Também podemos pensar que contribui com essa tendência o endurecimento das políticas de controle à migração irregular nos Estados Unidos, assim como também já mencionamos a recessão da economia americana.



neste caso são sete, seja por opção ou por não contar com outra possibilidade²⁶. O ato de morar sozinha não lhes impede de alimentar seu sonho de um dia poder trazer alguém da família para morar junto nesse novo país.

Das sete que moram sozinhas, cinco declararam que teriam gostado de ter trazido alguém da família na hora que decidiram migrar: pais e, notadamente, filhos. Novamente nos deparamos com a figura da migrante mulher-mãe sozinha que deixa seus filhos no país de origem para quem enviam dinheiro regularmente (neste caso, todas mensalmente) e vive o dilema da separação pela necessidade de dar respostas às necessidades materiais da família.

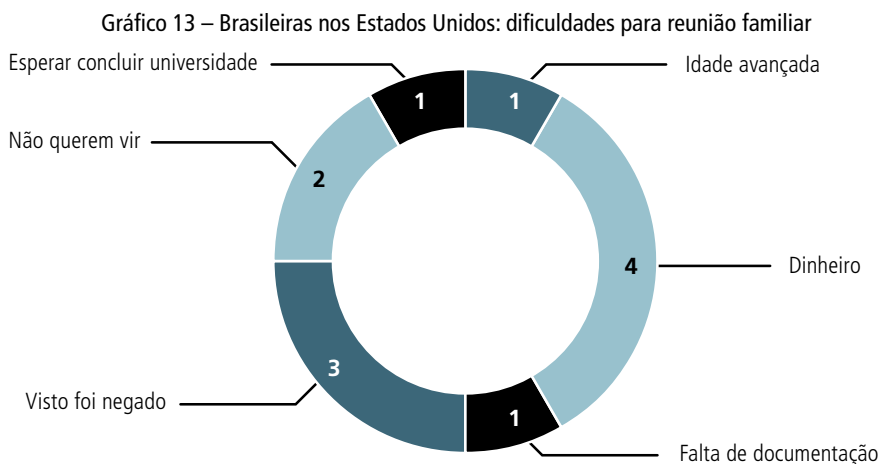
Uma migrante – das sete que moram sozinhas – de 74 anos e com 20 anos de residência nos Estados Unidos, declarou não querer trazer ninguém *“Porque eu criei e encaminhei todos meus filhos e surgiu a oportunidade para vir ao EUA para cuidar de meu neto que era recém-nascido”*. Esse seria o caso da migrante avó que chega para cobrir a necessidade do cuidado do neto recém-nascido cujos pais trabalham fora de casa.

Ou seja, a função do cuidado, culturalmente atribuída à mulher, quando não pode ser feita pela mãe (ou pai), como neste caso, é transferida para a avó que vem do Brasil e, nos casos das que deixaram seus filhos no Brasil, o cuidado é transferido geralmente para outras mulheres (avós, tias, etc.). Do total das 24 migrantes, são oito as que declaram ter deixado filhos no Brasil, outras também deixaram pais e irmãos (11 delas). Isso, somado às oito migrantes que declaram morar com os filhos nos Estados Unidos, temos um total de 16 migrantes mães, entre as que moram ou não com os filhos no presente.

A decisão de migrar normalmente passa por uma situação do núcleo familiar e, portanto, não é algo que essas mulheres façam de forma isolada. Há condicionantes do ambiente, pressões de diversas índoles, assim como também sonhos que as levam a agir. Além do mais, o ato específico da viagem de um país para outro, nem sempre é feito de forma individual. De fato, 17 das 24 migrantes declaram ter saído do país junto com parentes e somente três o fizeram sozinhas. No entanto, as dificuldades para trazer familiares com elas são muitas e algumas das respostas citadas pelas migrantes são apresentadas no gráfico 13.

26 Outras quatro migrantes declaram morar com filhos, uma com filho e nora, três com marido e filhos, duas com os pais, uma com neto.





Ao serem questionadas sobre se procuraram alternativas para superar de certa forma tais dificuldades, as respostas geralmente centraram-se novamente em explicar as dificuldades, como que manifestando um sentimento de frustração ou de resignação que as leva a já não mais procurar alternativas:

"é melhor que fiquem lá [pais], aqui eles não teriam a qualidade de vida que têm lá" (migrante, 48 anos).

"Se eu tivesse documento poderia trazê-la [filha]. Tentou o visto, mas não conseguiu" (migrante, 58 anos).

"Ela [filha] nunca conseguiu o visto" (migrante, 46 anos).

Contudo, algumas respostas – mesmo que não sejam muitas – demonstram outra atitude das migrantes. Poder-se-ia pensar em migrantes mais “agentes” e menos resignadas:

"Nunca tentei trazê-los. Agora eu sou cidadã e vou trazê-los [pais]" (migrante, 34 anos).

"Eu paguei a passagem para minha mãe" (migrante, 32 anos).

"Trouxe quem eu queria que estivesse comigo" (migrante, 56 anos).

Tal atitude de resistência a uma situação de separação dos entes queridos, nestes três casos, aparece bastante afetada por situações positivas na vida das duas primeiras migrantes: a obtenção da cidadania e a disponibilidade de recursos para pagar a passagem. Evidentemente, houve um caminho percorrido para chegar a isso, levando em conta que trata-se de duas migrantes com seis e sete anos de residência no país, e a terceira migrante com 21 anos de residência.



5.2 Brasileiras nos Estados Unidos: o trabalho

Todas as migrantes brasileiras contatadas estão trabalhando no presente. Para compreender como o processo migratório pode afetar o percurso ocupacional-profissional das migrantes apresentamos no quadro 3 a ocupação presente e a que possuíam antes de migrar, a idade e o nível de escolaridade.

Quadro 4 – Brasileiras nos Estados Unidos: ocupação, idade e escolaridade.

OCUPAÇÃO			
Anterior	Atual	Idade	Escolaridade
Cozinheira restaurante	Cozinheira	74	fundamental incomplet.
Cuidava de idoso	Babá	67	fundamental incomplet.
Cabelereira	Dona de creche	66	médio incompleto
Secretária	Faxineira	58	médio incompleto
Manicure	Faxineira	39	médio incompleto
Cozinheira	Cozinheira	46	médio incompleto
Trabalhava em escritório	Faxineira	63	médio completo
Trabalhava em escritório	Operadora Máquina	54	médio completo
Professora	Babá	49	médio completo
Secretária	Secretária	54	médio completo
Faxineira	Professora	70	médio completo
Faxineira	Professora	48	médio completo
Esteticista / manicure	Comerciante	56	médio completo
Exportadora	Importadora	47	superior incompleto
Estudante	Secretária	27	superior incompleto
Professora	Auxiliar Administ.	48	superior completo
Professora / atelier de costura	Costureira	75	superior completo
Professora de biologia em faculdade	Faxineira	34	superior completo
Estud. direito/trabalhava escrit.advogado	Faxineira	32	superior completo
Informação não disponível	Relações públicas	42	superior completo
Gerente de RH	Editor de vídeo	50	superior completo
Babá	Administrava loja própria	50	superior completo
Técnica em RX	Faxineira	54	Informação não disp.

Tal como mencionamos anteriormente, ao analisarmos o gráfico 12, o grau de escolarização dessas migrantes brasileiras nos Estados Unidos é mais elevado se comparadas à realidade que apresentamos de outras migrantes em outros países por nós pesquisados ou, inclusive, quando comparadas a migrantes provenientes de outros países da América Latina e residentes nos Estados Unidos.

Contudo, observamos que: pouco mais da metade do grupo atinge como máximo o nível de grau médio completo (13) e, o que interessa salientar é que, apesar de haver sete migrantes com nível superior completo e duas com nível superior incompleto, o percurso ocupacional de algumas delas viu-se afetado após o processo de migração. Afetado no sentido de que algumas, no Brasil, tinham ocupações relacionadas à sua formação, isto é, tarefas que demandam possuir conhecimentos específicos adquiridos no âmbito do que se considera educação 'formal' (professora de biologia, técnica RX, etc.) e a migração para os Estados Unidos as leva a desenvolver tarefas para o que se denomina de 'mão-de-obra não-qualificada' (faxineira, babá, etc.) com conhecimentos adquiridos num âmbito não formal – familiar, por exemplo, o chamado mercado de trabalho secundários (conforme exposto no capítulo 1).

Deve-se levar em conta que o espaço onde uma pessoa realiza a sua formação profissional condiciona bastante a sua capacidade de "fazer valer", no mercado de trabalho, as qualidades técnicas adquiridas (NAROTZKI *apud* DUTRA, 2013). No entanto, "se a pessoa nem sequer frequentou um espaço de formação institucionalizado, as possibilidades de ser valorizada no mercado de trabalho são praticamente inexistentes" (DUTRA, 2013: 246). E, para o caso dessas migrantes com estudos superiores, podemos acrescentar que, mesmo tendo frequentado espaços de formação institucionalizados, provavelmente, no Brasil, trata-se de uma formação não sancionada pela sociedade de acolhida (os Estados Unidos). Isto é, estudos superiores que o próprio mercado de trabalho não está reconhecendo como válidos ou como socialmente significativos para desenvolver tarefas específicas à formação adquirida.

Indagamos, também: sobre as condições dos salários e dos dias e horas trabalhadas na semana, sobre se são elas as únicas fornecedoras no núcleo familiar (tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos), se dividem o sustento da família com mais alguém e se costumam enviar dinheiro para familiares no país de origem.

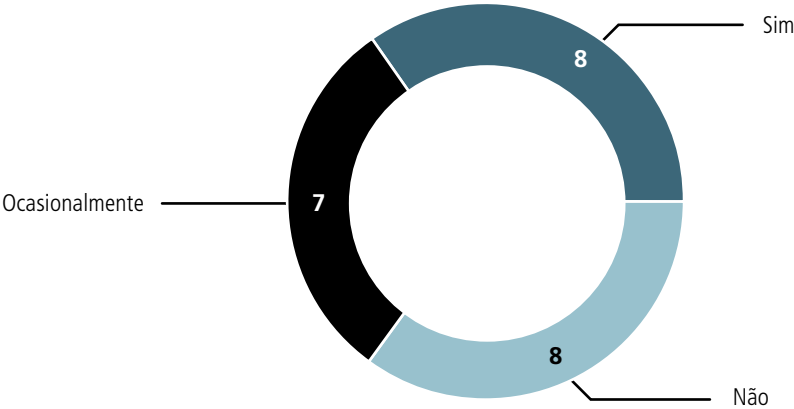
Quatro migrantes do total de 24 declararam que o salário não é suficiente e duas delas dão conta pois: (1) "*meus pais me ajudam*" (27 anos, secretária, curso superior incompleto, trabalha meio período), (2) "*não é suficiente, mas com meu esposo sim*" (49 anos, babá, educação média completa, trabalha oito horas por



dia). Por outro lado, uma migrante diz que “*só dá conta de sobreviver*”, e o restante delas considera que o salário é suficiente.

Pouco mais da metade do total de migrantes declara ser a única provedora de renda do núcleo familiar em que reside nos Estados Unidos. No que diz respeito a quantas migrantes enviam dinheiro para o Brasil e com que frequência, o gráfico 14 mostra as respostas.

Gráfico 14 – Brasileiras nos Estados Unidos: Costuma enviar dinheiro para familiares no seu país de origem? Com que frequência?



Para podermos compreender como as migrantes se sentem no contexto do trabalho, buscamos saber se elas sofrem discriminação e se pretendem trocar de emprego. Isso nos ajuda a compreender como elas vivem o fato de serem mulheres e migrantes trabalhadoras em um país onde é preciso falar outra língua e, portanto, já de início há uma forte marca nas diversas instâncias de interação.

À pergunta de se sentem discriminadas (ou não), por serem mulheres e estrangeiras, seis migrantes admitiram sofrer discriminação, porém, expressam isso de forma muito diversa: “*sim, pelos próprios brasileiros*” (58 anos, faxineira), “*muito*” (54 anos, operadora de máquina), “*às vezes*” (32 anos, faxineira), “*um pouco, mas mostrando postura sou respeitada*” (48 anos, auxiliar administrativo), “*pouquíssimas vezes*” (63 anos, faxineira).

Por outro lado, as que declaram não sofrer discriminação se manifestam da seguinte forma: “*nunca me senti*” (39 anos, faxineira), “*não me sinto discriminada*” (34 anos, faxineira), “*sou negra, mulher e imigrante e sempre fui bem tratada*” (74 anos, cozinheira), “*não, trabalho em ambiente americano*” (46 anos, cozinheira).

Junto à idade de cada migrante acrescentamos a profissão que possuem no momento presente por entendermos que ajuda a contextualizar as respostas obtidas. Não significa dizer que, ser faxineira, por exemplo, dê conta de justificar o sentimento de sentir-se discriminada. Aliás, ao observarmos as respostas temos três faxineiras que declaram sofrer discriminação, duas que declaram não sofrê-la e uma que declara ter sofrido discriminação só enquanto trabalhava como faxineira.

Desempenhar tarefas de limpeza – ou de outra índole – não necessariamente faz com que a pessoa trabalhadora se sinta discriminada. Isso dependerá da própria pessoa, da cultura de trabalho do lugar em que desempenha tais tarefas, da experiência de interação, não só no presente como também no passado; enfim, da história de vida individual, daquilo que a pessoa entenda por discriminação e como introjeta sua identidade profissional na sua subjetividade.

Justamente, é nesse sentido que citamos também a profissão, para questionarmos o lugar comum de pensar que só pessoas pobres, negras, indígenas, mulheres migrantes indocumentadas, são as que sofrem discriminação. Mulheres com tais características podem não se sentir discriminadas, independente da leitura que, como pesquisadores, possamos fazer.

Além disso, cabe nessa instância lembrar que migrantes cujas profissões detêm uma alta estima social (profissionais liberais, intelectuais, etc.) podem também manifestar sofrer discriminação pelas simples condição de serem migrantes, ou ainda, mulheres trabalhadoras em contextos onde imperam e dominam lógicas masculinas de interação.

Por tanto, a discriminação por gênero, por status migratório, por origem social, pela cor da pele, pela prática (ou não prática) de uma determinada religião, pela nacionalidade, são algumas das inúmeras causas de discriminação e, na maioria dos casos, tais causas podem estar sobrepostas numa mesma pessoa, fenômeno que nos estudos de gênero se denomina de "*interseccionalidade*".

Havendo explorado sobre a experiência de discriminação no contexto de trabalho, indagamos sobre a vontade de mudar ou não de emprego e os motivos que as levam a isso. Das 24 migrantes, nove manifestaram o desejo de mudar de emprego porque: "*fica muito longe da minha casa*", "*gostaria de trabalhar na minha profissão*", "*para ganhar mais*", "*porque faxina é muito pesado, já não aguento mais*", "*porque minhas forças físicas estão no limite*", "*com certeza, ninguém estuda para ser babá a vida inteira*". Contudo, há o caso também da migrante que quer, mas, "*por uma opção monetária não posso mudar*".



5.3 Brasileiras nos Estados Unidos: acesso a serviços

Com relação ao acesso à moradia e aos serviços de saúde, as migrantes declaram não ter problemas e receber *"atendimento de primeiro mundo"*, *"ótimo atendimento"*, *"muito bem atendida"*, *"em 20 anos usei o seguro público e sempre fui bem atendida"*. Interessa destacar o caso de uma migrante que diz *"tenho minha médica há mais de 15 anos. Além dela me atender na clínica do hospital eu posso ligar para o celular dela sempre que preciso"*. Somente uma migrante mencionou morar num bairro pouco seguro.

5.4 Brasileiras nos Estados Unidos: políticas migratórias

Sobre a situação de documentação em que se encontram as migrantes, sete delas estão sem documentação que lhes permita residir de forma regular nos Estados Unidos:

"não tenho papéis, não tem lei aberta para mim" (58 e 54 anos)

"vim pelo México, logo não há lei aberta para mim" (32 anos)

"tenho somente o SS (Social Security) e o CPF do Brasil" (75 anos)

"esperando a alteração da lei" (46 anos)

"bobei e não me legalizei nas leis que este país foi oferecendo nestes 25 anos" (70 anos).

As restantes do grupo de migrantes, todas possuem documentação. Algumas a obtiveram em épocas que era mais simples o processo – *"antes dos acontecimentos de 2001 quando era mais fácil fazer a documentação"*, também por casamento ou pelo benefício da anistia feita no governo de Ronald Reagan²⁷.

No que tange às dificuldades para obter a documentação, duas migrantes apontam para o problema da demora do processo e, de acordo com outras, *"não há muito para ser feito"*, já que só depende do governo: *"quero me casar por amor e o papel é uma consequência"*. Outras estão tentando através da família: *"minha filha aplicou para me legalizar"*, *"meu filho casou e estou me legalizando"*. E ainda: *"estou esperando uma anistia"*.

27 Em 1986, sob a presidência de Reagan abre-se um duplo processo de regularização, e um deles refere à aprovação da Lei de Reforma e Controle da Imigração e suas disposições de "anistia" para aqueles que residiam de forma contínua no país desde antes de 1 de janeiro de 1982 e que permitiu regularizar a situação de 1,6 milhões de pessoas (Chacón, 2012: XXIII).



Contudo, uma migrante de 50 anos em situação irregular de documentação declara *"lutar e participar de passeatas para conscientizar o poder público"*. Novamente aparece a dependência com as autoridades, porém, surge uma brecha de ação visando a conscientização daqueles que detêm em suas mãos a capacidade de legislar e fazer mudanças nas políticas migratórias do país.

5.5 Brasileiras nos Estados Unidos: reflexões de migrantes

Duas questões finais foram levantadas buscando captar os significados que as migrantes dão as suas próprias vivências migratórias: *O que você diria a quem quer deixar sua terra hoje e migrar? e Você pretende voltar a morar no seu país? Por quê?*

À primeira pergunta houve respostas com diversas nuances que vão desde: o **encorajamento** a outras migrantes a viver a experiência da migração – *"Vá em frente vale a pena viver novas experiências"*, *"Venha e batalhe, lute e trabalhe pelos seus ideais"* – passando pelo **meio termo**, que não fecha a possibilidade, mas, sem perder o tom de advertência – *"pensar muito bem antes de vir para cá"*, *"munir-se de muita coragem e determinação. Especialmente se migrar sozinha"*, *"Aqui encontrará muitas dificuldades (concorrência, idioma, cultura, papéis)"* – até a **rejeição** total da vivência – *"Não vale a pena"*, *"Fique onde está e tente viver a vida da melhor forma possível"*.

Seis, das 24 migrantes, declararam ter a intenção de retornar ao Brasil, 14 delas não pretendem fazê-lo. Uma síntese das respostas são apresentadas no quadro 5.



Quadro 5 – Brasileiras nos Estados Unidos: Você pretende voltar a morar no seu país?

SIM PRETENDO VOLTAR:

Passar velhice no Brasil. Aqui só se trabalha, zero qualidade de vida.

Para viver com minha família e tenho garantia de aposentadoria.

Pela qualidade de vida e clima quero viver a minha velhice no Brasil.

Não existe país melhor que o Brasil.

NÃO PRETENDO VOLTAR:

Vim sendo nova, não me acostumaria no Brasil. Meus pais estão aqui.

Sinto-me feliz nesta terra que estou. Tenho tudo que desejei.....

Porque tenho casa e família aqui.

Gosto daqui, me acostumei, sinto-me segura.

Aqui tenho raízes, casa, filho e quero morrer com meus netos.

Gosto de viver aqui.

Cheguei nova, agora casei e tenho filha.

Minha parte familiar está aqui agora, como meus filhos e esposo.

Tenho filhas e netos aqui, já não tenho mais idade para recomençar no Brasil

Entendemos que as respostas à pergunta de se pretendem um dia retornar ao Brasil, refletem em grande medida os significados dados pelas migrantes à sua experiência migratória. A situação familiar das migrantes afeta essa intenção de retornar ou de ficar nos país de acolhida. Mais um elemento que nos leva novamente à impossibilidade de separar, na identidade das migrantes, a condição de ser mulher-mãe-avó-migrante. Ou seja, o lugar de cuidar dos outros e o medo de envelhecer longe desses aparece claramente em algumas das respostas.





HAITIANAS NA REPÚBLICA DOMINICANA

Delia Dutra

O GEÓGRAFO haitiano George Anglade, falecido durante o terremoto ocorrido em 12 de janeiro de 2010, costumava dizer que os 4 milhões de haitianos espalhados pelo mundo constituíam a base sobre a qual o país se sustentava, já que enviavam remessas de aproximadamente 2 bilhões ao ano (OIM, 2010).

Atualmente, e após o terremoto de 2010, autoridades políticas do Haiti – país considerado o mais pobre dentre os países ocidentais – acreditam que, para esses haitianos emigrantes, a diáspora joga um papel fundamental na reconstrução do país (OIM, 2010). Segundo dados do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), 83% dos haitianos altamente qualificados deixaram o país. Além do mais, depois do terremoto, que matou 300 mil pessoas, estima-se que também 20 mil profissionais deixaram o país, servindo-se dos programas de reunificação familiar oferecidos por alguns países desenvolvidos (OIM, 2010).

No entanto, não só profissionais qualificados migram. Milhares de haitianos procuram escapar de uma realidade de extrema precariedade e violência tendo como destino diversos países. Dentre eles, a República Dominicana desponta como destino 'natural' e histórico. Isso pela proximidade e por constituir-se como única fronteira terrestre.

O Haiti junto como a República Dominicana conformam a Ilha A Española. Se bem que ambos os países contam com aproximadamente 10 milhões de habitantes cada um, a República Dominicana ocupa um território duas vezes maior ao ocupado pelo Haiti e possui uma economia seis vezes maior (OIM, 2010). Tomar conhecimento de tal disparidade ajuda na compreensão da migração constante e histórica de muitos haitianos que buscam trabalhar no setor da economia informal do país vizinho, assim como também daqueles que buscam ter acesso, nem que seja a serviços básicos de saúde nos hospitais públicos da República Dominicana²⁸.

28 Cf. <http://desdesantiago.wordpress.com/2010/08/26/haitianos-abarrotan-hospitales-publicos/>, Acesso em setembro, 2012.

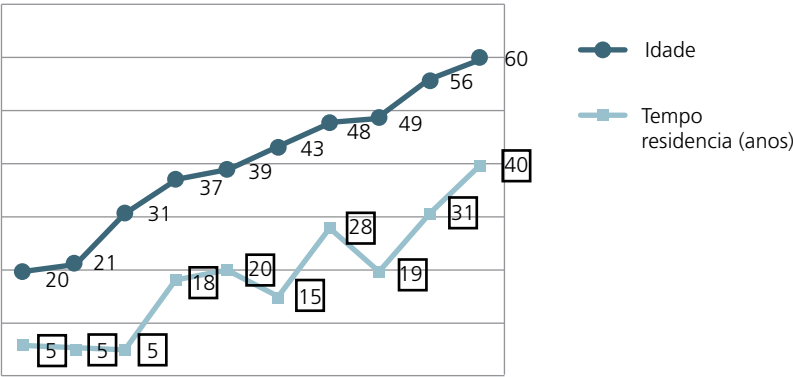


Foram dez as migrantes haitianas que contribuíram com essa pesquisa e todas residentes em Batey Consuelo. Os denominados “bateyes”²⁹

son comunidades rurales que surgieron alrededor de la industria azucarera en la República Dominicana. Estos pueblos comenzaron a establecerse en el interior dominicano al inicio del siglo XIX, cuando las plantaciones de caña de azúcar ampliaron el uso mano de obra haitiana, itinerante y no reglamentada³⁰.

No gráfico 15 pode-se observar que, neste grupo de migrantes, se dá uma relação diretamente proporcional entre a idade e os anos de residência no país de acolhida. Quanto maior a idade, mais tempo residindo fora do seu país de origem.

Gráfico 15 – Haitianas na República Dominicana: idade e anos de residência



Das dez migrantes, oito declararam seu nível de escolaridade: duas não tiveram acesso à educação escolar, três possuem ensino médio incompleto, uma ensino médio completo e duas ensino superior incompleto. Todas declaram estar sem trabalho, assunto que retomaremos mais a frente.

29 Levando em conta os limites desse relatório e para podermos nos concentrar em analisar as respostas das migrantes que é o nosso objetivo, não vamos trazer aqui numa explanação detalhada desse tipo de conjunto populacional típico do contexto rural da República Dominicana. Contudo, para aqueles que não estamos familiarizados com essa realidade e buscamos ter uma melhor compreensão do contexto sociodemográfico do Batey atualmente neste país, resulta interessante a leitura do documento “Análisis del contexto sociodemográfico de la base poblacional Batey” (MARTÍNEZ, s/d). Disponível em: http://copresida.gob.do/bateyes/recursos/analisis_sociodemografico_Batey.pdf, Acesso em: setembro, 2012.

30 <http://es.yspaniola.org/aprenda/bateyes-y-la-republica-dominicana/>, Acesso em: setembro 2012.

6.1 Haitianas na República Dominicana: a família

Buscamos conhecer o contexto familiar das migrantes e, para isso, indagou-se sobre com quem estão morando no presente, com quem migraram e como está formada a família que ficou no país de origem.

Do total de migrantes, todas declaram morar com a família sejam, pais, filhos, esposos, irmãos, parentes em geral. Só uma delas declara morar somente com o marido e não com filhos. Significa dizer, que estamos novamente perante um universo de mulheres migrantes-mães que, neste caso, estão desempregadas e todas sem estudos concluídos que lhes permitisse contar com ferramentas concretas para mudar uma situação de vulnerabilidade extrema, seja pela inviabilidade de retornar ao país de origem, seja pela situação de marginalização em que se encontram no país de acolhida.

A grave situação social e política em que se encontra o Haiti, país de origem delas, se reflete sem dúvida na vida presente dessas migrantes e suas famílias na República Dominicana, país onde cinco das dez migrantes declaram estar em situação irregular de documentação.

No caso de oito, das dez migrantes, o ato de migrar foi feito em companhia de outros integrantes da família ou amigos. Já para as outras duas, o deslocamento foi feito de forma individual, sem contar com a companhia de pessoas próximas. Uma delas explica ter deixado só três pessoas da sua família no Haiti, pois as outras (dez no total) são falecidos.

Nessa linha, todas deixaram integrantes da família no Haiti que, se bem não explicam em detalhes como está conformada, ao serem questionadas com a pergunta *"como está formada sua família que ficou no Haiti?"*, todas respondem informando a quantidade de integrantes (entre 5 até 10 pessoas).

Independentemente que se trate de pais, filhos, primos, irmãos, etc., o que interessa observar é que esses são considerados "família deixada", e a metade das migrantes quando indagadas se teriam gostado de ter trazido alguém deles junto, responderam com uma negativa.

Encontramos nisso um ponto interessante a continuar explorando em futuras pesquisas, pois podemos inferir que a vida de sofrimentos não acaba para muitas dessas migrantes com a migração para o país vizinho, daí o não-desejo de trazer a família para perto delas. As dificuldades materiais, assim como as dificuldades na hora da interação nesse "novo lugar"³¹, com o habitante local ou

31 Cf. Aumenta la violencia contra haitianos, Disponível em: <http://ipsnoticias.net/nota.asp?idnews=90376>, Acesso em: setembro 2012.



outros migrantes, podem estar fazendo com que o sofrimento de ter deixado o país e a família se ‘apague’ um pouco perante esse outro sofrimento que se apresenta como algo novo.

Las violaciones de derechos humanos contra haitianos y sus descendientes se están agravando en la República Dominicana, al tiempo que se intensifican las deportaciones masivas de inmigrantes hacia el país vecino. () **en el batey (campamento azucarero)** de El Cerro, en Montecristi, 25 casas fueron incendiadas y ocho destruidas por completo, obligando a los 200 haitianos que vivían en ellas a escapar del lugar. (VILARDO, 2008, grifos nossos).

6.2 Haitianas na República Dominicana: o trabalho

Tal como já foi mencionado, as dez migrantes haitianas declararam estar desempregadas no momento atual. O quadro 5 deixa em evidência a imbricação entre variáveis como a escolaridade, idade, experiência anterior de trabalho e situação atual de emprego. A essas podem ser acrescentadas outras variáveis, começando pela condição de serem mulheres (gênero), migrantes, origem social pobre afetado pela nacionalidade e traços físicos e assim por diante. Essa sobreposição de fatores e/ou ciclos de desvantagens que vão se acumulando num mesmo grupo social é o que nos estudos de gênero se denomina como "interseccionalidade".

Quadro 6 – Haitianas na República Dominicana: ocupação, idade e escolaridade

OCUPAÇÃO			
Anterior	Atual	Idade	Escolaridade
Não trabalhava	Não trabalha	20	médio incompleto
Não declarada	Não trabalha	21	superior incompleto
Não declarada	Não trabalha	31	médio incompleto
Dona de casa	Não trabalha	37	sem escolaridade
Empregada doméstica	Não trabalha	39	sem escolaridade
Vendedora	Não trabalha	43	médio incompleto
Dona de casa	Não trabalha	48	não declarada
Empregada Doméstica	Não trabalha	49	superior incompleto
Comerciante	Não trabalha	56	médio completo
Cuidava de casa	Não trabalha	60	não declarada

Podemos inferir que as chances de elas mudarem a sua situação presente de falta de trabalho são muito remotas, levando em conta que o grau de escolaridade não ajuda por ser, em geral, muito baixo ou quando existe está incompleto. Além disso, a experiência de trabalho prévia refere a trabalhos que requerem pouca qualificação formal.

Os migrantes em geral sofrem este tipo de situações, entretanto, podemos sustentar que estamos perante um mapa tipicamente feminino da mulher migrante que mora num contexto onde há escassez de oferta de emprego de acordo com as suas capacidades – lembrando que são capacidades que estão culturalmente delimitadas – e onde são muito discriminadas simplesmente pela sua condição de migrantes pobres haitianas.

Todas as dez migrantes declaram não estar trabalhando, e à pergunta *que tipo de trabalho você poderia e estaria disposta a fazer?* somente quatro delas responderam. Uma migrante simplesmente diz “*nada*”, ela tem 60 anos e antigamente declarou trabalhar cuidando de uma casa. As outras mencionam poder desempenhar tarefas de *cozinheira, comerciante e “trabalho de negócio”*.

Resulta significativo, pois pode nos auxiliar na reflexão, buscar ir além da simples constatação e pensar sobre as condições de vida e as expectativas de mudanças de curto e longo prazo que mulheres migrantes têm quando, por um lado, se assume não estar disposta ou em condições de trabalhar (“*nada*”) e, por outro, se apresenta o silêncio como resposta (as outras seis migrantes do grupo de dez haitianas). Isto é, o silêncio ao se deparar com uma situação que as coloca numa instância de refletir sobre aquilo que elas têm para oferecer e para ‘fazer valer’ – suas habilidades e competências – levando em conta as lógicas do mercado de trabalho em que se encontram.

Situação semelhante se apresenta ao serem indagadas sobre quais as dificuldades que enfrentam na hora de procurar um trabalho. Três migrantes dão respostas que referem à falta de documentação, à idade avançada e à necessidade de cuidar da sua própria casa. Duas, dessas três migrantes, ainda acrescentam a dificuldade de serem mulheres – condição de gênero – e de serem haitianas, revelando novamente que a nacionalidade é motivo de discriminação na República Dominicana.



6.3 Haitianas na República Dominicana: acesso a serviços

O acesso a serviços, moradia ou saúde, apresenta dificuldades para algumas das migrantes. Cinco, das dez migrantes, responderam sobre o acesso a moradia e manifestaram as seguintes dificuldades:

Não possuir casa própria, demanda pagar aluguel.

Muito pouco espaço, casa pequena.

Ausência de saneamento básico.

Sobre o acesso ao atendimento de saúde, uma das migrantes declarou que os médicos vão até o local em que mora, Batey Consuelo, portanto, o acesso deixa de ser um problema. As que precisaram comparecer a um hospital público (por gravidez ou doença), foram cinco migrantes. Elas manifestam ter recebido um bom atendimento, porém, uma delas diz que lhe foram receitados remédios que ela não tinha condições de comprar. Portanto, identificamos a necessidade de ter acesso à medicação receitada pelos médicos de forma gratuita.

6.4 Haitianas na República Dominicana: políticas migratórias

No que se refere à situação de documentação para residir na República Dominicana, cinco, das dez migrantes, declaram estar "indocumentadas". Outras duas migrantes dizem ter perdido a documentação que lhes havia sido concedida. Três migrantes explicam que existe um custo muito alto para ter acesso a documentos e uma diz que está empenhada em ajudar o filho a ter acesso a documentos.

A partir dessas respostas é possível inferir que todas as entrevistadas estão indocumentadas, ainda que apenas cinco falem isso de maneira explícita. Essa informação se faz relevante quando pensamos a pesquisa no campo das migrações, pois evidencia a capacidade que as pesquisadas têm em não responder diretamente às perguntas que dizem respeito a assuntos delicados, tal como a documentação (mesmo em situações em que se tem um vínculo de confiança estabelecido, como no caso das irmãs scalabrinianas, por exemplo).





7. COLOMBIANAS NO EQUADOR

Delia Dutra

O EQUADOR não somente deve ser apontado como país detentor de altas taxas de emigração – são dois milhões de equatorianos residindo fora do país – como também o país vem se constituindo em um importante receptor de fluxos de imigrantes internacionais, notadamente provenientes de países da região³².

A condição de país de destino de migrantes e refugiados provenientes da Colômbia (também do Peru), segundo a OIM³³, pode, em grande medida, ser explicada pela dolarização da economia equatoriana somada a fatores sociais e políticos ocorridos nos países vizinhos. A Colômbia, por exemplo, possui milhões de cidadãos vítimas dos conflitos armados que afetam o país. Segundo a OIM, na sua maioria, são pessoas que deixaram suas terras, seus locais de origens, obrigadas pela violência dos enfrentamentos.

Durante os últimos anos, de acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR/UNHCR), o Equador recebeu aproximadamente 130 mil colombianos que buscavam proteção internacional. Entre o ano 2000 e 2010, foram recebidas mais de 100 mil solicitações de refugiados e 52 mil pessoas foram beneficiadas, dessas, 98% eram colombianos³⁴ (OIM).

Foram 24 as mulheres colombianas³⁵ consultadas para contribuir com essa pesquisa. Sete delas residem atualmente na cidade de Quito (capital do país), oito em Lago Agrio, quatro em San Lorenzo e cinco em Ibarra. Lago Agrio, por exemplo, é uma localidade situada a 20 quilômetros do rio São Miguel, fronteira com Colômbia. Ela é considerada uma “cidade ponte para depois procurar

32 OIM, Disponível em: <http://www.iom.int/jahia/Jahia/ecuador>, acesso em julho 2012.

33 *Idem*.

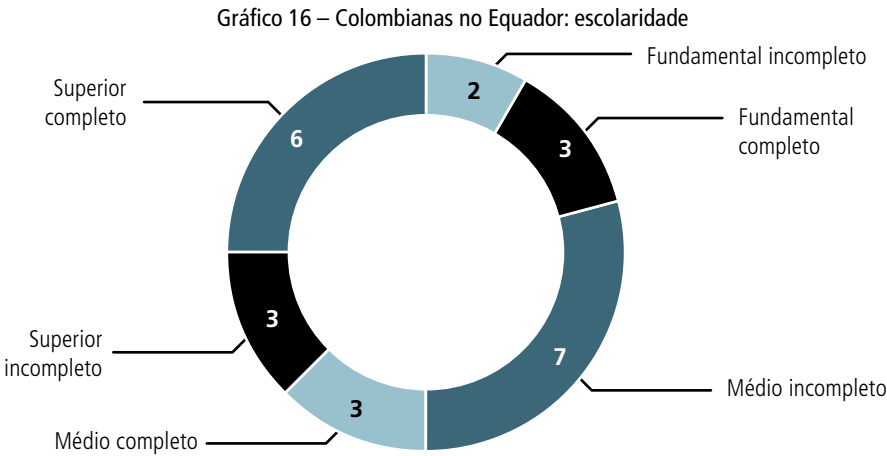
34 *Idem*. Tradução nossa do original em inglês.

35 A partir desses dados é pertinente destacar a importância do lugar de origem e destino no fluxo migratório Colômbia – Equador, uma vez que esses países compartilham aproximadamente 640km de fronteira. Conforme foi colocado pelos pesquisadores em campo, a maioria dessas mulheres são originárias de Nariño, que faz parte dessa região limítrofe da Colômbia. Segundo os dados da pesquisa, um dos locais de destino dessas mulheres é Lago Agrio (Equador), região localizada a 20 quilômetros da fronteira colombiana. Desse modo, a noção de fronteira revela seu potencial para uma compreensão mais ampla desse fluxo migratório que comporta especificidades marcadas pelo conflito interno colombiano.



outros lugares onde possam se sentir mais seguros” (Anexo III) e protegidos da violência que impera na Colômbia por conta do conflito armado³⁶.

Se buscarmos saber quem são essas 24 colombianas que chegaram ao Equador, uma forma de iniciar a caracterização pode ser observar o nível de escolaridade que possuem como forma de ir além da idade e o tempo de residência nesse país. Conhecer a escolaridade das migrantes (gráfico 16) nos fornece elementos iniciais que ajudam a romper com pré-noções sobre "a mulher migrante" como sujeito com baixa qualificação formal e com uma história de vida sem acesso à educação.



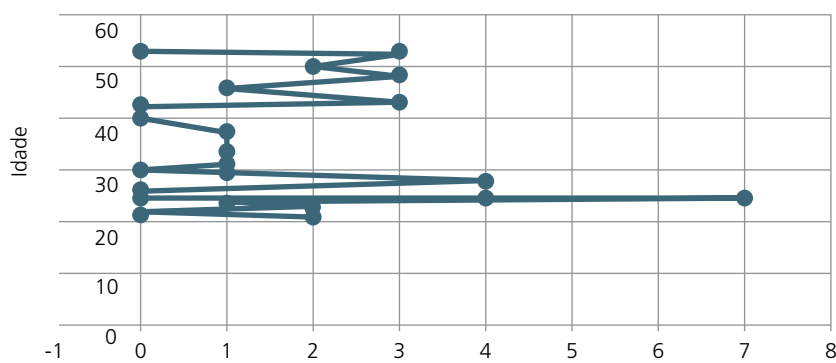
Evidentemente que a falta de acesso à educação formal tem afetado às mulheres mais do que aos homens, porém, isso está mudando e não necessariamente acontece assim sempre. No caso particular das 24 migrantes colombianas, salientamos o fato de haver seis delas (25%) com estudos superiores completos e três com estudos superiores incompletos. Esses dados serão relacionados mais a frente, no item "trabalho", à idade e à ocupação das migrantes, antes e depois da migração.

Voltamos agora à distribuição por idade dessas 24 migrantes – entre 21 e 53 anos – que pode ser observada no gráfico 17, assim como a relação que se estabelece entre idade e o tempo que levam morando no país de acolhida.

36 Para conhecer mais em detalhe o processo da pesquisa de campo feita pelas irmãs Scalabrinianas no Equador, consultar o anexo III, documento em que elas próprias relatam as estratégias levadas adiante e as situações de vulnerabilidade em que se encontra essa população de mulheres colombianas.



Gráfico 17 – Colombianas no Equador: relação idade vs. tempo morando no país



Nesse caso particular, estamos perante uma população migrante feminina que sofre pela violência armada que vive o seu país de origem e pela violência vivida também no seu núcleo familiar:

La mayoría de las mujeres que vienen han sufrido algún tipo de violencia, son madres solas cabezas de familia o en su defecto han venido con su pareja las cuales le han abandonado tiempos después de haber llegado aquí, la mayoría son mujeres analfabetas (Cf. Anexo III).

Tais especificidades podem nos auxiliar na compreensão de por que, nesse caso, não se cumpre a tendência de que quanto mais idade tem a migrante maior será o tempo de residência no país de acolhida (relação diretamente proporcional entre idade e tempo de residência); tendência que, *sim*, identificamos em outros países que fazem parte da pesquisa.

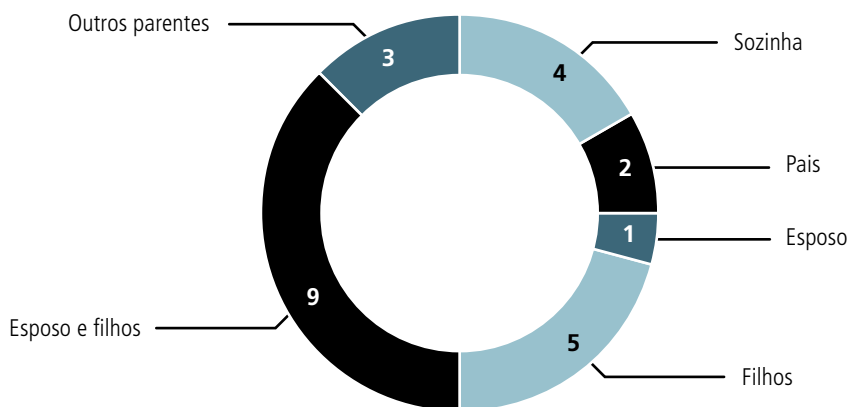
Significa dizer que, em situações de conflitos armados que provocam fluxos de migrações forçadas, o processo migratório apresenta outras características, novas formas de se manifestar. Por outro lado, também mantém algumas tendências que podem ser observadas em fluxos de migração exclusivamente por trabalho. Nos próximos itens podemos avaliar essas diferenças e semelhanças com outras realidades.

7.1 Colombianas no Equador: a família

Para analisar a categoria *família* as migrantes foram indagadas sobre com quem estão morando no presente, com quem migraram e como está formada a família que ficou no país de origem.



Gráfico 18 – Colombianas no Equador: Com quem mora atualmente?



Salientamos o fato que cinco, das 24 migrantes, estão morando só com os filhos e nove com filhos e marido, o que representa um total de 14 migrantes-mães morando atualmente com os filhos. Entretanto, quando questionadas sobre a família deixada no país de origem, oito migrantes declaram ter deixado filhos, o que significa que quase o total das migrantes são mães³⁷, seja à distância, seja que tenham os filhos morando com elas. Significa dizer que, novamente, estamos perante uma realidade onde se justapõe a identidade de mulher migrante-mãe. Dado que não podemos deixar passar pela função que tradicionalmente a mulher detém na nossa sociedade de cuidar da família, dos filhos principalmente, e o quanto isso afeta na sua experiência de vida de migrante, tanto para aquelas que compartilham essa experiência migratória com os filhos, quanto para aquelas que vivem sua maternidade à distância.

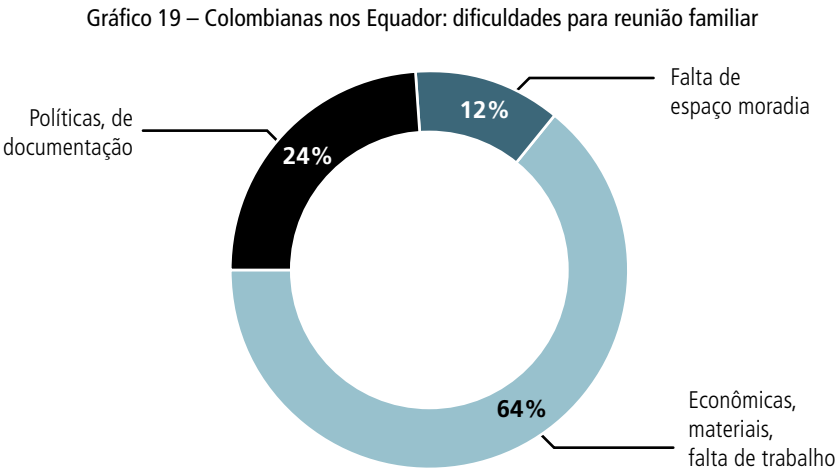
Outro dado que nos resulta significativo é que quando consultadas sobre se teriam gostado de ter trazido alguém da família com elas no momento que migraram, todas responderam de forma afirmativa, seja por querer trazer pais, filhos, irmãos, etc. Entendemos que isso também reflete uma situação de migração forçada pela situação de violência devido ao longo período de conflito armado que vive a Colômbia em determinadas regiões do país. Ou seja, no caso de países anteriormente analisados, quando a migração é por motivos econômicos, por falta de trabalho, por desejo de superação pessoal, isto é, por

37 Não falamos do total das migrantes (as 24) como mães, já que houve casos dentre as 14 que declararam estar hoje morando com os filhos, que também declararam ter deixado um filho/a na Colômbia.



tentar melhorar de vida, às vezes (nem sempre) se identifica a vontade de trazer familiares junto, mas outras vezes existe mais forte o desejo de a migrante retornar para se reencontrar com a família.

Nesse caso das migrantes colombianas, portanto, há uma vontade explícita de querer trazer a família para o Equador, assim como também há uma tomada de consciência sobre as dificuldades para materializar tal desejo e que são sintetizadas no gráfico 19.



As dificuldades econômicas e materiais, assim como a falta de um trabalho melhor remunerado ou de oferta de trabalho para seus familiares, despontam como as principais dificuldades citadas pelas migrantes. Entendemos que isso possa explicar o sentimento delas de não dar conta de gerar mudanças perante tal situação. Quando questionadas se já começaram a procurar alternativas para cumprir o desejo de trazer a família para junto de si, seis, do total das 24 migrantes, responderam de forma afirmativa, mesmo que tal assertiva não signifique ter superado já as dificuldades:

"sim estou desesperada para trazê-los, estou juntando dinheiro" (30 anos)

"sim estou procurando muito um emprego e assim que conseguir vou trazê-los"
(22 anos)

"sim estou tentando fazer a documentação" (43 anos)

"estou trabalhando para que venham" (21 anos)

"estou consultando os trâmites burocráticos para que venham" (30 anos).



Significa dizer que a escassez de recursos para, nas palavras das migrantes, *"pagar as passagens deles", "poder alimentá-los", "pagar um local de moradia adequado"*, resultado da falta de trabalho ou de boas condições de trabalho, produz na maioria do grupo das migrantes consultadas uma atitude que podemos chamar de paralização por não poder agir e assim superar as dificuldades de reunião familiar. Também foi mencionada, com menos frequência, a necessidade de esperar resolver questões de documentação para depois pensar nas estratégias para a reunião familiar.

7.2 Colombianas no Equador: o trabalho

Do total das 24 migrantes colombianas contatadas no Equador, 17 estão trabalhando (71%) e sete declararam estar desempregadas (29%). Salientamos o fato de que três, das que estão desempregadas, manifestaram que a falta de documentação para residir legalmente no Equador se apresenta como a principal dificuldade para sair desta situação. Ademais, uma delas declara que a sua nacionalidade colombiana representa um obstáculo para ser contratada ou, inclusive, para receber o salário a que teria direito: *"quando percebem que sou colombiana, não me contratam, ou quando trabalho não me pagam"* (26 anos, ensino médio incompleto).

Cabe acrescentar que seis, das sete desempregadas, possuem entre 22 e 33 anos, sendo que somente uma ultrapassa essa faixa etária com 53 anos, havendo recentemente chegado ao Equador (menos de um ano). Somente duas, das sete, eram estudantes e não trabalhavam antes de migrar. As demais trabalhavam no setor de serviços domésticos ou no comércio.

Para analisarmos a situação das migrantes que estão trabalhando no momento (71%) construímos o quadro subsequente que nos permite comparar a situação de trabalho em que se encontravam antes de migrar e a situação presente, assim como a idade e o nível de escolaridade.



Quadro 7 – Colombianas no Equador: ocupação, idade e escolaridade

OCUPAÇÃO			
Anterior	Atual	Idade	Escolaridade
Trab. em restaurante	Vendedora ambulante	50	fundamental incompl.
Trab. em uma propriedade	Vendedora ambulante	28	fundamental incompl.
Comerciante/vendia roupa catál.	Vendedora	40	fundamental completo
Cozinheira restaurante	Lava roupas/doméstica	37	médio incompleto
Estudava odontologia (incompleto)	Cozinheira	24	médio incompleto
Estudante	Negócio próprio (apoio scalabrinianas)	23	médio incompleto
Vivia/trabalhava uma propriedade	Vendedora ambulante	52	médio incompleto
Empregada doméstica	Não declara	25	médio incompleto
Estudante	Trabalho em banco	25	médio completo
Vários ofícios	Empregada doméstica	46	médio completo
Estudante	Trabalha com eletrônica	21	médio completo
Tinha quiosque	Não declara	42	superior incompleto
Comércio formal	Vendedora ambulante	48	superior incompleto
Auxiliar de enfermagem	Lavo roupas ocasionalmente	43	superior completo
Empregada de armazém	Salão de beleza	29	superior completo
Vendedora de sandália	Lavo roupas	30	superior completo
Vendedora	Não declara	30	superior completo

Em primeiro lugar, salientamos que apesar de que quatro migrantes estudavam no país de origem, a Colômbia, nenhuma está estudando após ter migrado para o Equador. Podemos inferir que existam altas barreiras materiais (recursos como tempo e dinheiro) para dar continuidade aos estudos. Isso se torna muito significativo já que compromete as chances de mobilidade social, ou seja, de melhoras nas condições de trabalho e, conseqüentemente, de vida no futuro.

No que tange ao nível de formação escolar atingido pelas migrantes, observamos que, da mesma forma que acontece com a maior parte dos demais países pesquisados, estamos perante um cenário de escasso nível de escolarização. 47% desse grupo nem sequer chegam a completar os estudos médios e 23% declaram ter concluído estudos superiores. Nesse último, e seletivo grupo das que possuem



estudos superiores completos, todas desempenham tarefas tradicionalmente vinculadas à mulher e sem necessidade de formação acadêmica (lava roupas, salão de beleza, por exemplo).

Significa dizer que, no caso deste grupo de migrantes, nem a idade nem o nível de escolaridade se apresentam como variáveis determinantes na hora de buscar incorporar-se ao mercado de trabalho. Entretanto, observamos que, ao serem questionadas sobre os trabalhos que anteriormente desenvolviam no seu país de origem, quase todas as que trabalhavam declararam ter desempenhado tarefas semelhantes, ou seja, tarefas que requerem pouca ou nenhuma qualificação formal. Somente uma migrante declarou ter trabalhado como auxiliar de enfermagem na Colômbia, profissão que demanda uma formação técnica e que é tradicionalmente associada muito mais à mulher do que ao homem.

Nesse sentido, levando em conta o tipo de ocupação-profissão desenvolvida pelas migrantes, tanto antes quanto após o processo migratório, identificamos que existe no grupo uma forte identidade profissional feminina sendo que todas desempenham tarefas histórica e culturalmente atribuídas à figura da mulher. A experiência migratória não propicia mudanças, dessa forma, para esse perfil de mulher migrante, aliás, a divisão internacional e sexual do trabalho reforça o fenômeno da "segregação ocupacional" (Nash, 2012: 313) restringido às mulheres, neste caso migrantes, para determinadas tarefas que poucos/as estariam dispostos a assumir.

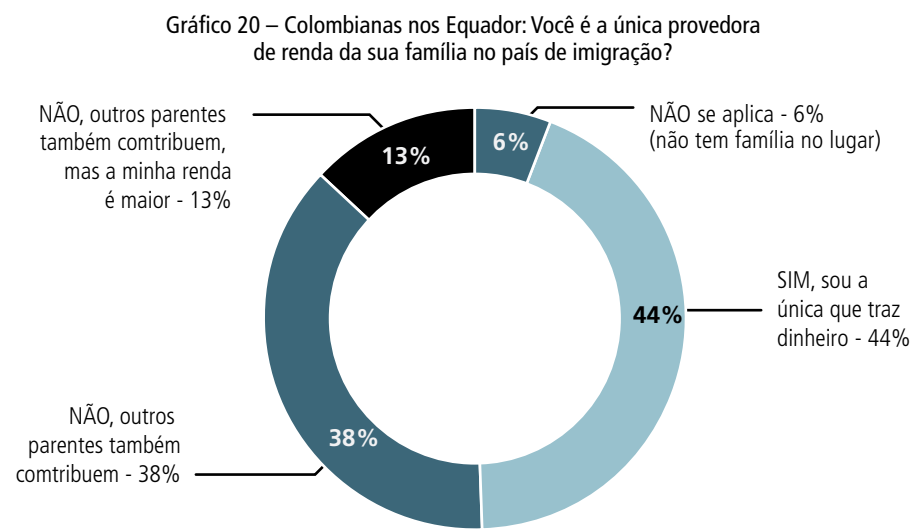
No que diz respeito às migrantes desempregadas, além da anteriormente citada dificuldade com a documentação para residir legalmente, teve o caso de uma migrante que declara ter dificuldades de se empregar *"pois meu diploma não tem reconhecimento neste país"*.

As migrantes foram também indagadas sobre as condições dos salários e os dias e horas trabalhadas durante a semana; sobre se são elas as únicas fornecedoras materiais do núcleo familiar (tanto na Colômbia – caso tivessem deixado família, quanto no Equador) ou se compartilham o sustento da família com mais alguém, e sobre se costumam enviar dinheiro para familiares no país de origem.

Da totalidade das migrantes que trabalham, somente uma declara dar conta de se sustentar com o salário *"porque recebo ajuda do meu esposo que também trabalha"*; já as demais migrantes declaram não ter condições de poupar, devido a que, por exemplo: *"o dinheiro que ganho vai todo para o aluguel"*, *"gasto tudo em aluguel e alimentação"*, *"sempre falta para o aluguel"*, *"ganho muito pouco"*.



Entretanto, o gráfico subsequente permite-nos avaliar com maior clareza a situação de precariedade e vulnerabilidade que as migrantes e seus dependentes se encontram se levarmos em conta que 44% delas são as únicas provedoras do núcleo familiar e 13% detém a função de prover a principal fonte de renda para a família residente no Equador.



Esse cenário pode nos ajudar a compreender por que quando indagadas sobre se costumavam enviar dinheiro para suas famílias que ficaram na Colômbia, a metade delas declara *não enviar* dinheiro. Da outra metade do grupo que trabalha, oito migrantes, somente uma declara enviar todo mês dinheiro para seus pais. Veja-se a síntese no próximo quadro das migrantes que sim enviam dinheiro.

Quadro 8 – Colombianas no Equador: frequência envio dinheiro família país de origem.

Migrantes	Frequência envio dinheiro família país origem
1	mensalmente
1	faz algum tempo que não envia
3	não declaram frequência
2	quando possível
1	ocasionalmente

A segregação ocupacional, que sofrem em geral mulheres migrantes, pode ser constatada através de dados objetivos como os anteriormente mencionados (situação de emprego/desemprego, tipo de tarefas, etc.), mas também se torna muito significativo compreender como as próprias migrantes vivem tal situação. Para isso, foram indagadas sobre se elas se sentiam discriminadas no ambiente de trabalho por serem mulheres e migrantes.

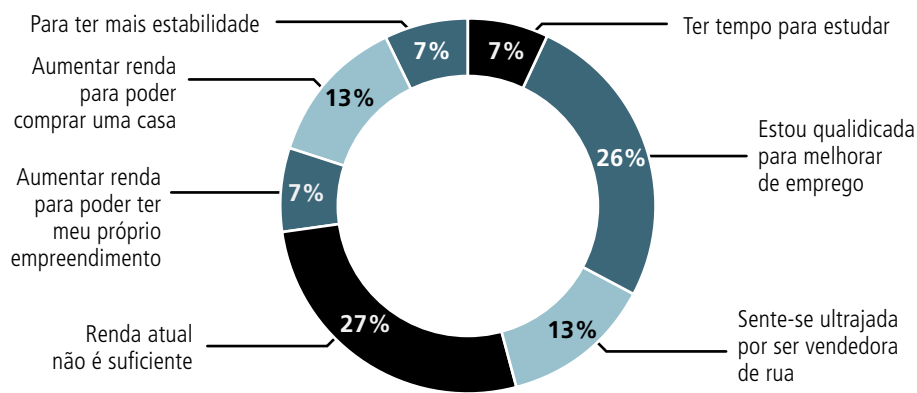
Mais da metade, 59%, declara sofrer a discriminação nos seguintes termos:

- "Aqui existe muita discriminação, pois, quando se procura emprego a preferência é masculina, e ainda, sou discriminada pela minha nacionalidade"* (37 anos).
- "Por ser colombiana e negra sinto-me discriminada, isso se agrava por ser mulher"* (29 anos).
- "As vezes quando estou vendendo as pessoas me olham mau, riem de mim. Por isso me sinto discriminada, despreciada, discriminada"* (48 anos).
- "Por ser colombiana"* (quatro migrantes, 40, 42, 43 e 46 anos).
- "Algumas vezes por não ter um visto"* (30 anos).
- "Por ser estrangeira e por ser mulher"* (25 anos).

As demais migrantes, 41%, declaram não se sentirem discriminadas sem acrescentar, em geral, qualquer explicação. Com exceção de duas migrantes: *"me sinto segura e muito tranquila"* (30 anos), *"no momento tenho confiança e sei como me defender de qualquer discriminação"* (24 anos), um sentimento que pode chegar a acontecer aquilo que supostamente não a atinge.

Sobre o desejo de mudar de emprego, 88% responderam de forma afirmativa. No próximo gráfico sintetizamos os motivos dados pelas migrantes.

Gráfico 21 – Colombianas nos Equador: gostaria de mudar de emprego? Por quê?



Nesse grupo de colombianas no Equador, observamos o carácter de mulher migrante *agente*, isto é, disposta a mudar, a se aventurar em outras funções e ambientes de trabalho, no intuito de caminhar para: *atingir um sonho* (mais estabilidade, ter empreendimento próprio, comprar casa, dispor de tempo para estudar), *pôr em prática* seus *conhecimentos*, *fugir da discriminação*, ou simplesmente, dar conta de *sobreviver*.

7.3 Colombianas no Equador: acesso a serviços

A dificuldade para ter acesso a serviços de qualidade, moradia ou saúde, é um denominador comum nas respostas das migrantes colombianas no Equador. 30% das migrantes manifestam ter muitas dificuldades para pagar o aluguel, algumas delas não possuem emprego estável e outras por seus salários serem muito baixos.

Também se menciona que os serviços de água, luz e gás são caros. Aqui ressaltamos o caso específico de quatro migrantes, as quais não dispõem de água potável em casa: *"água de poço não é própria para consumo"* (53 anos); *"não existem serviços básicos, temos muitas dificuldades na casa onde moramos"* (22 anos). Há também falta de segurança no bairro onde acedem a alugar, já que não é possível escolher qualquer área da cidade. Por isso, *"procurei onde moram outros colombianos, mas tive dificuldades mesmo assim (...) deveria ter leis para que não haja discriminação"* (37 anos).

Todas manifestam o desejo de chegar um dia a ter uma casa própria, ter acesso a uma moradia mais digna para si e sua família, *"um lugar mais aberto, para meu filho poder brincar"* (25 anos).

Quando consultadas se em caso de doença elas procuram os serviços de um hospital e/ou médico, a quase totalidade respondeu de forma afirmativa: *"fui atendida e me deram remédios, só um que faltou e eu comprei"* (30 anos), *"me deram todos os remédios grátis"* (40 anos). 46% acrescentam ter recebido um bom atendimento: *"tudo bem, não tenho nada negativo para dizer"* (30 anos), *"bem, me atenderam imediatamente e me deram os remédios, e foi onde meu filho nasceu"* (22 anos).

Entretanto, há casos de migrantes (13%) que manifestaram ter vivenciado muitas dificuldades na hora da necessidade de uma assistência médico-hospitalar:

"Fui mal atendida no hospital em ocasião de parto. Tive que tirar os pontos da cirurgia em casa após o parto, e ainda não consegui fazer o exame de pé do meu filho. É necessário marcar uma consulta médica para retorno pelo telefone, e não consigo, pois o telefone nunca atende" (29 anos).



"No Hospital Enrique Garcés a doutora me discriminou, fui má atendida e disse que eu devia fazer o tratamento no meu país de onde eu nunca devia ter saído" (52 anos).

"Para ser bem atendida deve se estar quase morrendo porque os funcionários do centro de saúde dizem que não é problema grave" (28 anos).

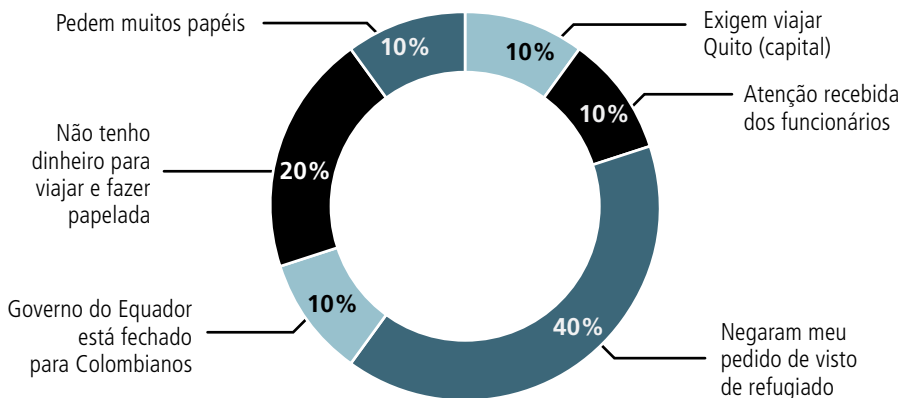
Estamos perante situações que as migrantes vivenciam nas suas interações cotidianas carregando as marcas de serem 'as de fora'. Mulheres que, nas interações face a face, geram sentimentos que vão desde a completa rejeição até o sentimento de absoluta compaixão, mas nunca indiferença.

7.4 Colombianas no Equador: políticas migratórias

A falta de acesso à documentação no novo país de residência que permita morar e trabalhar de forma regular limita qualquer chance de melhoras nas condições de vida e de trabalho das mulheres migrantes.

Neste caso específico, somente 29% das migrantes consultadas se encontram em situação regular de documentação. O gráfico subsequente registra as principais respostas dadas pelas migrantes quando indagadas sobre o que resulta mais difícil para obter os documentos no Equador.

Gráfico 22 – Colombianas nos Equador: dificuldades com documentação?



As dificuldades mencionadas referem-se tanto a questões materiais – necessidade de dispor de dinheiro para se deslocar para a capital ou para atender toda



a demanda de documentação – quanto à percepção de rejeição (pela origem/nacionalidade) na hora da interação com os atores sociais locais (funcionários, governo do Equador).

Se a essa situação acrescentarmos o fato de as migrantes estarem cientes da situação de violência e de insegurança que elas viviam na Colômbia, podemos ter uma melhor compreensão dos motivos que levam a 46% delas sentir que nada há para ser feito perante a dificuldade de acesso à documentação. No quadro 9 apresentamos as principais respostas dadas quando indagadas sobre o que podia ser feito quanto a isso.

Quadro 9 – Colombiana no Equador: o que fez para superar dificuldades de acesso à documentação?

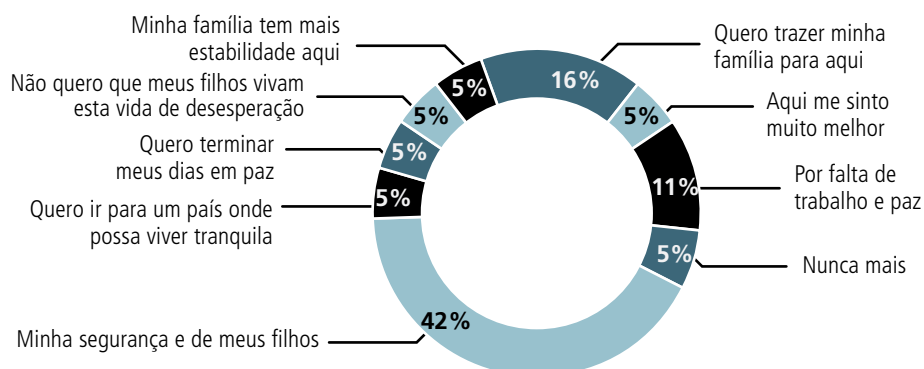
Gastar dinheiro para obter visto solicitante refúgio	8%
Buscar apoio instituições que ajudam obter visto sol. refúgio	8%
Busco assessoria de advogada	8%
Procuro emprego para ajudar em casa	8%
Espero com paciência minha vez para entrevista	23%
Não posso fazer nada	46%

7.5 Colombianas no Equador: reflexões de migrantes

Apesar das dificuldades, do sentimento de perda e ruptura com a vida que tinham no país de origem, 71% das migrantes colombianas responderam que *não* pretendem retornar para seu país. A violência, a insegurança, o medo e vontade de proteger a família perpassam todos os motivos dados, tanto pelas migrantes que disseram não querer voltar para Colômbia (71%, cf. gráfico 23), quanto por aquelas que manifestaram o desejo de retornar (29%).



Gráfico 23 – Colombianas nos Equador: motivações para não retornar.



Dentre as migrantes que declaram querer retornar para Colômbia, somente uma fala da sua migração desde uma perspectiva exclusivamente econômica: *"estou esperando a situação econômica melhorar"* (21 anos). As demais se manifestam mais no sentido de um desejo ou sonho: *"se tivesse mais paz..."* (25 anos), *"voltaria o mais rápido possível"* (33 anos), mas parece que, por enquanto, o retorno também para elas não representa um projeto viável. Contudo, o desejo, a vontade e a predisposição para retornar existe. Ao contrário de algumas que, como se ilustra no gráfico anterior, chegaram até sentir a determinação de nunca mais voltar para essa vida.

Independentemente que se chegue ou não um dia a concretizar o retorno, existe sempre o sentimento de estar entre dois mundos, entre dois lugares, entre duas formas de vida (SAYAD, 2000). As migrantes e, neste caso, algumas delas solicitantes de refúgio, lutam por se 'encaixar' em algum lugar através do esforço em esquecer vivências de violência passadas, sem que isso signifique perder a capacidade de lembrar.

Nesse sentido, quando indagadas sobre o que elas diriam *a quem quer deixar sua terra hoje e migrar*, em todas aparece de forma explícita, ou como pano de fundo, a procura pela segurança. Por um lado, temos aquelas (65%) que decididamente encorajam outros a migrar:

"que venham, mas com segurança, para que não tenham a vida em perigo" (37 anos, 1 ano de residência)

"que venham se tiverem problema com a segurança" (23 anos, 2 anos de residência)

"sim, veja o que é melhor e saia do país. Eu não gostaria de ter saído do meu país, mas primo pela segurança" (26 anos, menos de 1 ano de residência)



"que venha para cá, pois é muito tranquilo e pode arranjar trabalho, só é preciso ter vontade" (31 anos, 1 ano de residência)

"que venha pois aqui se tem tranquilidade e existem lugares onde se consegue ajuda" (30 anos, 1 ano de residência)

"que venha porque aqui é tranquilo e existem maiores condições de vida e o melhor de tudo é que se respira paz" (40 anos, menos de 1 ano de residência)

"que venha porque aqui é tranquilo, aqui é possível sair depois das 6 da tarde e não passar por situação de perigo" (53 anos, menos de 1 ano de residência)

"que venha, estou em um paraíso comparado a minha terra de origem" (25 anos, menos de 1 ano de residência)

Também houve respostas que ficam no meio termo (25%), ou seja, que até compreendem a decisão de migrar, mas não encorajam, senão que advertem sobre:

"se se decidem a sair, tratem de tirar [da Colômbia] seus familiares queridos, porque é duro" (30 anos, menos de 1 ano de residência)

"se sua vida está em perigo, que saia. Se não, que fique, porque aqui não tem também segurança" (52 anos, 3 anos de residência)

"que pense bem porque aqui não tem segurança" (28 anos, 4 anos de residência)

"o processo de migração é muito duro, mas o que realmente me fez sair do meu país é a tranquilidade que tenho aqui" (25 anos, 4 anos de residência)

"os parentes que querem vir, digo que venham. Mas, eu realmente não tenho como acolher" (29 anos, 1 ano de residência)

Finalmente, houve respostas negativas (10%), no sentido que rejeitam o fato de ter migrado:

"que não venha, pois existe muita discriminação e o trabalho não é fácil" (43 anos, 3 anos de residência)

"eu lutei até o final (...) fique no seu país para não sofrer tanto" (33 anos, 1 ano de residência)

Por fim, ressaltamos que o caso das migrantes colombianas no Equador nos revela um contexto de *migração forçada* e que essa modalidade de deslocamento influencia em todas as respostas concedidas na pesquisa. Essa particularidade ao mesmo tempo em que enriquece a análise, quando comparamos com os outros contextos, também nos apontam caminhos que precisam ser melhor estudados e aprofundados.



CONTRARIAMENTE AO que acontecia em meados do século XX, momento em que a Itália era considerada um país de emigração³⁸, entre 2006 e 2011 ingressaram na Itália 1.535.000 imigrantes à procura de trabalho. Os imigrantes residentes atualmente nesse país representam 7,5% do total da população. Desse, pouco mais da metade são mulheres³⁹.

Com relação à situação que vive Filipinas – país do sudeste Asiático que possui 94.9 milhões de habitantes e considerado um grande exportador de mão de obra⁴⁰, estimasse-se que, no ano de 2011, ingressaram no país 23 milhões de dólares em remessas⁴¹. Segundo Sassen (2010: 195), nos últimos anos as remessas representaram a terceira fonte de ingressos de divisa estrangeira para esse país.

Cabe salientar também, de acordo com dados da OIM, que em 2010, mais da metade do fluxo de emigração desse país asiático, 51,1%, esteve conformado por mulheres. Além do mais,

El caso de Filipinas arroja luz sobre toda una serie de cuestiones relacionadas con la exportación gubernamental de mano de obra (...) El gobierno ha desempeñado un papel importante en la emigración de mujeres filipinas () mediante la Oficina Filipina de Empleo en el Extranjero (POEA, por sus siglas en inglés), fundada en 1982 para organizar y supervisar la emigración laboral de enfermeras y mucamas hacia zonas del mundo con una demanda elevada de trabajadoras. Esta política resultó atractiva debido a la combinación de una alta tasa de desempleo y una alta deuda externa (Sassen, 2010: 197).

38 Segundo dados da OIM 1.420.000 italianos emigraram em busca de trabalho entre os anos 1946 e 1951. Disponível em: <http://www.iom.int/jahia/Jahia/media/press-briefing-notes/pbnEU/cache/offonce/lang/en?entryId=31245>, Acesso em: julho, 2012.

39 *Idem*.

40 De acordo com Santin (2012), há registros de saídas de 2412 trabalhadores filipinos por dia.

41 Disponível em <http://www.iom.int/jahia/Jahia/the-philippines>, Acesso em: julho, 2012.



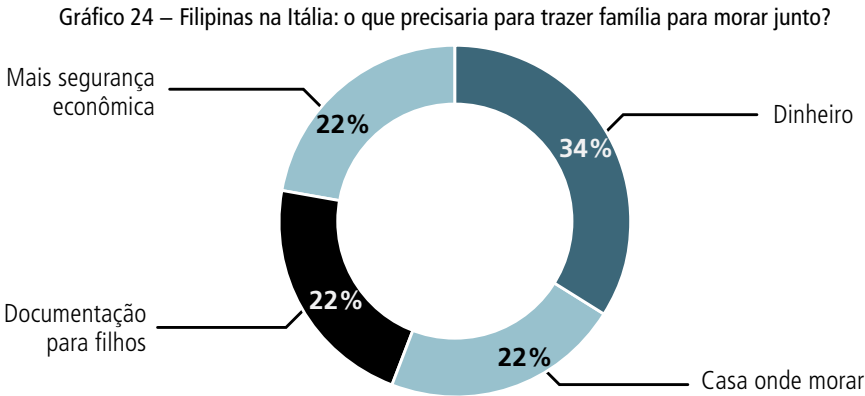
Foram 9 migrantes filipinas residentes na Itália, mais especificamente em Roma, as que contribuíram com a pesquisa. Com idades que vão entre os 32 e os 54 anos e uma média de 41 anos residindo na Itália. Significa que estamos perante um grupo menor de migrantes se comparado a outros coletivos anteriormente analisados, porém com uma média alta em termos de anos de residência no país de imigração, elemento que se torna significativo pela maturação das vivências de serem migrantes.

Levando em conta a escolarização, encontramos que cinco, dentre as nove migrantes, completaram o nível médio do ensino, uma possui estudos superiores incompletos e três superiores completos; dados que serão retomados ao analisarmos a situação das migrantes no mercado de trabalho (item 8.2).

8.1 Filipinas na Itália: a família

Neste grupo de migrantes somente há o caso de uma migrante de 52 anos que mora com outras pessoas que não são familiares. Duas moram sozinhas e uma mora no local de trabalho: *"moro junto com a família com quem trabalho"* (34 anos). As demais migrantes moram com familiares, notadamente filhos e maridos.

Entretanto, todas reconhecem ter o desejo de trazer familiares das Filipinas para morarem junto com elas na Itália. Por esse motivo, foram indagadas sobre o que elas precisariam para poder concretizar esse desejo. As respostas se apresentam no gráfico subsequente.



A necessidade de ter maior segurança econômica somada àquela de dispor de dinheiro totalizam 56% das necessidades mencionadas: *"dinheiro para pagar*

passagem, pois o empréstimo que meu pai fez deu só para pagar a minha passagem" (43 anos); *"necessidade de segurança econômica, pois vim para que eles tivessem mais recursos econômicos"* (54 anos). Assim, ter acesso a uma maior renda e estabilidade econômica lhes permitiria escolher melhor o local de moradia e assumir todas as despesas necessárias, não só com passagens, como também com a documentação necessária para trazer filhos e familiares.

Ao serem indagadas sobre a família deixada no país de origem, salientamos o fato de que quatro migrantes disseram ter deixado filhos no país de origem. Se a isso acrescentamos as migrantes que atualmente moram com filhos na Itália, temos um total de sete migrantes (78%) que são mães. Cabe, portanto, retomar aqui a ideia que a identidade de mulheres-mães-migrantes está muito presente nos fluxos migratórios femininos internacionais, fato que particulariza a experiência do processo migratório, tanto para a protagonista do mesmo quanto para o núcleo familiar. Particulariza no sentido que condiciona e afeta as decisões que são tomadas em todas as dimensões da vida dessas migrantes e seus dependentes. Em diálogo com isso, no próximo item analisamos a dimensão do trabalho.

8.2 Filipinas na Itália: o trabalho

Da totalidade de migrantes contatadas, somente uma está sem um trabalho estável: *"nem sempre tenho trabalho"* (32 anos). Para compreender como o processo migratório pode afetar o percurso ocupacional e profissional das migrantes, o quadro 10 sintetiza a ocupação das migrantes antes e depois de migrar, a idade e o nível de escolaridade.

Quadro 10 – Filipinas na Itália: ocupação, idade e escolaridade

OCUPAÇÃO		Idade	Escolaridade
Anterior	Atual		
Empregada doméstica	Empregada doméstica	43	médio completo
Não trabalhava	Empregada doméstica	43	médio completo
Não trabalhava	Trabalho em cooperativa	52	médio completo
Jardineira/servente restaurante	Empregada doméstica	48	médio completo
Estudava e cuidava dos irmãos	Empregada doméstica	34	médio completo
Estudante	Babá e empregada	35	superior incompleto
Professora de espanhol	Babá	54	superior completo
Professora de informática	Desempregada	32	Superior completo
Empresa exportação de arroz	Governanta - E.doméstica	48	superior completo



Observamos que somente uma trabalhava no setor de serviços domésticos no país de origem. Trata-se de uma migrante com estudos médios concluídos, que migrou com 22 anos e que no momento da pesquisa estava com 43 anos, isto é, tinha 21 anos de residência na Itália. Ela mora com o marido e os filhos.

Neste caso, não podemos afirmar que a migração não afetou seu percurso ocupacional pelo simples fato de continuar também na Itália trabalhando no setor de serviços domésticos. Contudo, estamos sim em condições de sustentar que se bem que a migração lhe permite continuar desempenhando sua profissão, não lhe permitiu, até o momento, atingir uma mobilidade profissional nem dar continuidade aos estudos.

Retomando a análise do quadro 10 e observando a coluna ‘ocupação atual’, podemos constatar que há sete migrantes trabalhando no setor de cuidados e serviços domésticos (empregada doméstica, babá), sendo que, tal como mencionamos no parágrafo acima, somente uma migrante tinha essa profissão no país de origem. Dentre as sete que atualmente se desempenham nesse setor profissional, salientamos o caso da migrante com 54 anos, estudos superiores completos e que nas Filipinas trabalhava como professora de espanhol. Estamos perante um caso típico de percurso ocupacional afetado de forma negativa por conta do processo de migração, isso independente de que, na Itália, possa estar obtendo uma renda maior como babá.

Indagamos também sobre as condições dos salários e dos dias e horas trabalhadas na semana, sobre se são elas as únicas provedoras de renda no núcleo familiar (tanto nas Filipinas quanto na Itália), se dividem o sustento da família com mais alguém e se costumam enviar dinheiro para familiares no país de origem.

Metade das migrantes manifesta que o salário não é suficiente e os motivos mencionados passam principalmente por elas serem as que dão o sustento do núcleo familiar enquanto mães. Repare-se que a metade das migrantes continua enviando dinheiro todo mês para família no país de origem:

“(...) devo mandar o dinheiro para os filhos que estão lá e prover o sustento dos que estão aqui. Pagar o aluguel..., mas não me queixo” (43 anos, empregada doméstica).

“(...) devo mandar dinheiro para os filhos, dos quais dois são pequenos e não terminaram os estudos e os grandes não tem trabalho” (52 anos, trabalha em cooperativa).

“(...) tendo uma filha comigo o salário não é suficiente, chego ao final do mês com dificuldade”, (35 anos, babá e empregada).

Sete, do total das nove migrantes consultadas, nos manifestaram serem as únicas provedoras de renda do núcleo familiar; seis trabalham seis dias da semana e, dessas, três com jornadas de dez horas por dia. Situação que evidencia a precarização das condições de trabalho das mulheres migrantes: *"meu salário é muito baixo, somente 600 euros"* (48 anos, empregada doméstica).

Quando indagadas sobre se sentem ser discriminadas, tanto pela sua condição de mulheres quanto pela de migrantes, duas reconhecem, sim, sentir isso, porém, de formas diferentes:

"me sinto desrespeitada e pouco valorizada", (48 anos, com menos de um ano de residência na Itália).

"não me sinto discriminada pelos italianos, mas pelos conterrâneos" (43 anos, com 12 anos de residência na Itália).

As demais migrantes manifestam não se sentir discriminadas. Também as respostas são bem diferentes e expressam a complexidade das experiências individuais e o quanto a história pessoal de cada uma delas interfere nas formas de compreensão daquilo que significa a discriminação. Vejamos alguns exemplos dos motivos ou significados dados para não sentir a discriminação:

"nunca, tive a sorte de trabalhar numa família respeitosa e compreensiva" (35 anos, com 15 anos de residência na Itália)

"no começo me sentia discriminada porque eu tinha muito medo, eu fiz um trabalho de auto-aceitação" (48 anos, com 17 anos de residência na Itália)

"não me sinto discriminada como mulher, as pessoas nos valorizam e dizem que somos mulheres fortes" (54 anos, 7 anos de residência na Itália).

Nos últimos dois depoimentos também podem ser observadas marcas da discriminação, independente das próprias mulheres terem outra interpretação da situação vivenciada. Ou seja, *"as pessoas"* as percebem como coletivo cuja condição de "mulheres fortes" as singulariza, na interpretação dessa migrante. Singularidade que não escapa a se constituir como uma forma de estigmatizar, independente que isso seja percebido como característica positiva.

À pergunta sobre o que elas podem fazer para melhorar a situação de trabalho em que se encontram, surgem dois aspectos centrais: possuir mais tempo livre para investir na procura de um emprego melhor e a necessidade de estudar. Uma das migrantes que manifestou o desejo de estudar e solicitar o reconhecimento do diploma obtido no país de origem diz estar disposta a *"recomeçar tudo de novo"*, pois isso, *"traria mais possibilidades"*.



8.3 Filipinas na Itália: acesso a serviços

As migrantes que precisaram receber atendimento hospitalar (67%), para elas ou para seus filhos, manifestaram sentirem-se satisfeitas com as condições e o tratamento recebido. No que tange ao acesso à moradia, todas as migrantes falam sobre a dificuldade em conseguir um emprego com contrato formal de trabalho, fato que lhes habilita o acesso à documentação e, consequentemente, acesso à aluguel digno e documentado:

"Foi difícil encontrar uma família que me fizesse um contrato de trabalho para que depois eu pudesse fazer a documentação" (54 anos, com 7 anos de residência).

"A falta de contrato de trabalho traz como consequência a dificuldade de alugar um cômodo, renovar o visto e solicitar a residência" (32 anos, desempregada).

Podemos inferir, através desses depoimentos, um entrelaçamento entre uma prática real da cidadania por meio de condições de trabalho dignas, acesso à moradia e saúde dignas e as políticas migratórias existentes no país de acolhida das migrantes.

8.4 Filipinas na Itália: políticas migratórias

Sobre a situação de documentação no país atual de residência, com exceção de uma migrante, as demais estão todas em situação regular. Ao serem indagadas sobre o que resultou mais difícil para obter a documentação na Itália, novamente surge a questão de dificuldade em achar um empregador disposto a realizar um contrato de trabalho de forma a preencher os requisitos para solicitar a residência no país: *"a dificuldade é convencer o empregador a me regularizar, mas consegui, fiz um acordo com meu chefe que pagou a metade da documentação"* (43 anos, com 21 anos de residência). Entretanto, outra migrante salienta: *"difícil é obter a cidadania, pois a burocracia é lenta e a polícia não tem muita paciência"* (48 anos, com 17 anos de residência).

Buscamos saber o que elas fizeram para superar tais dificuldades. As migrantes responderam que se apóiam em outras migrantes que tinham chegado antes do que elas, na própria família, assim como também na comunidade das Irmãs Scalabrinianas:

"Fui ao centro dos migrantes das irmãs pois elas estavam ajudando outras mulheres, me davam confiança, mesmo que não pudessem me ajudar, me davam coragem." (43 anos, com 12 anos de residência).

"Me apoiei em quem tinha chegado antes que eu e nos conselhos das irmãs." (52 anos, com 12 anos de residência).

"Procuro ficar unida com meu marido e com os amigos que me dão apoio" (32 anos, desempregada, em situação irregular de documentação).

8.5 Filipinas na Itália: reflexões de migrantes

Duas questões finais foram levantadas, buscando captar os significados que as migrantes dão as suas próprias vivências migratórias: *O que você diria a quem quer deixar sua terra hoje e migrar?, Você pretende voltar a morar no seu país? Por quê?*

Todas as respostas à primeira pergunta refletem o sofrimento vivido e a sensação de dúvida na decisão tomada. Vejamos o seguinte exemplo que fala do sofrimento específico da mãe que deixa os filhos no país de origem: *"Se a pessoa não tem filhos aconselharia de migrar, mas se uma mulher tem filhos, falaria para ela não partir, pois, viver longe dos filhos gera muito sofrimento"* (43 anos).

Sobre a possibilidade de retorno para as Filipinas, metade das migrantes responde ter o desejo de voltar e a outra metade manifesta sua decisão de ficar. Tanto umas quanto as outras justificam as respostas com base na família, seja porque deixaram família no país de origem e pretendem um dia voltar a se reunir com ela, seja porque a família (filhos, notadamente) mora junto com elas na Itália e por isso não querem retornar.





NICARAGUENSES NA COSTA RICA

• Delia Dutra

COM UMA POPULAÇÃO de 5.9 milhões de habitantes, a Nicarágua ocupa o segundo lugar, após o Haiti, na lista dos países mais pobres da região da América Latina. De acordo com a OIM⁴², o Plano Nacional de Desenvolvimento Humano de 2008 identificou como sendo os principais motivos de emigração: as altas taxas de desemprego dentre a população mais jovem e a falta de oportunidades de trabalho digno.

Doze por cento da população emigra tendo como principal destino a Costa Rica (primeiro destino) e outros países tais como: Estados Unidos, El Salvador, Panamá, Guatemala, Espanha, México e Canadá. A situação das mulheres emigrantes nicaraguenses acompanha a realidade de outros países onde a migração feminina cresce:

A migração feminina tem aumentado e provoca um importante impacto nas estruturas sociais com integrantes da família que ficam no país de origem e na psique das próprias migrantes. **No fluxo migratório entre a Nicarágua e a Costa Rica, as mulheres representam aproximadamente 50 por cento dos migrantes**, desenvolvendo atividades principalmente no setor de serviços domésticos e na agricultura (OIM).⁴³

Sobre a corrente migratória entre a Nicarágua e a Costa Rica, o relatório da OIM (*op.cit.*) o caracteriza como sendo um dos mais importantes fluxos sul-sul no âmbito da região latino-americana e cujo motivo principal é a procura por trabalho. A embaixada da Nicarágua na Costa Rica estimou que, em 2010, os imigrantes nicaraguenses constituíssem mais de dois terços da população de estrangeiros residentes nesse país.

Foram 20 as mulheres migrantes que contribuíram com a pesquisa, todas residentes na cidade de San José, a capital. O gráfico subsequente nos permite refletir sobre a relação entre a variável idade das migrantes (entre 20 e 45 anos)

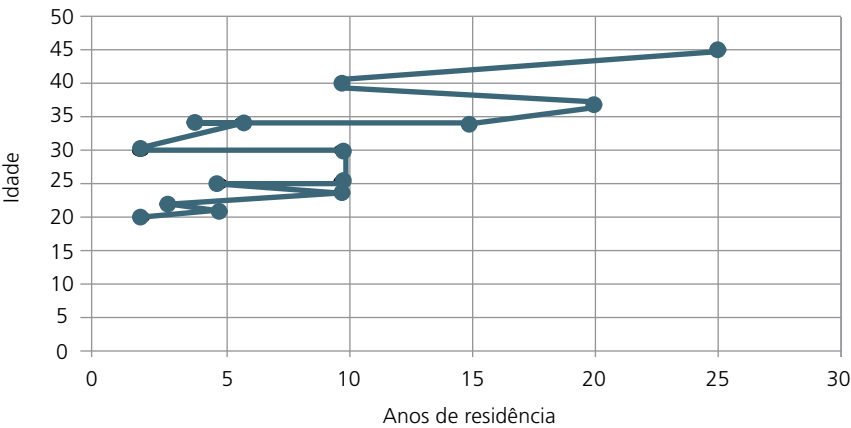
42 Disponível em: <http://www.iom.int/jahia/Jahia/nicaragua>, acesso em: julho de 2012.

43 *Idem*. Tradução nossa do original em inglês. Destaques nossos.



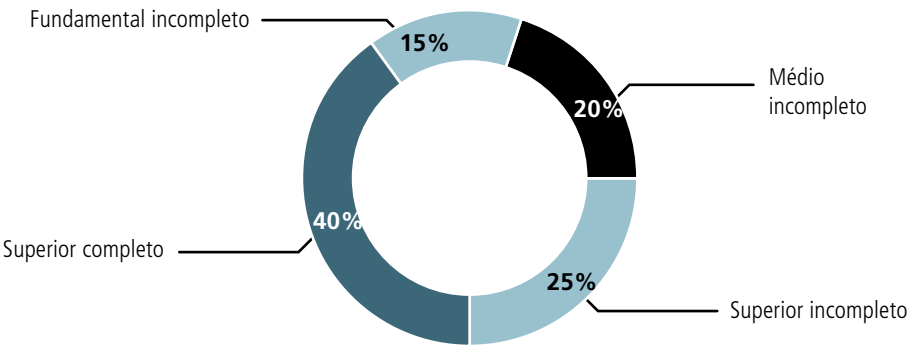
e o tempo (em anos) de residência no país de destino. Observamos que quanto maior a idade da migrante, geralmente, maior o tempo residindo fora do país. Portanto, podemos sugerir a existência de uma relação diretamente proporcional na maior parte dos casos.

Gráfico 25 – Nicaraguenses na Costa Rica: relação idade vs. tempo morando no país.



No que refere à escolaridade dessas nicaraguenses na Costa Rica, o gráfico 26 permite-nos observar que: 40% contam com estudos superiores completos e 20% com estudos superiores incompletos. Apesar dessas cifras, não podemos desconhecer que 15% declaram ter atingido o nível fundamental incompleto e 20% o nível médio completo. Entendemos que esse cenário pode estar afetando a vida profissional desse grupo de migrantes, entretanto, isso será analisado mais a frente no item 8.2 (trabalho).

Gráfico 26 – Nicaraguenses na Costa Rica: escolaridade.



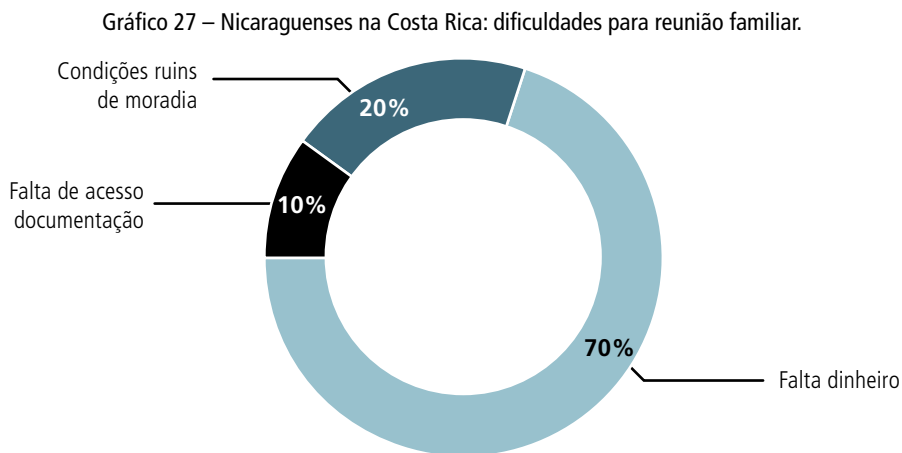
9.1 Nicaraguenses na Costa Rica: a família

Para conhecer o contexto familiar das migrantes perguntamos sobre com quem estão morando no presente (contexto de migração), se migraram acompanhadas e como está formada a família que ficou na Nicarágua.

Sessenta por cento delas informaram estar morando com o marido e os filhos, uma inclusive com netas. Também foram mencionados pais e irmãos, mas, o que nos interessa salientar é que todas estão morando com alguém da família.

Aquelas que migraram sozinhas (somente duas) disseram que o marido já estava morando na Costa Rica e as aguardava. As demais, todas migraram junto com algum integrante da família: filhos, irmãos, pais. Cabe aqui salientar que metade das migrantes consultadas são mães e duas dessas deixaram pelo menos um filho na Nicarágua aos cuidados das avós.

Todas as migrantes possuem família no país de origem; 85% declararam ter o desejo de trazer sua família para morar na Costa Rica. As dificuldades mencionadas para levar adiante esse projeto se referem a: (1) falta de recursos econômicos, 70%; (2) falta de condições dignas de moradia, 20%; (3) documentação que lhes habilite a residir de forma regular e, portanto, ter acesso a contratos de trabalho e de aluguel dignos, 10%. Veja-se o próximo gráfico.



Várias foram as migrantes que justificam o sonho e a vontade de trazer integrantes da família para morar na Costa Rica devido ao medo da violência que essas pessoas convivem no âmbito doméstico. Alguns depoimentos que



citamos a seguir exemplificam a problemática da violência sofrida por mulheres da família e, inclusive, pela própria migrante:

“É difícil e também elas [as irmãs desempregadas] tem seus bebês. E também elas estão envolvidas com dois homens que as maltratam que são pais dos filhos delas” (21 anos).

“Eu queria ter trazido minha irmã pequena, porque não estava estudando e no campo poderia ser abusada por homens daquele lugar” (30 anos).

“Foi minha mãe que me fez abandonar o país, fugindo do meu tio que havia me violentado” (25 anos).

“Eu não pensei em trazer ninguém, porque tive que fugir com minha mãe, porque meu esposo era muito violento e alcoólatra, já estava cansada de tanta violência” (34 anos).

Sobre a possibilidade de fazer, ou começar a fazer, algo para superar as dificuldades para a reunião familiar, poucas migrantes declaram estar juntando dinheiro, ou inclusive já ter enviado o necessário para os familiares solicitarem o passaporte. A maioria manifesta a impossibilidade de agir por falta de chances para poupar dinheiro, tendo em vista as condições precárias em que trabalham e devido à falta de acesso à documentação para residir de forma regular no país.

9.2 Nicaraguenses na Costa Rica: o trabalho

Do total das 20 migrantes, somente uma declara estar desempregada. Trata-se de uma migrante com 20 anos de idade e com estudos superiores completos. Para compreender se o percurso migratório pode afetar o percurso ocupacional-profissional das migrantes, o quadro 11 estabelece uma relação entre as variáveis: ocupação antes e depois de migrar, idade e escolaridade.



Quadro 11 – Nicaraguenses na Costa Rica: ocupação, idade e escolaridade

OCUPAÇÃO			
Anterior	Atual	Idade	Escolaridade
Promotora vendas supermercado	Empregada doméstica	21	fund. incomp.
Estudava	Salão de beleza	24	fund. incomp.
Com uma tia em barraca ambulante	Empregada doméstica	45	fund. incomp.
Limpezas em um hotel	Empregada doméstica	25	médio incomp
Estudava	Vendedora prod. catálogo	25	médio incomp
Trabalhava em uma propriedade	Salão de beleza	37	médio incomp
Trabalhava uma barraca ambulante	Empregada doméstica	34	médio incomp
Estudava e ajudava em casa	Vendo frutas	25	super. incomp
Chefe departamento em supermercado	Vendedora	30	super. incomp
Secretária em um escritório de direito	Trabalha ONG(mulheres agredid)	40	super. incomp
Tinha loja venda de móveis (fracassou)	Tem restaurante em São José	45	super. incomp
Empresa vendas de cosméticos	Vendedora de loja de roupas	30	super. incomp
Estudava e ajudava os pais (no campo)	Cuido de uma criança	30	sup. completo
Tinha negócio vendas de roupas	Empregada doméstica	34	sup. completo
Tinha barraca de venda de roupas	Vendedora loja de roupas	34	sup. completo
Dona casa e vendia dindin Geladinho	Costureira	25	sup. completo
Trabalhava em salão de beleza	Em loja	25	sup. completo
Dona casa (marido não deixava trab.fora)	Salão de beleza	34	sup. completo
Dona casa e vendia roupas usadas	Salão de beleza	22	sup. completo

Observe-se que, antes de migrar, quatro jovens estudavam e que a ocupação (estudante) desaparece após o processo de migração. Atualmente, na Costa Rica, cinco migrantes estão desempenhando tarefas de empregadas domésticas e uma de babá, sendo que tais profissões não eram praticadas por nenhuma delas no país de origem.

Salientamos também o fato que, antes de migrar, três migrantes declararam ser donas de casa, contudo, nenhuma delas, após a migração, se dedica exclusivamente a cuidar da casa e da família. Uma, dessas três migrantes, explica que na Nicarágua era dona de casa porque *"meu marido era ciumento e não me deixava trabalhar fora de casa"*. Trata-se do caso, anteriormente mencionado, da migrante



que fugiu, com a ajuda da mãe, da violência sofrida junto ao marido. Isto é, a migração lhe permitiu se emancipar de uma relação violenta e opressora que mantinha com seu ex-marido. Note-se também que, duas, das três que eram donas de casa, atualmente trabalham em salão de beleza e a outra como costureira. As três conseguem sair do âmbito exclusivamente doméstico, porém, se mantiveram ativas em profissões cultural e tradicionalmente vinculadas à mulher.

De forma geral, podemos sustentar que tanto antes quanto depois da migração as migrantes trabalhavam em tarefas culturalmente consideradas “adequadas” à mulher e, notadamente, à mulher de origem social mais pobre. Algumas do grupo, três migrantes especificamente, antes de migrar trabalhavam em vendas no setor da economia informal – “*barraca ambulante*”; outras, quatro migrantes, trabalhavam em vendas no setor da economia formal – supermercado, loja.

Após a migração, continuam sendo sete, do total, que se dedicam às vendas, mas não fica claro se todas o fazem no âmbito do que se considera a economia formal. De qualquer forma, o significativo é reparar que também no setor de atividades do comércio/vendas (supermercado, roupas e alimentos) às mulheres lhes é reservado um lugar social privilegiado, como não acontece de forma corrente em outras áreas, como vendas de carros, maquinarias, ou seja, produtos ou serviços culturalmente mais associados à figura masculina.

Se somarmos a tais reflexões, realizadas a partir da análise da ocupação das migrantes, o nível de escolaridade informado por elas, podemos constatar que, neste caso, a migração não afetou de forma positiva o percurso profissional dessas mulheres. Isto é, a migração não abriu, até o momento, possibilidades para uma real mobilidade social. Elemento que dialoga com as respostas por elas dadas à pergunta sobre se o salário atualmente percebido é suficiente para se sustentar.

Do total de 20, somente uma diz que sua renda é suficiente. Trata-se da migrante de 45 anos, com estudos superiores incompletos, que informa ter em sua propriedade um restaurante em San José, capital do país. As demais migrantes, *todas* sofrem pela baixa renda percebida e em seus argumentos explicam:

(A) Sobre a impossibilidade de se sustentar (78%):

“Não, a vida é muito cara e tudo tem aumentado o preço sobre tudo o aluguel”
(40 anos).

“Não, estamos passando por uma situação muito difícil, por não poder pagar o aluguel” (25 anos).

“Não, é impossível manter meus quatro filhos” (34 anos).



(B) Sobre as dificuldades, mas que, contudo, elas acharam alguma forma para cobrir os custos e/ou valorizar o seu presente (22%):

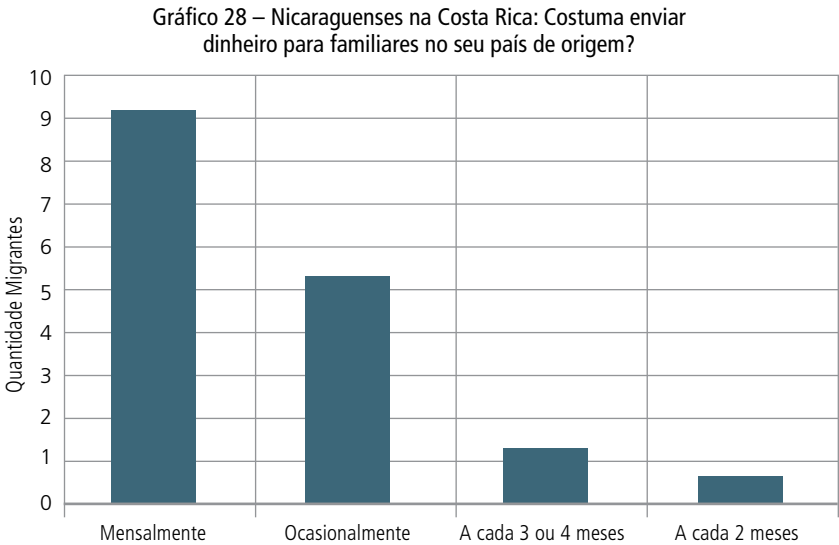
"O salário é uma miséria. Graças as Deus meus pais me ajudam com os gastos de casa" (24 anos).

"Não, o salário não é suficiente, mas meu esposo e eu conseguimos manter os gastos" (30 anos).

"Não é suficiente, mas graças a Deus temos uma vida melhor que em Nicaragua, Ao menos aqui conseguimos trabalho" (45 anos).

Duas migrantes (de 34 e 25 anos) declaram serem as únicas provedoras de renda do núcleo familiar, apesar de ter integrantes da família morando junto com elas no país de imigração. As demais contam com a contribuição de outros integrantes da família, mesmo que em alguns casos não seja muito significativo: *"meu salário não é suficiente, e o meu marido não tem trabalho fixo"* (34 anos).

O gráfico subsequente apresenta as respostas do total de migrantes quando indagadas sobre se costumam enviar dinheiro à família deixada no país de origem. Resulta interessante confrontá-lo com os resultados acima apresentados sobre se o salário resulta ou não suficiente para se sustentar, pois, se pode ver nisso uma evidência do tipo de vínculo que as mulheres migrantes mantêm para com a família deixada atrás na Nicarágua.



Para conhecer mais sobre a rotina diária de trabalho, as migrantes foram indagadas sobre a quantidade de dias trabalhados na semana e a quantidade de horas diárias. No quadro 12 se apresenta uma síntese das respostas.

Quadro 12 – Nicaraguenses na Costa Rica: horas trabalhadas por dia, e dias trabalhados na semana.

Horas p/dia	Dias p/semana	Ocupação atual
6	3	Cuido de uma criança
9	6	Vendo frutas
9	6	Vendedora
9	6	Trabalha ONG(mulheres)
9	6	Empregada doméstica
9	6	Empregada doméstica
9	6	Empregada doméstica
9	6	Vendedora loja de roupas
10	7	Tem restaurante em São José
9	6	Vendedora de loja de roupas
8	6	Costureira
8	6	Em loja
9	6	Salão de beleza
8	6	Salão de beleza
8	6	Vendedora produtos catálogo
8	6	Salão de beleza
8	6	Salão de beleza
9	6	Empregada doméstica
6	4	Empregada doméstica

A quase totalidade das migrantes declara estar trabalhando seis dias da semana com jornadas de 8 ou 9 horas. Há somente três casos que fogem a tal situação: (i) uma migrante que atua como babá nos informa estar trabalhando três dias na semana em jornadas de seis horas; (ii) outra cuja ocupação é a de empregada doméstica e que declara trabalhar quatro dias na semana em jor-

nadas de seis horas; (iii) uma migrante que disse ter um restaurante em sua propriedade e trabalhar nele os sete dias da semana em jornadas de dez horas.

Apesar disso, lembramos o anteriormente mencionado: todas as migrantes, com exceção da proprietária do restaurante, consideram sua renda insuficiente para se sustentar dignamente. E ainda, quando indagadas sobre se gostariam mudar ou não de emprego, unicamente 37% delas admitem tal desejo:

"Eu gostaria porque recebo humilhações neste trabalho, me fazem trabalhar muito e o pagamento não é justo" (babá).

"(...) trabalho muito e não recebo o pagamento justo. Sempre o patrão me ameaça de me demitir quando falo sobre o assunto. Porém eu fico porque não tenho opção e busco outro trabalho" (vende frutas).

"Porque a patroa é muito insensível e prepotente, me trata como uma menina no trabalho e seus filhos também me humilham" (empregada doméstica).

"Porque não me pagam bem" (empregada doméstica).

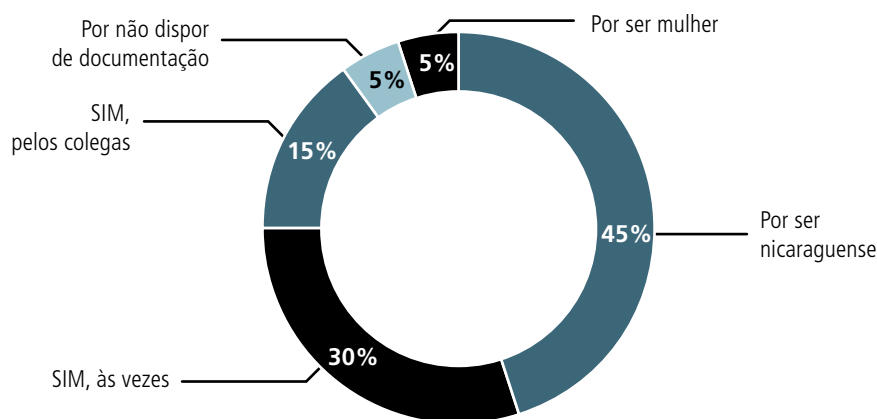
"Porque estou cansada com o olhar odioso das pessoas" (empregada doméstica).

Estamos, portanto, perante um cenário de respostas onde, levando em conta a totalidade das migrantes, 63% admitem não desejar uma mudança de emprego e 95% declaram que sua renda não é suficiente.

Parece que estamos frente a uma contradição, contudo, nos argumentos dados por aquelas que dizem não pretender uma mudança na situação de emprego (63%), mais do que contradição identificamos um forte teor de resignação: *"Na realidade meu trabalho é o que é"*. Cinquenta por cento delas (50%) justificam dessa maneira a sua atitude de não pretender uma mudança no emprego. Parece-nos mais uma questão de não enxergar possibilidades 'reais' para almejar a tal mudança de emprego a que fazemos referência. *"Por enquanto não, talvez trabalhasse em meu negócio próprio..."* (vendedora roupas, costureira); isto é, não mais em relação de dependência com empregadores.



Gráfico 29 – Nicaraguenses na Costa Rica: se sente discriminada no trabalho?



Neste caso, todas as migrantes manifestam sofrer, de uma forma ou outra, discriminação. A condição de serem nicaraguenses (sua nacionalidade) desponta como principal motivo dessa situação de desconforto em instâncias de interação no ambiente de trabalho. No entanto, observe-se que também a discriminação é sentida por quem não tem emprego e está à procura de um. Sobre isso, a única migrante desempregada nos comenta: *"Sinto-me discriminada por ser nicaraguense e com pouco estudo. Não tenho documentos e tenho pouco estudo"*, situações que comparam e se potencializam de forma negativa na hora dela buscar o seu lugar no mercado de trabalho: *"tenho as mãos amarradas"*.

O problema disso radica em que estar exposto de forma sistemática à situações de discriminação pode acarretar problemas na saúde tanto física quanto emocional das migrantes. A pesquisadora Vanessa Smith-Castro (2009)⁴⁴ explica que:

cuando las personas consideran que la estigmatización social y el trato injusto pueden amenazar su identidad social o personal y puede exceder sus capacidades para afrontarla, la discriminación puede tener un impacto negativo sobre su funcionamiento psicológico (Smith-Castro, 2009: 368).

44 Desenvolve pesquisa sobre a experiência de discriminação vivenciada por migrantes nicaraguenses na Costa Rica buscando identificar as "reações afetivas e as atribuições causais" (Cf. Smith-Castro, 2009).



9.3 Nicaraguenses na Costa Rica: acesso a serviços e políticas migratórias

A totalidade das respostas obtidas no que refere ao acesso aos serviços concentraram-se na questão do acesso e qualidade ao atendimento de saúde, condicionado pela situação de documentação em que se encontram as migrantes.

Nesse sentido, apresenta-se um cenário onde 80% das migrantes consultadas possuem documentos para residir de forma regular na Costa Rica e, conseqüentemente, possuem também o direito ao seguro de saúde, e o 20% restante não possui a residência nem o seguro médico:

“Não tenho documentação por isso não vou ao hospital. Mas um dia me atenderam muito bem por problema de pressão alta”.

“Tenho seguro e também os documentos, graças a Deus não tive problemas neste sentido”.

A este pensamento se alinham 63% das migrantes que dispõem de documentação e acesso regular ao atendimento de saúde.

Entretanto, uma das migrantes incluídas dentre as que estão em situação regular de documentação (80%) pondera: *“eu tenho documentação para acesso ao sistema, mas alguns médicos são muitos duros com as pessoas migrantes sobretudo com quem tem pouco estudo. Se ofendem quando se pede explicação sobre a doença”* (21 anos, formação nível fundamental incompleto).

Cabe frisar que do total do grupo que recebeu atendimento médico em hospitais, 71% consideraram ter recebido um atendimento *muito bom* e 29% apontaram ter sentido muita *frieza no atendimento*.

9.4 Nicaraguenses na Costa Rica: reflexões de migrantes

Duas questões finais foram levantadas no intuito de animá-las a refletir e expressar sobre suas impressões da experiência migratória na Costa Rica. As respostas à primeira pergunta são apresentadas no quadro subsequente.



Quadro 13 – Nicaraguenses na Costa Rica: o que você diria a quem quer deixar sua terra hoje e migrar?

SIM, vale à pena migrar	
Se não tiver saída, então, saia, sempre encontrará algo do que viver.	1
Se quiser migrar que o faça.	1
Temos o direito de migrar. Se quiser crescer, então, deverá trabalhar duro e c/ dignidade.	1
Total	3
CONSELHOS – ADVERTÊNCIAS	
Como mulher: sempre lutar, não cair na tentação de roubar ou de se prostituir.	1
Estar preparada para assumir as consequências da migração.	1
Pensar dez vezes antes de deixar seu país.	1
Tomar cuidado com aliciadores que enganam e abusam das mulheres.	1
Prestar atenção que a Costa Rica não é como dizem os coites.	2
Se tiver trabalho e pode manter sua família, então NÃO migrar.	1
Muito difícil iniciar nova vida, sobretudo, quando a sociedade discrimina muito as pessoas	1
É muito duro migrar e iniciar tudo do zero.	1
Se migrar tem que se sacrificar muito para crescer.	1
Cuidado c/homens que se aproveitam das mulheres sem documentação e sem trabalho.	1
Cuidado com impostores. Fui enganada e roubaram meu dinheiro na fronteira.	1
Total	12

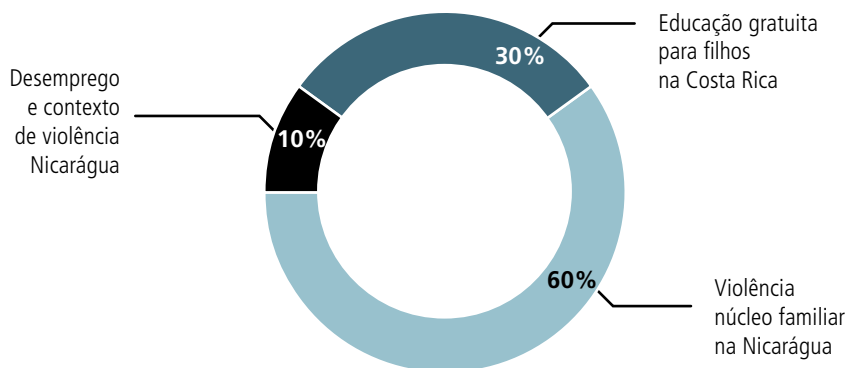
Levando em conta o conteúdo e as formas por elas escolhidas para significar a experiência de migração, organizamos as respostas em dois grupos. *Primeiro*, três migrantes que claramente entendem que, *sim*, vale à pena migrar: por tratar-se da única saída, por simples vontade, e/ou pelo direito que todos temos à migração. *Segundo*, o grupo de respostas cujo conteúdo passou mais pela advertência aos perigos da migração e/ou pelo conselho após ter vivenciado um processo que demanda de muito sacrifício “*para poder crescer*”, notadamente, numa “*sociedade que discrimina muito*”. Ressalta-se que foi nesse segundo grupo onde se concentraram a maior parte das interpretações e leituras que essas migrantes dão ao processo.

A segunda questão levantada, no intuito de indagar sobre como as migrantes avaliam seu processo migratório na Costa Rica, foi sobre se pretendem retor-



nar para o país de origem e os motivos disso. A totalidade das respostas, sejam afirmativas ou negativas, acabam se fusionando num grupo só devido ao fato de que *todas* manifestam um desejo de voltar. Tal desejo, por enquanto, não pode ser concretizado por diversas razões apresentadas no gráfico a seguir.

Gráfico 30 – Nicaraguenses na Costa Rica: motivos para adiar a decisão de retorno ao país de origem.



A possibilidade de educar os filhos – sejam nicaraguenses ou nascidos na Costa Rica – e dar-lhes chances de melhoras de vida, desponta como o motivo central das migrantes para decidir ficar na Costa Rica. Elas estão fazendo referência ao acesso à educação gratuita que esse país dá para o ensino fundamental e médio⁴⁵.

A oferta de trabalho na Costa Rica, apesar das limitações já analisadas acima (item 8.2), é melhor e lhes oferece mais chances do que as que podem ter acesso na Nicarágua. 30% das migrantes mencionaram a “*situação muito difícil*” que se vive no país de origem e, em algum caso, se fez referência às situações de violência do contexto em geral. Em diálogo com isso, 10% colocam a impossibilidade de retornar por enquanto, devido à situações concretas de violência que sofrem no próprio núcleo familiar de origem.

45 Os estudos universitários na Costa Rica são pagos, inclusive na Universidade pública onde o custo da matrícula é menor do que na particular, porém existe sempre um custo anual.





10. CONCLUSÕES

Delia Dutra

AS MULHERES migrantes são pensadas nessa pesquisa enquanto agentes de resistência e transformação, isto é, sem desconhecer outros aspectos que também caracterizam e interessam sobre a migração feminina internacional, a condição de atorais sociais com potencial para gerar mudanças e transformações nas suas vidas é o elemento a partir do qual a pesquisa vai sendo gerada.

Para isso, buscou-se identificar as dificuldades enfrentadas por mulheres migrantes ao se estabelecerem em outros países, assim como as estratégias por elas desenvolvidas para superar situações de dificuldade que encontram durante o processo migratório.

Os locais de origem e destino dessas mulheres migrantes possuem particularidades no que tange ao contexto social, político e econômico, assim como, elementos em comum que se potenciam para propiciar esse tipo de correntes migratórias. Tais elementos se fazem importantes no momento de analisar as respostas, uma vez que nos permitem contextualizar as vivências, experiências e motivações para a migração (e possível retorno).

De forma recorrente e apressada, a migração feminina internacional é associada à imagem de uma mulher pobre, sem família que migre junto, com pouca ou inexistente educação formal e cuja motivação central para migrar passa pela sobrevivência delas e do núcleo familiar.

Contudo, e sem desconhecer a pertinência de tais valorações sobre a realidade de muitas mulheres migrantes no mundo, essa pesquisa nos fornece elementos concretos para ir além e arriscar-nos e trazer à tona outros componentes da migração feminina internacional a trabalho.

Primeiro, destacamos o perfil de mulheres-migrantes-mães que, mesmo não sendo o perfil da totalidade do universo pesquisado, desponta como característica predominante, seja porque se trata de migrantes que se deslocam junto com os filhos, seja porque vivenciam a sua maternidade à distância por se tornarem as provedoras materiais dos filhos que deixam aos cuidados de outros integrantes da família no país de origem. Tal situação singulariza a vivência do processo migratório, tanto para a protagonista do mesmo quanto para o núcleo familiar,



pois, condiciona e afeta as decisões que são tomadas em todas as dimensões da vida dessas migrantes e seus dependentes.

Segundo, existe uma identidade profissional feminina para todas as migrantes que participaram da pesquisa. Isto é, antes e depois da migração desempenham tarefas culturalmente consideradas 'típicas' da mulher no contexto da divisão internacional e sexual do trabalho. Trata-se de tarefas que dizem respeito, por exemplo, a cuidar dos outros (babá, cuidado de idoso), aquelas associadas ao espaço "reprodutivo" (dona de casa, trabalhadora doméstica), e tarefas que, apesar de localizadas no que se considera espaço "produtivo", detêm um marca fortemente feminina (vendedora, confecção, salão de beleza). Nesse sentido, da mesma forma que acontece com os fluxos migratórios do sul para o norte, também nos fluxos sul-sul, o setor de serviços domésticos representa o principal âmbito de emprego para mulheres migrantes.

Terceiro, indagar sobre o grau de escolarização das migrantes nos forneceu elementos que permitem re-significar a imagem da migrante com baixa qualificação formal e uma história de vida carregada de obstáculos para ter acesso à educação. O desemprego e/ou a condição de mulher-migrante nem sempre estará atrelado à ausência de escolarização. No entanto, é preciso esclarecer que em nenhum dos casos pesquisados a migração lhes abriu as portas de instituições educacionais. A escolaridade, em todos os casos, foi adquirida no país de origem. Dito isso, a migração não se apresenta como uma via para o avanço na educação formal e, portanto, não propicia a mobilidade social.

Quarto, interessa-nos salientar sobre como as migrantes reagiram perante à possibilidade de um dia retornar. Independentemente que isso se chegue ou não um dia a se concretizar, existe sempre o sentimento de estar entre dois mundos, entre dois lugares, entre duas formas de vida. As migrantes lutam por se 'encaixar' em algum lugar, através do esforço por esquecer vivências passadas, sem que isso signifique perder a capacidade de lembrar. Justamente, porque o presente das migrantes é feito de lembranças e esquecimentos, que acabam dando formas e contornos à vida em migração. Salientamos que a situação familiar das migrantes afeta essa intenção de retornar ou de ficar nos país de acolhida. Mais um elemento que nos leva novamente à impossibilidade de separar na identidade das migrantes a condição de serem mulheres-migrantes-mães. Ou seja, o lugar de cuidar dos outros e o medo de envelhecer longe desses aparece claramente em algumas das respostas.

Quinto, por fim, ao indagar sobre as ações ou estratégias desenvolvidas pelas migrantes para superar as diversas dificuldades nos deparamos com diver-

sas situações. Por um lado, identificamos uma atitude de paralização perante a impotência ao sentirem-se impedidas para agir perante dificuldades, como podem ser o acesso à documentação necessária para residir de forma regular no país de destino. Houve respostas que chegam a dizer que *"nada há para ser feito"* deixando em evidência um sentimento de resignação. Mas isso não se apresentou em todas as dimensões em que foram indagadas. Geralmente a escassez de recursos materiais necessários para uma vida digna, resultado da falta de trabalho ou de boas condições de trabalho, por sua vez, aparecia sendo provocada pela dificuldade de acesso à documentação.

Por outro lado, também houve respostas que permitiram deixar aparecer o caráter de migrantes mais *agentes* e menos resignadas. Mulheres que, apesar de tudo aquilo que se apresenta como um obstáculo em suas vidas, conseguem achar algumas brechas para agir e fazer valer aquilo que elas têm para oferecer, de forma a obter o maior retorno possível do processo de vida em migração. Isso pode ser observado nas respostas das migrantes quando indagadas sobre o quê diria a quem está planejando hoje migrar. As respostas vão desde o encorajamento – porque vale à pena lutar pelos seus sonhos – passando pelo meio termo – porque não fecha a possibilidade da migração, mas também não perde o tom de advertência – até chegar à rejeição total da vivência desse processo.

A presente pesquisa, apesar de não se pretender comparada, nos concede elementos para analisarmos as realidades das mulheres migrantes em diferentes países e oriundas de diferentes fluxos num panorama mais amplo e comparativo. Além disso, e por outro lado, ressaltam as particularidades e as influências de cada contexto – as migrações de fronteira, as migrações forçadas e as "migrações econômicas" – na análise das dimensões da pesquisa: família, trabalho, acesso a serviços, políticas migratórias, religião e retorno.

Entendemos que todos estes aspectos carecem de análises mais aprofundadas, mas consideramos também que o material presente neste relatório pode ser um ponto de partida para a reflexão e produção de conhecimento sobre a problemática das mulheres migrantes, tendo, portanto, alcançado seu objetivo inicial.





REFERÊNCIAS

ARANGO, Joaquín. **Enfoques conceptuales y teóricos para explicar la migración.** In: *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, 2000. p 33-47.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. **Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos.** In: *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana – REMHU* v. 17, nº 32 (2009); p. 25-46.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SASAKI, Elisa Massae. **Teorias das migrações internacionais.** In: *XII Encontro Nacional da ABEP 2000 – A migração internacional no final do século.*

Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf. Acesso em: outubro de 2009.

BOTEGA, Tuíla. **Migração de retorno e mobilidade social.** Trabalho de Conclusão de Curso (graduação), Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2011.

Disponível em: http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/2103/1/2011_Tuila-BotegaCruz.pdf >

_____. **Teorias da migração internacional e o desafio da multidisciplinaridade: uma breve análise sobre a Teoria da Escolha Racional e do Capital Social,** *Série CEPPAC* 2013, 14p.

Disponível em: <http://www.ceppac.unb.br/images/stories/media/serie/047%20-%20Tuila%20Botega.pdf>

CASSARINO, Jean-Pierre. **Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno.** *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, Brasília, v. 21, n. 41, Dec. 2013.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852013000200003&lng=en&nrm=iso >. Acesso em dezembro de 2013.



CAVALCANTI, Leonardo; PARELLA, Sònia. **El retorno desde una perspectiva transnacional.** In: *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 9-20, jul./dez. 2013.

CSEM. **Mulher migrante agente de resistência e transformação.** Projeto de Pesquisa, Mimeo, 2012a.

_____. **Newsletter - Boletim Mobilidade Humana** - nº89 - Ano IX - Setembro de 2012b.

Disponível em: <http://csem.org.br/csem/noticias/303-las-remesas-ayudando-a-los-paises-emergentes>, Acesso em: setembro de 2012.

CHACÓN, Lorenzo. **Estudio Introductorio. Alejandro Portes revisitado a través de sus aportaciones a la sociología económica de las migraciones.** In: PORTES, Alejandro. *Sociología Económica de las migraciones internacionales*. Barcelona: Anthropos, 2012.

DUTRA, Delia da S. M. **Mulheres migrantes peruanas em Brasília. O trabalho doméstico e a produção do espaço na cidade.** Brasília: CSEM; Sorocaba, SP: OJM, 2013.

Disponível em: http://www.csem.org.br/images/livros/migracoes/E-book_Migracao_internacional_e_trabalho_domestico_2a_prova.pdf

FERNANDES, Duval Magalhães; KNUP, Silvana Pena. **Should I stay or should I go? A dúvida da permanência ou retorno: imigrantes brasileiros no estado de Massachusetts.** In: *XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Belo Horizonte. 2012.

Disponível em: [http://174.121.79.98/~naotempr/anaais/files/POSTER\[410\]ABEP2012.pdf](http://174.121.79.98/~naotempr/anaais/files/POSTER[410]ABEP2012.pdf) Acesso em: dezembro de 2013

FONTENLA, Marta Amanda. **Patriarcado.** In: *Diccionario de estudios de género y feminismos*. Buenos Aires: Biblos, 2007, p. 256-258.

LISBOA, Teresa K. **Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência.** In: *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, 15 (3), setembro-dezembro, 2007.

MARINUCCI, Roberto. **Feminização das Migrações ?**

Disponível em : http://www.csem.org.br/pdfs/feminizacao_das_migracoes_roberto_marinucci2007.pdf, Acesso em setembro, 2012. [Cf. versão em inglês do artigo publicada na REMHU, v.15, n.29, 2007].



_____. **Reconfiguração da identidade religiosa em contexto migratório.**
In: Estudos de religião, v. 26, n. 42, 169-191, jan./jun. 2012.

MARTÍNEZ, Leonardo. **Análisis del contexto sociodemográfico de la base poblacional Batey.** s/d.

Disponível em: http://copresida.gob.do/bateyes/recursos/analisis_sociodemografico_Batey.pdf, Acesso em: setembro, 2012.

MASSEY, Douglas S. **Why does immigration occur? A theoretical synthesis.**
In: HIRSCHMAN, Charles; DEWIND, Josh; KASINITZ, Philip (ed.). Handbook of international migration: The American experience, 1999, cap. 2; p. 34-52.

MILESI, Rosita; ANDRADE, William C. d. **Migrações Internacionais no Brasil. Realidade e desafios contemporâneos.** Instituto de Migrações e Direitos Humanos. Brasília, 2010.

Disponível em: www.migrante.org.br, Acesso em: novembro, 2010.

NAHS, Mary. **Nuevos Horizontes y Viejos Dilemas. Los retos de la era global.** *In: NASH, M. Mujeres en el Mundo. Historia, retos y movimientos.* Madrid: Alianza Editorial, 2012. p.309-339.

OIM, **Perfil Migratorio de Paraguay 2011.**

Disponível em: www.iom.int, Acesso em junho de 2012.

OIM, **Perfil Migratório do Brasil 2009.**

Disponível em: www.iom.int, Acesso em junho de 2012.

OIM, **Migration in Italy. Current situation and perspectives.** Idos Ed., Rome, December 2011.

Disponível em: <http://www.italy.iom.int/images/pdf/1951-2011EN.pdf>, Acesso em: julho, 2012.

OIM. **The United States of America.**

Disponível em: <http://www.iom.int/jahia/Jahia/united-states-of-america>, Acesso em junho de 2012.

OIM. **Haiti: The Diaspora at the Heart of Reconstruction. 2010.**

Disponível em: <http://www.iom.int/jahia/Jahia/haiti>, Acesso em: junho de 2012.



OIM. **Dominican Republic. 2012.**

Disponível em: <http://www.iom.int/jahia/Jahia/dominican-republic>, Acesso em: junho de 2012.

SANTIN, Terezinha. **Fórum Social das Migrações.**

Disponível em: <http://www.csem.org.br/evento/644-forum-social-mundial-das-migracoes>, Acesso em: janeiro, 2013.

SASSEN, Saskia. **Una sociología de la globalización.** Buenos Aires: Katz, 2010.

SAYAD, Abdelmaleck. **O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante.** In: *Travessia – Revista do Migrante*, número especial. 2000.

SMITH-CASTRO, Vanessa. **Experiencias de Discriminación Social de Inmigrantes Nicaragüenses en Costa Rica: Reacciones Afectivas y Atribuciones Causales.** In: *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology* - 2009, Vol. 44, Num. 2, pp. 368-381.

SOARES, Weber. **A emigração valadareense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais.** In: MARTES, Ana Cristina B.; FLEISCHER, Soraya (Org.) *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais.* São Paulo: Paz e Terra, 2003; p. 231-261.

THOMAS, William I.; ZNANIECKI, Florian. **The Polish Peasant in Europe and America.** A Classic Work in Immigration History. Edited by Eli Zaretsky. USA: University of Illinois Press, 1996.

VARGAS, Virginia. **Espacio Público, Seguridad Ciudadana y Violencia de Género. Reflexiones a partir de un proceso de debate (2006-2007).** In: *Cuadernos de Diálogo* 1, Fondo de Desarrollo de las Naciones Unidas para la Mujer – UNIFEM Brasil y Países del Cono Sur, 2007.

VILARDO, Valeria. **Aumenta la violencia contra haitianos.** 2008.

Disponível em: <http://ipsnoticias.net/nota.asp?idnews=90376>, Acesso em: setembro, 2012.





ANEXO I

QUESTIONÁRIO

IDENTIFICAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA DA ENTREVISTADA

01. Idade: _____ 02. País de Origem: _____

03. Tempo que mora neste país: _____

Escolaridade: _____

[identificar alguma informação sobre o nível de escolaridade]

1. FAMÍLIA

1.1 Com quem você mora atualmente?

1-() sozinha; 2-() país; 3-() irmãos; 4-() esposo(a); 5-() filhos; 6-() outros parentes; 7-() amigos; 8-() Outros: _____

1.2. Quem migrou com vc quando saiu de sua terra de origem?

1-() parentes; 2-() amigos; 3-() conhecidos; 4-() sozinha;
5-() outros: _____

1.3 Como está formada sua família que ficou no/na?

[país de origem] _____

1.3.1 Gostaria de ter trazido algum familiar junto com você quando decidiu sair do seu país?

1-() sim; 2-() não; 3-() somente alguém: [especificar neste caso quem queria trazer] _____

1.3.2 Se sim, o que precisaria para poder trazê-los para morar junto com você? [além das dificuldades materiais, econômicas, buscar explorar também as "barreiras" políticas] _____

1.3.3 Você já começou a fazer algo, buscar alternativas, para poder trazê-los?



2. TRABALHO

2.1 Está trabalhando neste momento? 1-() sim; 2-() não.

[Se SIM]

2.1.1 O que faz exatamente? _____

2.1.2 O que fazia antes de sair de seu país? _____

2.1.3 O salário é suficiente para se sustentar? _____

2.1.4 Caso tenha família no país de imigração: você é a única provedora da renda de sua família? [neste caso, é só a família que vive com ela no país de imigração].

1-() sim, sou a única que traz dinheiro ;

2-() não, outros parentes também contribuem;

3-() não, outros parentes também contribuem, mas a minha renda é a maior;

4-() Outra: _____;

5-() Não se aplica [não tem família no lugar]

2.1.5 Quantas horas por dia e quantos dias por semana trabalha? _____

2.1.6 Costuma enviar dinheiro para familiares no seu país de origem?
Com que frequência? [perguntar se é envio sistemático ou ocasional]

2.1.7 Se sente discriminada no trabalho por ser mulher e estrangeira?
[verificar se a discriminação é mais de gênero ou nacionalidade]

2.1.8 Gostaria de mudar de emprego?

1-() sim; 2-() não. **Por quê?** _____

[se NÃO]

2.1.9 O que fazia antes de sair de seu país?

[perguntar se trabalhava e qual trabalho no país de origem]

2.1.10 Que tipo de trabalho você poderia e estaria disposta a fazer?

2.1.11 Quais as dificuldades que encontra na hora de procurar trabalho?

2.1.12 Considera que o fato de ser mulher e de ser [nacionalidade] dificulta mais achar um trabalho?

2.2 O que você pode fazer (ou está fazendo) para melhorar sua situação de (des)emprego?

3. ACESSO A SERVIÇOS

3.1 Você tem alguma dificuldade em relação à moradia (segurança, tamanho, saneamento básico, condição, localização, aluguel ou outras)?

3.2 Caso tenha dificuldade, o que considera que poderia ajudá-la para melhorar sua situação de moradia? [caso haja dificuldades em responder, ajudar sugerindo por ex.: subsídio para aluguel, moradia de graça para mulheres sozinhas com filhos, financiamento por parte do estado para compra da casa própria, etc]

3.3 Em caso de doença, vc costuma ir ao médico ou hospital?

1-() sim; 2-() não.

3.3.1 Se não, por quê não vai e o que vc faz para sarar?

3.3.2 Se sim, como foi atendida?

4. POLÍTICAS MIGRATÓRIAS

4.1 O quê resulta/resultou mais difícil para poder fazer seus documentos neste país?

4.2 Que fez para superar essas dificuldades?

4.3 Qual é a sua situação de documentação? [o entrevistador deve obter essa informação possivelmente sem uma pergunta explícita. Caso não consiga, perguntar diretamente].

5. RELIGIÃO

5.1 Qual sua religião atual? _____

5.2. Vc mudou de religião após a migração? 1-() sim; 2-() não;

5.3 Neste país vc participa das atividades de sua igreja/religião?

1-() sim; 2-() não; 3-() às vezes

5.4 [Se NÃO ou ÀS VEZES] Por quê?

5.5 Você avalia que a sua fé aumentou, diminuiu ou continua a mesma após a migração? Por quê? [perguntar as razões do aumento ou da diminuição da fé]

6. QUESTÕES FINAIS

6.1 O que você diria a quem quer deixar sua terra hoje e migrar?

6.2 Você pretende voltar a morar no seu país? _____

Por quê? _____





ANEXO II

*Relatório de Pesquisa de Campo Migrantes
Paraguaias em São Paulo 20 a 23/07/2012*

A IR. TEREZINHA Santin e Tuíla Botega realizaram a pesquisa de campo com as migrantes paraguaias em São Paulo, no período de 20 a 23 de julho de 2012.

De forma não programada, a pesquisa foi feita com dois grupos de mulheres. O primeiro com as paraguaias que trabalham no comércio, mais especificamente na Feirinha da Madrugada com a venda de bijuterias e roupas. O segundo, com paraguaias que atuam na área da confecção e costura.

Para a realização das entrevistas contamos com a importante ajuda de colaboradores do CSEM que fizeram a intermediação e indicaram participantes para responder às questões. A pesquisa feita com cada um desses grupos aconteceu em contextos e situações diferentes.

GRUPO 1

BAIRRO PARY/São Paulo

Para realizar as entrevistas com as migrantes paraguaias contamos com a ajuda da Ir. Maricela Cardona, mscs, para encontrar os locais em que elas moravam e também para conseguir voluntárias para participar da pesquisa. A presença da Ir. Maricela foi fundamental, uma vez que ela já realiza um trabalho pastoral e social na região com este grupo de migrantes.

As entrevistas com o primeiro grupo foram feitas no local de moradia das paraguaias: "cortiços" divididos em quartos, onde, na prática, cada quarto é uma casa. Os banheiros e a área de serviço para lavar roupas são de uso coletivo. Cada cortiço tem em média 10 quartos e em cada um deles vive uma família com os seus pertences.

Em outro momento da pesquisa de campo fomos até a Feirinha da Madrugada para conhecer o local e o esquema de trabalho das paraguaias. A feira tem esse nome porque funciona de segunda a sábado a partir de 3h da manhã. O que se percebeu foi um ambiente precário de trabalho: na maioria dos casos os vendedores ficam de pé por toda a jornada de trabalho, mais ou menos 12h; a alimentação é feita na própria banca em que se trabalha; os chefes são na maio-



ria chineses; os chefes permanecem junto à banca, porém pouco se comunicam com as empregadas. O local tem corredores estreitos e por isso há pouco espaço para cada comerciante, pouca ventilação e uma infra-estrutura precária.

Nas bancas em que identificamos haver paraguaias trabalhando não conseguimos prolongar a conversa a ponto de conseguir realizar as entrevistas no local, seja pela falta de possibilidade da pessoa participar, seja devido a presença do chefe que criava um ambiente desfavorável e constrangedor. Outra observação importante é que neste local foi possível encontrar mulheres e homens de outras nacionalidades (Peru, Chile, Bolívia, etc.) e não somente paraguaios.

Foi possível perceber a configuração de uma rede migratória de parentesco ou amizade incidindo no fluxo migratório Paraguai-Brasil. Este aspecto pôde ser percebido nas visitas às casas das migrantes, em que foi possível perceber a presença de outro ente familiar ou amigo morando no mesmo local.

No segundo dia de pesquisa, ficamos sabendo de outras paraguaias, que a Ir. Maricela não conhecia, fomos até a casa delas, eram em 05, destas, três participaram da pesquisa. Neste local, enquanto estávamos conversando e preenchendo o questionário, chegou uma senhora paraguaia que interrompeu a entrevista e falou de forma severa, no idioma Guaraní, com a pessoa que estava sendo entrevistada por mim (Tere), mas eu entendi algo no sentido de que ela podia estar sendo enganada por mim. Então disse: "Senhora, este é um trabalho da pastoral, não tem nenhuma informação enganosa". Então ela me pediu uma garantia de que se tratava de uma atividade de estudo e de eu que não estava comprometendo o grupo. Apresentei o folder do CSEM, alcancei a ela um questionário em branco para ela ler, dei meu cartão de visita e ainda pedi se ela queria certificar os dados na internet. Ela, que não se identificou, apenas se desculpou dizendo que elas precisam ter cuidado com os estranhos e saiu. Eu confirmei que, de fato, ela tinha razão, mas que não precisava se preocupar. Continuei o diálogo com a informante. No final, como me disse que sou irmã, a informante estava muito emocionada e disse que numa outra vez ela contaria outras coisas. Então, rezamos junto, incluímos as outras que estavam no mesmo cômodo, mas relativamente "separadas" de nós duas. Ir. Maricela se comprometeu de visitá-las e incluí-las no seu espaço pastoral. Ao sair, perguntei quem era a senhora, a informante não me disse, apenas falou baixinho que era uma das amigas que estava no Brasil há mais tempo. Fiquei me perguntando: quem é esta senhora? Que papel ela cumpre junto às suas compatriotas? Será que as protege ou será que é aliciadora?

GRUPO 2

BAIRRO Barra Funda/São Paulo

A aproximação com o segundo grupo aconteceu na ocasião de uma manifestação em praça pública (Praça do Bosque) organizada por uma Associação de paraguaios em SP "*Japayke*" (palavra em guarani que significa "Despertar"), com apoio de outras instituições parceiras. O contato foi intermediado por Humberto Valentin Jara Arrua (presidente da associação *Japayke*) e Izabel Morata Jara, um casal que nos acompanhou nas entrevistas com este segundo Grupo, além de nos levar conhecer alguns espaços em São Paulo.

A praça é um ambiente que faz parte do cotidiano dos imigrantes que vivem na região, não só paraguaios, mas também bolivianos e outros. No local há uma quadra para jogar futebol, um amplo espaço verde e brinquedos para crianças.

Neste contexto foi possível entrevistar as paraguaias que atuam na área de oficinas de confecção/costura.

ASPECTOS GERAIS:

As paraguaias que possuíam documentos estavam mais abertas ao diálogo.

Em diversos momentos durante a realização das entrevistas as paraguaias conversavam entre si em espanhol ou guarani, apesar de a maioria das entrevistas terem sido feitas em português.

Foi possível perceber uma dificuldade de aproximação quando as mulheres estavam na presença de seus maridos/companheiros. Nesses casos o diálogo tinha menos fluidez.

Foi possível perceber que nas vezes em que nos apresentávamos falando espanhol ou nos referindo ao Paraguai com saudosismo ou proximidade afetiva, havia melhor interação com elas.

Tivemos um caso em que a informante começou a falar e imediatamente se aproximou dela uma senhora brasileira. Ela apenas disse que era sua amiga, mas a senhora interveio várias vezes na entrevista querendo responder no lugar da informante. Depois que concluímos a entrevista, discretamente perguntamos a respeito de seu dia a dia e ela disse, "trabalho sem horário, ganho por produção, R\$0,04 centavos por nota fiscal que digito, moro e trabalho na casa do patrão". Perguntamos a nacionalidade de seu patrão e ela nos disse: "é brasileiro e esta minha amiga também trabalha com ele há mais tempo do que eu, mas ela faz outro trabalho". Aí, nossa conversa foi interrompida.



A impressão que ficou é que temos porta abertas para outros diálogos com aquelas pessoas com quem conversamos e entrevistamos. As imagens ficaram registradas na mente.

OBS: os bairros Pary e Barra Funda são um ao lado do outro, apenas a Av. dos Estados atravessa entre um e outro bairro. No questionário o digitador colocou como se fosse todos do PARY.





ANEXO III

RELATÓRIOS DE CAMPO (I e II)

Colombianas no Equador – Autoria: Irmãs Scalabrinianas no Equador

RELATÓRIO DE CAMPO I

1. Las entrevistas se realizaron en diferentes barrios del Cantón Lago Agrio donde hay **más presencia de población refugiada** de colombianas y colombianos; las visitas las hicimos en sus viviendas de inquilinato, en su mayoría cuentan con luz y agua de pozo. Algunas de las **mujeres trabajan** eventualmente lavando ropa, en limpieza de casas, cocinando ropa, otras están desempleadas.
2. En su mayoría no es fácil encontrar cuartos de arriendo cuando hay niños pequeños y más de dos. No es fácil el acceso de trabajo para las mujeres y sobre todo con niños por este motivo algunas se ven **obligadas a trabajar en bares, cantinas y prostíbulos** para la supervivencia de ellas y sus familiares, son **víctimas de explotación** laboral y sexual.
3. No es fácil vivir sin el esposo o compañero en un lugar donde arriendan hombres solos porque **se ven expuestas y muchos hombres** piensan que **todas las mujeres colombianas son prostitutas**. Por ser mujeres jóvenes o solas son vulnerables a la **trata** de personas, una de ellas fue víctima de este proceso.
4. En la provincia de Sucumbios contamos con una oficina de la misión scalabriniana y a estas familias las conocíamos en la participación de los diferentes talleres que realizamos y en las visitas domiciliarias.
5. Lago Agrio se encuentra a 20 kilómetros del Río San Miguel frontera con Colombia, siendo **esta ciudad puente** para buscar otros lugares donde se sientan seguros del conflicto armado. Se quedan en Lago Agrio las personas que no tienen recursos para movilizarse. Lago Agrio no cuenta con albergue para las familias desplazadas.



RELATÓRIO DE CAMPO II

Local donde fueron **entrevistadas** las **mujeres migrantes**: en la iglesia católica donde tenemos nuestras oficinas, donde hay servicios básicos, lo cual la que necesitaba podía hacer uso de ello.

También fueron entrevistadas algunas mujeres en el **barrio Luis Cevallos** donde acuden muchas de ellas cuando llegan. Este lugar sí **carece de servicios básicos, públicos**, el mercado está lejos tienen que salir al mercado por una necesidad mayor puesto que las tiendas de víveres son escasas donde no hay muchos productos.

Las mujeres **después** de tomar **confianza** con el entrevistador se derraman a **llorar** puesto que manifiestan **tener mucho miedo** por la persecución de sus agresores, puesto que en este pueblo entran y salen sin problemas muchos de ellos, **no se sienten seguras** aquí.

Se realizó pastoralmente la investigación en su totalidad. La mayoría de estas son de nacionalidad colombiana de Nariño.





